



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERRITÓRIO E REDE DA UNIÃO DO VEGETAL

Pamela Morales Arteaga
Dissertação de Mestrado

Brasília-DF: Dezembro de 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERRITÓRIO E REDE: O LUGAR DO VEGETAL EM BRASÍLIA

Pamela Morales Arteaga

Orientadora: Marília Luiza Peluso

Dissertação de Mestrado

Brasília-DF: Dezembro 2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERRITÓRIO E REDE: O LUGAR DO VEGETAL EM BRASÍLIA

Pamela Morales Arteaga

Dissertação de Mestrado submetida ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Mestre Geografia, área de concentração Produção do Espaço Urbano, Rural e Regional.

Aprovado por:

Marília Luiza Peluso, Doutora (GEA-UNB)
(Orientadora)

Neio Lúcio de Oliveira Campos Doutor (GEA-UNB)
(Examinador Interno)

Maria Geralda de Almeida, Doutora (IESA-UFG)
(Examinadora Externa)

Gloria Vargas, Doutora (GEA –UNB)
(Examinadora Suplente)

Brasília –DF _____ de _____ de _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha orientadora, Dra. Professora Marília Peluso, pelo constante apoio e fortalecimento de meu conhecimento, que através deste longo processo vem me entregando as ferramentas necessárias para a conclusão deste trabalho, e também pela paciência que teve no procedimento.

Agradeço ao Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, ao Departamento Médico Científico e em especial ao Núcleo Luz de Oriente por ter outorgado os elementos necessários para o desenvolvimento deste trabalho, expressando meus votos de gratidão.

Agradeço com muita gratidão a meu brother, colega e incansável questionador de conhecimento Wallace Pantoja, com as longas conversas de perguntas sobre ciência geográfica/psicológica/religiosa que, com certeza, vem agregar este novo chapéu de geógrafa que visto.

Agradeço de coração a minha família que, mesmo estando a distância sempre tem sido um apoio constante em todos os caminhos que venho trilhando ao longo de minha caminhada acadêmica e de vida.

Agradeço, a Renata pela criatividade que ela teve na criação das imagens que aportam com arte visual do projeto.

Ficha catalográfica

Pamela Morales Arteaga

Resumo:

Esta pesquisa trata do território e das redes geográficas da religião ayahusaqueira União do Vegetal, em Brasília. Busca-se interpretar os objetivos da pesquisa que foram; a construção do território da União do Vegetal, diferenciando elementos relevantes do território; debatendo a hierarquização do grupo na sua atuação territorial e relacionando as percepções dos adeptos com suas práticas territoriais em rede. As hipóteses que nortearam o trabalho foram; A construção do território sagrado da UDV não se define apenas por contiguidade, mas por redes que viabilizam trocas e aprofundam a unidade do grupo (sentido de lugar) em diferentes pontos do território nacional, e As práticas agroecológicas e de preservação da natureza se dão no território-rede da UDV em função da necessidade do “Vegetal” hoasca, geossímbolo central na concepção e prática religiosa do grupo. Como metodologia se utilizou a pesquisa-ação participante de cunho qualitativo, se realizaram-se entrevistas em profundidade com 13% de os integrantes da sociedade religiosa. Para alcançar esses objetivos foram utilizados conceitos de território-rede, geossímbolo, ambiente e sentido de lugar. Como principais conclusões tem-se que o território se constitui a partir da circulação da energia do grupo hierarquizado religiosamente, da força da palavra do Mestre fundador da religião e do geossímbolo “Vegetal”, resultado da união do mariri e da chacrona, plantas amazônicas. O projeto de mundo está ligado à expansão em rede do ambiente para o ritual, indissociáveis do território/lugar na UDV.

Palavra chave: União do Vegetal, Território/Rede, Lugar, Geossímbolo

Resumen

Esta investigación trata del territorio y red geográficas de la religiones ayahuasquera Unión de Vegetal en Brasíla. Se busca interpretar los objetivos de la investigación fueron; a construcción del territorio de la Unión de Vegetal, identificando los elementos de territorio; discutiendo la organización jerárquica del grupo en su acción territorial; relacionando las percepciones de los adeptos con sus prácticas territoriales en red. Las hipótesis que nortearon el trabajo fueron; La construcción del territorio sagrado de la UDV no se define apenas por continuidad, más, por red que viabilizan las trocas y profundizan la unidad del grupo (sentido lugar) en diferentes puntos del territorio nacional, como segunda hipótesis las prácticas agroecológicas y de preservación de la naturaleza suceden en el territorio-red de la UDV en función de la necesidad del "Vegetal" hoasca, geossimbolo central en la concepción y práctica religiosa del grupo. Como metodología se utilizo la pesquisa-acción cualitativa participante, se realizaron entrevistas en profundidad con 13% de los integrantes de la sociedad religiosa. Para alcanzar esos objetivos fueron utilizados los conceptos de territorio-red, geossimbolo, ambiente e sentido de lugar, organización estructural y social. Las principales conclusiones son el territorio se constituye a partir de la circulación de energía del grupo jerarquizada religiosamente, la fuerza de la palabra del Lider fundador de la religión y del geosimbolo "Vegetal", resultado da unión do mariri y de la chacrona, plantas amazónicas. El proyecto de mundo está relacionado con la expansión en red del ambiente para el ritual, inseparable territorio/lugar en la UDV.

Palabras claves: Unión de Vegetal, Territorio/Red, Lugar, Geosimbolo

Abstract

This research deals with the territory and geographical network religions ayahuasquera Union vegetable in Brasilia. It seeks to interpret the research objectives were; to construction of the territory of the Union of Vegetable, identifying the elements of territory; discussing the hierarchical organization of the group in its territorial action; linking the perceptions of the followers with its local network practices. The assumptions that guided the study were; The construction of the sacred territory of the UDV is not defined just by continuity, again, by network that make possible the trucks and deepen the unity of the group (meaning place) in different parts of the country, as a second hypothesis agro-ecological and conservation practices nature occurring in the territory of the UDV-red depending on the need of "Plant" hoasca, central geossimbolo in the conception and practice religious group. As the action research methodology participant was used qualitative, in-depth interviews were conducted with 13% of the members of the religious society. To achieve these objectives we used the concepts of territory-network geossimbolo, environment and sense of place, structural and social organization. The main conclusions are the territory is constituted from the circulation of group energy hierarchical religiously, the strength of the word of the founder of the religious leader and geosymbol "Plant" result gives do union mariri and chacrona, Amazonian plants . The draft world is related to the expansion of network environment for the ritual, inseparable territory / place in the UDV.

Keywords: Vegetable Union Territory / Red, Place, geosymbol

Listado de Ilustrações

Figura 1.- Localização dos Núcleos da UDV em Brasília	Pág. 14
Mapa 1 - Percurso de José Gabriel em busca do “tesouro”	Pág. 22
Figura 2.-Representação do Mestre Gabriel	Pág. 23
Figura 3.- Mapa das Regiões da UDV	Pág. 25
Figura 4 - Relação de criação entre as regiões da União do Vegetal.....	Pág. 26
Figura 5.- Organograma Direção Geral da UDV.....	Pág. 29
Figura 6.- Organograma de Administração da UDV	Pág. 31
Quadro 1.-Síntese Hierárquica e suas funções	Pág. 31
Figura 7.- Localização Núcleo Luz do Oriente.....	Pág. 35
Imagem 1.- Salão do Núcleo Luz do Oriente.....	Pág. 36
Figura 8.- Croqui Núcleo Luz de Oriente	Pág. 37
Imagem 2.- Mariri em Ambiente Núcleo	Pág. 70
Imagem 3.- Chacrona Ambiente Núcleo.....	Pág. 70
Imagem 4.- Mariri Plantado no Cerrado.....	Pág. 71
Imagem 5.- Mariri em Sistemas Agro Florestais	Pág. 71
Imagem 6.- Mariri em Ambiente Núcleo LDO.....	Pág. 72
Imagem 7.- Laboratório Luz do Saber	Pág. 78

Epigrafe

“O espírito da profundidade tomou minha razão e todos meus conhecimentos e os colocou ao serviço do inexplicável e do absurdo”. Fle me roubou fala e escrita sobre tudo que não estivesse a serviço disto, isto é, da inter fusão de sentido e absurdo que produz o sentido supremo.

Mas o sentido supremo é o trilho, o caminho e a ponte para o porvir. \dot{F} Deus que vem – não é o próprio Deus, mais sua imagem, que se manifesta no sentido supremo. Deus é uma imagem, e aqueles que o adoram devem adorá-lo na imagem do sentido supremo. (JUNQ, 2013,p.229)

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO I CONTEXTUALIZAÇÃO DA UNIÃO DO VEGETAL (UDV).....	21
CAPÍTULO II TERRITÓRIO E REDE DA UDV EM BRASÍLIA	35
2.1. NÚCLEO LUZ DO ORIENTE – UMA APROXIMAÇÃO.....	35
2.2. TERRITÓRIO E REDE DA UDV EM BRASÍLIA.....	38
2.2.1. Rede de circulação das representações do território da UDV.....	43
2.2.2. A força da palavra	50
2.2.3. Acionamento do território no contexto da UDV	56
CAPÍTULO III O LUGAR DO VEGETAL: EXPERIÊNCIANDO O NÚCLEO.....	60
3.1. O SENTIDO DO LUGAR NA UDV: LUZ DO ORIENTE	60
3.2. O VEGETAL: PLANTAR O AMBIENTE.....	66
3.3. O PROJETO DE MUNDO NO LUGAR –NÚCLEO.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
ANEXOS A.....	87
ANEXO B	88
APÊNDICE	89

INTRODUÇÃO

Falei em epopeia, e retorno a palavra para vos dizer que ela marcará, sem dúvida, uma época, isto é, “o lugar do céu em que o astro atinge seu apogeu”. Chegamos hoje, realmente, ao ponto máximo de nossa obra.

Juscelino Kubitschek (1961)

Brasília, com seus traços modernistas, tem a sua paisagem urbana mais visibilizada particularmente marcada pelas obras de Oscar Niemeyer. As palavras de Juscelino Kubitschek trazem uma leitura que emula o moderno ao mítico, o profano da racionalidade ao sagrado evocado nas imagens do céu e da epopeia. Um mergulho na paisagem urbana revela também a possibilidade de pensar o moderno como espaço altamente permeável ao sagrado, apesar da aparente oposição das ideias.

É possível perceber a heterogeneidade do sagrado, consubstanciado em religiões com forte apelo institucional e imagético, tanto no Plano Piloto, quanto no Distrito Federal¹. Na presença diversificada de grupos religiosos, encontram-se católicos, espíritas, evangélicos, budistas, judeus, místicos, muçulmanos, maçons, afroreligiosidades e sociedades ayahuasqueiras. Com suas marcas na paisagem, igrejas, mesquitas, sinagogas, terreiros, vales² e núcleos.

Assim estamos diante de uma organização espacial modernista, porém marcada pela emergência de territorialidades religiosas e que evocam tradições imemoriais, na medida em que os indivíduos e grupos sociais buscam novas (ou reconstituir antigas) relações na vida urbana contemporânea, o que vai se refletir na ocupação e organização espacial brasileira.

Interessante notar que se o moderno significa, em grande medida, o controle humano da natureza e sua exploração econômica, é justamente a natureza um dos focos centrais das expressões do sagrado e das diversas religiões que têm como sede a Capital do país. O que está em discussão aqui é justamente esta dinâmica relacional entre território e ambiente a partir de uma posição religiosa/sagrada

¹ O Distrito Federal é composto por 32 Regiões Administrativas (RAs), a RA I é chamada de Brasília, onde se encontra o Plano Piloto e a maior parte da arquitetura moderna tanto nos projetos concebidos por Oscar Niemeyer e no plano urbano de Lúcio Costa.

² O vale do Amanhecer –VDA, surge no ano de 1969 na cidade de Planaltina, cidade satélite [RA, VI] de Brasília, fundado por Neiva Chaves Celaya e marcou por um forte sincretismo religiosos, no qual vários elementos de diversas origens articulam-se. Em sua composição encontramos elementos oriundos do catolicismo, espiritismo, umbanda e da *new age*, havendo referências as culturas inca, maia, asteca, egípcia, grega, indiana e judaica. (OLIVERA, 2009, p. 37).

específica em um tempo moderno e um espaço que se realiza como apologia à modernidade.

O território do Distrito Federal, ao expressar a diversidade religiosa e cultural, convida a uma construção do diálogo entre as diversas religiões, assim como o respeito das pessoas à liberdade de crença e de expressão. Essa característica é relevante já que fornece uma base para análise da construção dos territórios na Capital do país.

O presente trabalho busca analisar a constituição do território da União do Vegetal (UDV), cujo núcleo de atuação será o Luz do Oriente³, enquanto referência empírica, como fundamento da expansão articulada em rede de práticas territoriais, tanto na escala local (Distrito Federal), quanto na escala global (organização reticular do território religioso focado). O foco central da discussão será na escala local de Brasília, a escala global, não será enfatizada nesta pesquisa.

A União do Vegetal é uma das religiões *Ayahuasqueiras*, como são denominadas todas as religiões que têm como prática a ingestão do chá *ayahuasca*.

A partir de estudos bibliográficos, verifica-se que o uso ritualístico da ingestão do *ayahuasca* é principalmente de origem indígena, utilizado por cerca de 70 grupos, expandindo-se do Peru à Colômbia e à Bolívia. O Brasil ocupa o terceiro lugar na forma de utilização ritualística, das quais surgem três religiões: a UDV, além do Santo Daime e da Barquinha (LABATE; ARAÚJO, 2002, p.128).

Assim como indica Andrade (2005), a palavra original é “ayahuasca”, em língua quíchua – utilizada entre os incas e nações na confluência entre Amazonas e Andes – que significa “cipó da alma ou cipó do espírito para (...) designar a planta com a qual fazem o chá. É por este (...) cipó que o índio sobe, entra em estado de êxtase” (ANDRADE, 2005, p. 87).

A UDV foi fundada em Porto Velho (RO) por José Gabriel da Costa, soldado da borracha que se dirigiu para o Amazonas, vindo da Bahia (Salvador) em 1944, em busca de um tesouro. Inicia sua vida na floresta, conhece a sua mulher e casa-se em 1947, em Porto Velho, onde se estabeleceu junto a sua família. Continua trabalhando como soldado da borracha no Seringal de Junta, onde fica sabendo da existência do chá. No 1º de abril de 1959 bebeu pela primeira vez o vegetal e passa

³ A União do Vegetal possui uma hierarquia baseada em Sede Geral (Brasília), Regiões Administrativas e os membros se reúnem em espaços denominados núcleos, em um total 128 núcleos no Brasil.

a distribuí-lo. Desde esse momento é chamado pelos seguidores como Mestre Gabriel. O primeiro núcleo, vale ressaltar, localizava-se na casa dele próprio. Porém, a trajetória de vida do fundador da religião o levou a Brasília, onde faleceu, marcando o espaço do DF para a sociedade religiosa. A partir do dia 1º de novembro de 1982 a sede geral da UDV é trasladada à capital federal, para efeito de melhor administração (RABELLO, 2012).

No Distrito Federal, a UDV difundiu-se por diferentes regiões administrativas (RAs). Alguns de seus centros são: Sede Geral e Núcleo Príncipe Teseu, localizados em Planaltina; Núcleo Estrela Matutina, localizado em São Sebastião; Núcleo Canário Verde, localizado em Sobradinho; e os Núcleos Gaspar e Luz de Oriente, que se situam em Brazlândia (UDV, 2013). Territorializada, a UDV, imprime no DF um projeto de mundo simbólico-cultural e social a partir de suas ações, intimamente entrelaçadas com a formação de uma representação de mundo, estratégias de organização e um forte senso de pertencimento ao espaço.



Figura 1 - Localização dos Núcleos da UDV no Distrito Federal. Fonte: CODEPLAN, 2015. Elaborado por Pamela Arteaga e Renata Fontenelle com base na pesquisa de campo.

Ao pensar o território da UDV, construído de maneira reticular, não podemos deixar de observar que o homem e a mulher religiosos, relacionam-se com este mesmo território de maneira não apenas utilitária e material, mas também afetiva e imaterialmente (simbólica). Dessa maneira, o desafio interpretativo da organização

religiosa UDV e sua territorialidade, exige uma estruturação a partir de eixos integrados. Os eixos temáticos para análise deste estudo serão: Território-Rede, Geossímbolo, Ambiente e Sentido de Lugar.

A utilização destes eixos não é gratuita; parte de uma pesquisa exploratória inicial, da organização da UDV. Na medida em que percebemos que organização do território-rede, demanda um processo de identificação dos fundamentos dos territórios, que neste caso são; linguagem, controle do espaço (territorialidade) e hierarquização/circulação de energia a partir desses elementos espaciais representativos para o grupo, estruturados em um ambiente construído que repercute nos membros o sentido de pertencer a este território religioso, o que exige uma aproximação com o debate do Lugar como Geossímbolo, evidenciando as características centrais para o entendimento geográfico.

A base central deste projeto se dará na religião Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, especificamente no Núcleo Luz do Oriente, em função de elementos geograficamente relevantes como caminhos interpretativos: a) as práticas religiosas ligadas à natureza construída pelo grupo; b) a posição do núcleo no território reticular; c) as relações que viabilizam a construção do território, como projeto de mundo e sentido de lugar para os próprio membros; d) a reticularidade religiosa na contemporaneidade e seus impactos na vivência humana;

Porém, aqui se fala de um território que é representado por um ator principal, os membros da UDV; e esta ação consegue territorializar uma concepção de vivência religiosa, expandindo-se pelo Brasil e por vários lugares do mundo.

Para apreensão do processo de expansão territorial da UDV a partir de Brasília em diálogo com as dimensões das redes e do lugar, faz-se necessário aproximar-se do debate interrogativamente. Para isso, elegeu-se o núcleo Luz do Oriente como referente empírico, porque tem uma trajetória superior a 10 anos de formação; entre os seus adeptos encontram-se uma pessoa que bebeu vegetal com o Mestre Gabriel e foi um dos núcleos que se mostrou aberto a participar na pesquisa, na medida em que esta pode aprofundar o entendimento do processo de construção do espaço sagrado e a materialização de suas redes.

A pergunta que motiva inicialmente a pesquisa é: Como se organiza territorialmente a União do Vegetal, em Brasília, bem como que projeto de mundo emerge desta organização?

A pergunta geral aponta para algumas questões da UDV que são: a) Quais os elementos que conformam o território da União do Vegetal em Brasília? b) Que conexões em rede o território da UDV viabiliza, tendo como elementos importantes, nesta análise, o ambiente e lugar? c) Quais são as territorialidades que emergem neste território-rede? Como tais territorialidades, no Distrito Federal, compõem o projeto de mundo da UDV?

A pergunta geral demanda uma hipótese: A União do Vegetal se organiza a partir um território em rede, do espaço local ao global, consubstanciando um projeto de mundo ligado a práticas religiosas de base ambiental.

A hipótese geral se amplia em duas hipóteses específicas. Propõe-se:

1. A construção do território sagrado da UDV não se define apenas por contiguidade, mas por redes que viabilizam trocas e aprofundam a unidade do grupo (sentido de lugar) em diferentes pontos do território nacional.

2. As práticas agroecológicas e de preservação da natureza se dão no território-rede da UDV em função da necessidade do “Vegetal” hoasca, geossímbolo central na concepção e prática religiosa do grupo.

Tais hipóteses abrem a possibilidade para pensar alguns objetivos centrais a serem perseguidos com a pesquisa.

Como objetivo geral, busca-se interpretar a construção do território da União do Vegetal, como fundamento da articulação em rede de práticas socioambientais e geossimbólicas, diretamente na escala local e indiretamente na global.

Este objetivo se desdobra em específicos:

1. Identificar os elementos do território da União do vegetal;
2. Discutir a organização hierárquica do grupo em sua ação territorial;
3. Relacionar as percepções dos membros com suas práticas territoriais (socioambiental e geossimbólica) em rede;

Para o desenvolvimento da pesquisa, o percurso do método é centralmente ligado à pesquisa-ação. Entretanto, sabemos que não é simples definir a pesquisa-ação, haja vista que há diferentes formas de pesquisa-ação, bem como diferentes aplicações para a mesma (TRIPP, 2005). Nossa pesquisa-ação é essencialmente qualitativa e participante, tendo em vista a imersão que se realizará no Núcleo Luz do Oriente (DF), e definição do objeto de pesquisa.

Segundo Tripp (2005, p. 447):

[...] pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática, e [...] as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica (isto é, enfrentar a revisão pelos pares quanto a procedimentos, significância, originalidade, validade etc.)

Portanto, enquanto pesquisa-ação de caráter qualitativo, precisa estar tecnicamente embasada nos parâmetros científicos, em geral, e geográficos, em particular. É importante ressaltar que a pesquisa de base qualitativa está centrada no processo e não simplesmente no resultado.

O interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta em atividades, procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem compreender o quadro referencial (a estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. Portanto, a pesquisa-ação de caráter qualitativo precisa estar tecnicamente embasada nos parâmetros científicos em geral e geográficos em particular. É importante ressaltar que a pesquisa de base está centrada em processos e não simplesmente em resultado. (SOTRATTI; MARAFON, 2013, p. 196).

Esta ênfase no processo nos possibilita uma aproximação do cotidiano e do sistema de referências simbólicas, sociais e espaciais utilizadas pelos membros do grupo na organização da sua vida – individual e coletivamente. Como procedimentos metodológicos para o desenvolvimento da dissertação, destacamos:

1. Revisão Bibliográfica, para aprofundamento da discussão dos conceitos base e do método, enfatizando a problemática do território, das redes, concepção de natureza a partir dos membros e seu sentido de lugar; a) Não será uma revisão exaustiva e sim operacional, ou seja, dar conta da amplitude do conceito escolhido, tendo em vista sua articulação com nosso referente empírico; b) Os conceitos serão desenvolvidos tendo em vista a sua aproximação, haja vista que nos próximos capítulos a pesquisa se guia a partir dos eixos conceituais Território-Rede; Geossímbolo e Ambiente/Lugar; numa interpretação contextual dos eixos; c) Não se ignoram outras conexões entre os conceitos, mas aqui serão enfocadas conexões intimamente relacionadas com a União do Vegetal alicerçando a interpretação proposta; d) Para esclarecimento dos eixos dentro de uma perspectiva geográfica, faz-se necessário explicitar o que se entende por território e sua aproximação com a geografia na perspectiva do lugar e do ambiente;

2. Pesquisa Documental: publicações oficiais da sociedade religiosa, arquivos fotográficos pessoais de adeptos, audiovisuais de Mestres antigos.
3. Pesquisa-ação: conforme Thiollent (2004) consubstanciando em Lewin, a pesquisa-ação “tem como princípio a vivência de situações, diálogos, é a submersão do pesquisador na realidade do investigado, tentando captar as características mais sutis do grupo pesquisado” (LEWIN *apud* THIOLLET, 2004, p. 18). Trata-se de um método, ou de uma estratégia, de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa, com o qual se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível de captação de informação. (THIOLLET, 2004).
4. Registro de Pesquisa: construção de registros de pesquisa, registros de imagens na convivência cotidiana com o grupo em questão, sobretudo no Núcleo Luz do Oriente, em Brazlândia e em viagem a Manaus (onde há um número significativo de núcleos);
5. Entrevistas:
 - 5.1. Entrevistas semiestruturadas: foram desenvolvidas, no âmbito da observação participativa, entrevistas com membros da sociedade religiosa e Corpo do Conselho (CDC), para compreensão da visão global e diferenciações internas no grupo. A indicação dos entrevistados se deu pela estratégia de "bola de neve", ou seja, um entrevistado indica o próximo, o que permite inferir um sistema de reconhecimento entre os mesmos acerca de quem tem maior experiência e capacidade discursiva no grupo, o que se aproxima de uma rede de confiança.
 - 5.2. Entrevista em profundidade (MINAYO, 2006) com os mestres da UDV do Núcleo Luz do Oriente, a partir da proposta de Etnometodologia (WATSON; GASTALDO, 2015), desenvolvida por tópicos mais gerais, possibilita construções narrativas mais livres e evidencia as questões territoriais na perspectiva dos mestres que lideram o grupo em seu contexto cotidiano:

[...] se formos pesquisar os modelos pelos quais as pessoas agem em determinados contextos, esses contextos são tão diversos e variáveis que vamos ter sempre de recomeçar, sempre fazendo ajustes para cada situação particular. [...] para estudar a ação social em contextos tão distintos uma abordagem diferente seria necessária, uma abordagem que permitisse máxima sensibilidade ao *contexto* (WATSON; GASTALDO, 2015, p. 20).

6. A interpretação sobre o material apreendido parte de uma abordagem geocultural que, segundo Bonnemaïson (2002, p. 105) é: [...] procurar definir este espaço onde se aloja a cultura. Isto não é simples, pois a cultura não organiza o espaço, mas o penetra. Ela desenha no solo uma semiografia feita de um entrelaçado de signos, figuras e sistemas espaciais que são a representação, arrisquemos a palavra “geossimbólica” da concepção que os homens fazem do mundo e de seus destinos. Essa semiografia quadricula o espaço de territórios que são sociais e, mais profundamente, culturais.

Nesta pesquisa se assumirá o processo de pesquisa participante. Obviamente, a pesquisa-ação de caráter participante, implica um cuidado nas anotações, no registro imagético, no desenvolvimento de entrevistas no percurso do processo. Na medida em que, por um lado, corre-se o risco de enviesar o trabalho, já que se está imerso no contexto do território da UDV. Por outro lado, esta posição “de dentro” significativamente importante para apreensão de aspectos e elementos que, de outro ou “de fora” não seriam percebidos e nem compreendidos.

Como assinala Velho, na observação familiar o pesquisador é o próprio trabalho de investigação e à reflexão sobre o grupo pesquisado, evidenciando sua cultura, convivência e características particulares, estando ele imerso no processo, sendo favorável já que se tem um reflexo fidedigno da realidade social, mas também saber manter a distância necessária para evitar o surgimento de complicações, onde se acredite que se tem o conhecimento ou desconhecimento de familiaridade ou do não familiar. Assim possibilitando uma investigação científica de consequências radicais – o questionamento central será o exame sistemático de seu próprio ambiente. (VELHO, p 128, 2012), alcançando resultados que trazem uma naturalidade ao processo investigativo, mas sempre mantendo a distância no processo de análise da interpretação dos resultados.

Isso representa um alerta, nesta pesquisa, pois não se pretende colocar a realidade submetida a uma teoria a priori. A forma de pesquisar a realidade implica a participação da população como agente ativo no conhecimento de sua própria realidade e possibilita-lhes adquirir conhecimentos necessários para resolver problemas e satisfazer necessidades. A pesquisa, por ser ação, a própria forma ou a maneira de fazer a investigação da realidade gera processos de ação das pessoas envolvidas no projeto. O modo de fazer o estudo, o conhecimento da realidade já é

ação; ação de organização, de mobilização, sensibilização e de conscientização (BALDISSERA, 2001).

No âmbito da pesquisa-ação, desenvolver-se-ão entrevistas com os membros da UDV (Cf. Anexos). A organização das perguntas partiu da própria pesquisa-ação, que, em seu início, teve um caráter exploratório. Para o desenvolvimento das perguntas se relacionam os objetivos pretendidos pelo projeto de pesquisa ao cotidiano e vivência dos entrevistados, na tentativa de que as falas pudessem comunicar elementos territoriais importantes, apesar de o termo “território” não ser uma constante em grupos religiosos tais como a UDV.

O número de entrevistados não foi pré-definido. Embora pudéssemos realizar no núcleo uma amostragem estatística, preferimos adotar uma "amostragem por saturação" (TURATO *apud* PESSÔA; RAMIRES, 2013, p. 126), que consiste em incluir sujeitos por critérios de homogeneidade ampla, fechando a amostra quando as respostas vão se tornando excessivamente repetitivas.

Sendo assim, se realizaram um total de quinze entrevistas no Núcleo Luz do Oriente, atingindo esta margem de repetitividade. Porém, também foi decidido desenvolver uma "amostragem bola de neve", quando determinados membro e/ou líder entrevistado, pela sua vivência na UDV. Neste caso, destacamos entre os entrevistados: o Quadro de Mestre, uma Conselheira que teve a vivência com o fundador do grupo.

Vale resaltar que na entrevista com os líderes do Núcleo Luz do Oriente, para uma melhor aprofundamento e alcance dos objetivos de pesquisa, se apresenta 4 imagens do Núcleo Luz do Oriente que representa a convivência e os trabalhos do espaço-território.

A primeira imagem mostrava o templo onde se realiza o ritual religioso; a segunda imagem mostrava o trabalho realizado no plantio, onde mostrava um grupo de pessoas trabalhando a terra e a quarta imagem era uma imagem de natureza do norte do Brasil que não fazia referencia a seu núcleo, sendo um lugar desconhecido para os líderes.

A ideia de apresentar essas imagens foi porque num dos eixos se analisa o ambiente e se quer resgatar esse amor pelo lugar, como assinala Tuan, “topofilia” o objetivo do autor é a representação do laço afetivo que se desenvolve com o ambiente, em busca daquele lugar que traz um conforto uma segurança. (TUAN,2012)

As respostas foram organizadas em eixos de interesse que se aproximam à nossa proposição – território-rede, geossímbolo, ambiente e sentido de lugar – interpretada numa dimensão geocultural (BONNEMAISON, 2002).

O registro imagético se deu ao longo da pesquisa-ação, com autorização da direção geral, com o que se pretenderá apreender as relações simbólicas entre território e sujeitos, bem como compreender os "geossímbolos" (BONNEMAISON, 1999) que evidenciam a unidade de grupo e são altamente valorizados. Destacando-se, neste caso, os eixos já expostos.

O cruzamento das entrevistas (Cf. Anexo) com as impressões do campo e o registro imagético, é a base empírica do desenvolvimento da pesquisa que, em diálogo a posteriori com a conceituação proposta de base geográfica, possibilitou a interpretação que, acredita-se, possui reduzidas incoerências e imprecisões.

No primeiro capítulo se fará uma contextualização da União do Vegetal (UDV), identificando origens, caminhos e organização institucional e reticular. No segundo capítulo se interpretará a construção do território da UDV em Brasília, trazendo elementos como redes e organização reticular da UDV em Brasília. No terceiro capítulo se interpretará a experiência do território da UDV, especificamente a do Núcleo Luz do Oriente, explicitando as relações entre território-redes, geossímbolos e o sentido de pertencimento que passa pelo ambiente e o lugar que os membros vivenciam.

Nas considerações finais será realizada uma síntese das ideias desenvolvidas, sinalizando para os limites da pesquisa, bem como seu caminho de desenvolvimento.

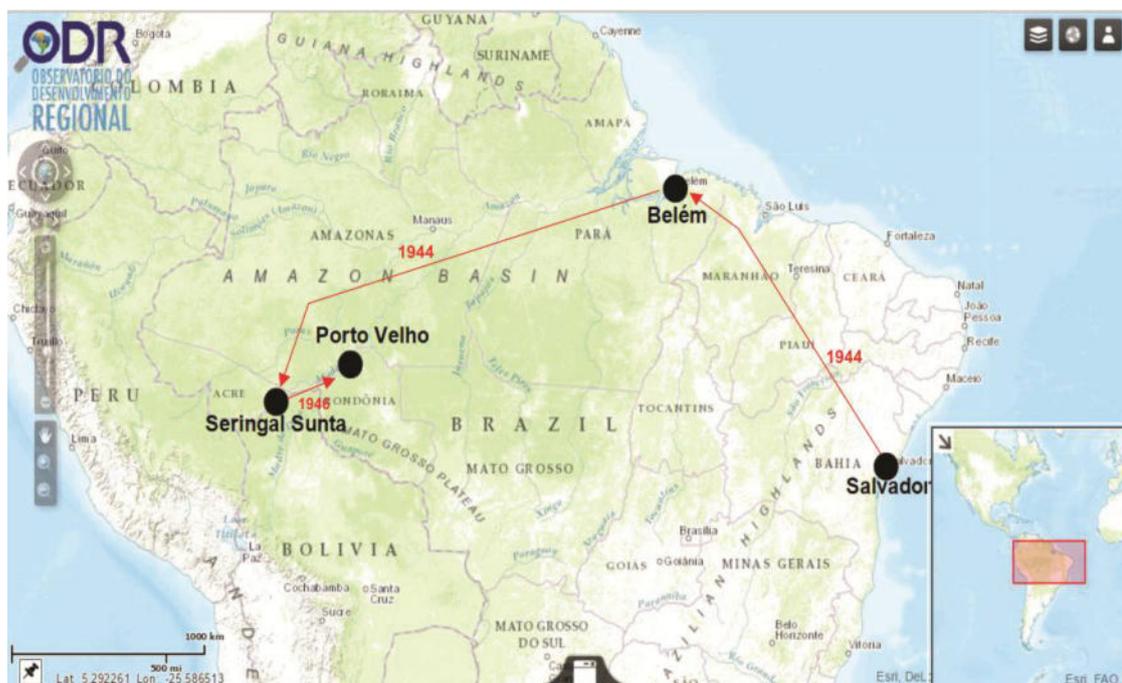
CAPITULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO DA UNIÃO DO VEGETAL (UDV)

Na contextualização se abordará o percurso do fundador da sociedade religiosa, assim como também a formação institucional do Centro Espirita Beneficente União do Vegetal, a consolidação da sua administração e as normas que regem o centro.

1.1. A SAGA DO MESTRE

José Gabriel da Costa nasceu na Bahia, nas proximidades de Feira de Santana, no dia 10 de Fevereiro de 1922, sendo o oitavo filho de uma família de 14 irmãos. Em 1943 saiu de Coração de Maria, em direção à capital Salvador, em busca de seu destino. Em 1944, alistou-se como soldado da borracha⁴, indo a trabalhar aos seringais da Amazônia, onde inicia sua vida na floresta.



Mapa 1 - Percurso de José Gabriel da Costa em Busca do "Tesouro". Fonte: Observatório de Desenvolvimento Regional - Ministério da Integração. Elaborado por: Pamela Arteaga e Renata do Fontenelle, 2005.

Bebeu o vegetal pela primeira vez no dia 1 abril de 1959, em pleno coração da floresta, tendo recebido o primeiro copo de vegetal de um seringueiro conhecido pelo o nome de Chico Lourenço. Ao comungar o Vegetal Hoasca, o Mestre José Gabriel, reconhece sua missão espiritual e passa a distribuí-lo, fundando esta

⁴ José Gabriel se integra a massa de nordestinos que se lançam como “brabos” (termino utilizado para as pessoas que nunca cortaram seringa, nunca ando na floresta.) ele foi um desses homem que aguda inteligência e destreza , que não somente conseguiu sobreviver como chego a ser considerado pelos companheiros como “Tuxáua” (um seringueiro que cortava a maior quantidade de seringa na região).

sociedade religiosa de base espírita, com o pensamento de torná-la uma referência de seriedade e transparência, focada no respeito tanto às leis do país como às leis espirituais (COSTA-BERNARDINO, 2011). Assim, em meados de 1961, ainda no meio da floresta, anunciou a seus discípulos a criação da União do Vegetal (Rabello, 2012).

Mestre Gabriel, como é conhecido pela UDV, encontra no Vegetal (Hoasca) o fundamento de sua busca. Neste sentido, há uma aproximação entre a religiosidade indígena e a cultura nordestina na qual o Mestre foi formado. Fala-se em recriar, como a UDV prefere, porque, segundo sua crença, Mestre Gabriel recebe “a missão” do próprio Vegetal (RABELLO, 2012), no sentido de organizar e disciplinar seu uso para fins religiosos em 1971.



Figura 2 - Representação do "Mestre Gabriel". Fonte: www.blog.udv.org, 2015

Utiliza-se o conceito de “recriação” ao invés de criação, já que se compreende o uso do Vegetal como algo que pode ser constituído na história do ser humano, e retomado, no Brasil, na concepção do grupo religioso. A UDV se recria, em 22 de julho de 1961, em Porto Velho no estado do Acre, próximo às fronteiras com o Peru.

Como já anunciamos anteriormente, o território não se expressa sem um elemento importante em sua formação como sistema que é o poder, assim como sinaliza Raffestin (1993, p. 52):

O poder, nome comum, se esconde atrás do Poder, nome próprio. Esconde-se tanto melhor quanto maior for a sua presença em todos os lugares. Presente em cada relação, na curva de cada ação: insidioso, ele se aproveita de todas as fissuras sociais para infiltrar-se até o coração do homem. A ambiguidade se encontra aí, portanto uma vez que há "Poder" e "poder".

O poder é mais fácil de ser percebido, pois está sempre exposto, visível, identificável, sentido. Ele é representado pelos aparelhos inerentes ao território, forma acabada de território para controlar a população e a dominação do recurso. Sendo assim, o poder é multidimensional, ele surge através das relações; é intencional por ter finalidades prioritárias; é dissimétrico, pois está sempre exposto a resistências.

Porém, este "poder" se manifesta a partir de "Poder", seja ele o "Vegetal", seja ele um "lugar central". Por isto, para estruturação e melhor manejo da sociedade religiosa, a Sede Geral do Centro Espírita de Beneficência União do Vegetal é trasladada de Porto Velho para Brasília.

No censo de 2011 que foi realizado pela instituição, verificou-se o número de 15.502 sócios, dos quais se pesquisou a regiões brasileiras, assim como também idade, sexo, escolaridade, estado civil. Foi possível observar a taxa de crescimento do centro e as características de cada região que faz parte da instituição religiosa. Isso permitiu perceber a necessidade de ter um sistema de gestão da informação do centro, o que mais tarde se materializou em no REUNI.

No território nacional, além do DF, a UDV está presente todos os estados, com destaque para: Rondônia (25 núcleos), Amazonas (11 núcleos), Acre (11 núcleos), São Paulo (13 núcleos), Minas Gerais (12 núcleos) e Bahia (11 núcleos) (ABES, 2011, p. 37).

Em escala mundial, destaca-se a presença de núcleos nos Estados Unidos (Washington, Flórida, Colorado, Califórnia, Novo México e Texas), na Espanha (Cáceres), Portugal (Lisboa), Reino Unido (Londres) (BERNADINO-COSTA; SILVA, 2011, p. 41), além da Austrália (RABELLO, 2012).

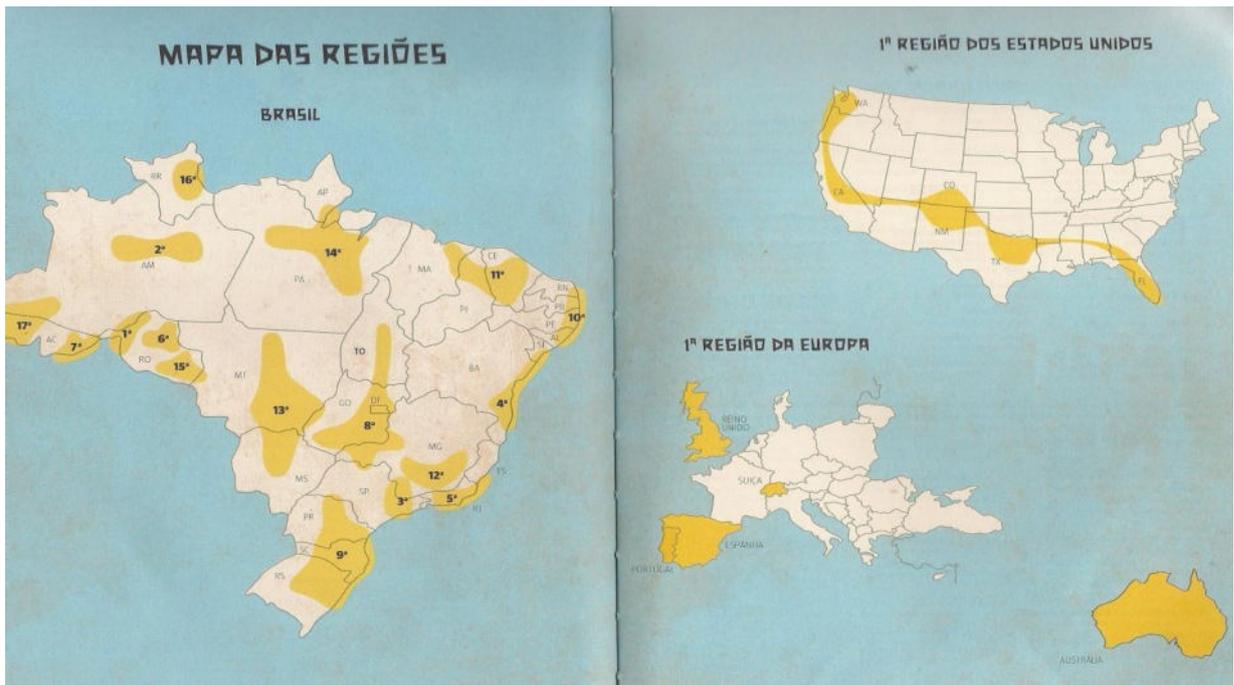


Figura 3 – Regiões do Brasil, Europa, EEUU, que tem União do Vegetal. Fonte: agenda UDV, 2015.

Da mesma forma a religião pode ser um sistema sêmico, na qual sua função é assegurar uma intervenção nas relações que se estabelecem, como enfatiza Raffestin: “Não insistiremos na natureza e no conteúdo dessa mediação a não ser para dizer que os fatos religiosos não escapam da problemática relacional nem, muito menos do poder, por consequência.” (RAFFESTIN, 1993, p. 119).

Como nos indica o autor (RAFFESTIN, 1993) a religião não escapa à relação porque o fiel cria uma relação entre o "poder do território religioso" e sua concepção de mundo, que não escapa ao referente territorial sagrado frente ao mundo profano em que vive. O profano é o mundo onde ele exerce seu cotidiano - de certa forma livre, mas também ameaçado por não percorrer o "caminho sagrado" - de modo que é convocado para o interior do "território sagrado", que mediatiza sua compreensão dos fatos políticos, culturais, sociais e econômicos. Então esses "dois mundos", profano e sagrado, superpõem-se um do outro.

Percebe-se que há mais de 50 anos que a União do Vegetal começou sua institucionalização, seu lugar, no sentido de busca de um refinamento de suas virtudes morais, intelectuais e espirituais (RABELLO, 2012). Porém este objetivo não pode ser alcançado sem uma mediação "sagrada sistematizada". Assim, a organização desta sociedade religiosa, demandou órgãos de apoio e estrutura, uma

hierarquia conforme a seguinte: "Diretoria Geral do centro, estruturados geralmente com um Diretor e um Vice-diretor, Coordenadores Regionais e Monitores em cada um dos núcleos, pré-núcleos ou distribuições autorizadas de Vegetal" (BERNADINO-COSTA, 2011, p. 11).

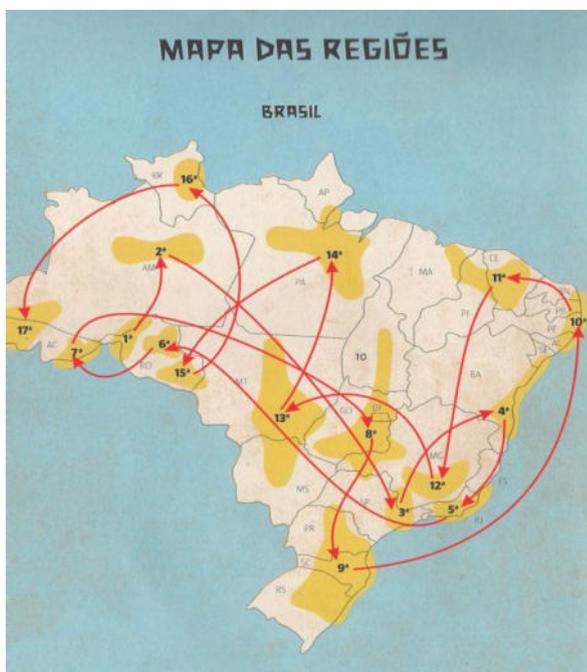


Figura 4 – Relação de criação entre as regiões da União do Vegetal. Fonte: agenda UDV, 2015.

Toda essa estrutura organizativa permite que os adeptos participem das ações do Centro, dando um suporte necessário para seu crescimento, expansão e fortalecimento das áreas de atuação, espiritual e institucional. A última é o modo de relação com o Estado e a sociedade, por meio de diferentes campos, como jurídico, beneficente e científico.

"Mestre Gabriel" inicia a formação hierárquica da UDV, constituída por: Mestre Geral Representante, Mestre Assistente Geral, Mestre Geral, Mestre Representante, Mestre Assistente, Quadro de Mestre, Corpo do Conselho, Corpo Instrutivo, Quadro de Sócios. Todos esses cargos foram criados por Mestre Gabriel, já na criação da UDV, a exceção do Mestre Assistente Geral que foi criado no ano 1996 pelo o Mestre Manoel Nogueira. A razão que motivou a criação deste cargo foi o crescimento da UDV (BERNARDINO-COSTA, 2011). Em 1968, inscreveu-se a UDV em cartório no território federal de Rondônia.

A religião, como a língua, pode também ser concebida como instrumento, cujas funções são múltiplas e complexas. Aqui, percebe-se que predomina o modelo

de relação única, onde se tem um tipo de hierarquia que permite um discurso homogêneo e a possibilidade de controle da sociedade religiosa porque se mantém um discurso que minimiza o gasto de energia da coletividade, permite a comunicação e maximiza a informação, uma estratégia desejável do ponto de vista do poder central. (RAFFESTIN, 1993).

Para produção da comunicação em rede da UDV, é utilizada a ferramenta REUNI (software de comunicação e informação do grupo), que integra e atualiza as informações administrativas no território em rede da UDV. Desta maneira, podemos argumentar que o próprio grupo já se organiza e se entende em rede, com conexão entre os diversos núcleos, de maneira hierárquica, tanto no escala local, quanto regional, nacional e global.

Numa primeira impressão, percebemos que este tipo de hierarquia pode ser autoritário, pela forma como se estrutura, porém, os cargos não são vitalícios e existe uma nomeação democrática dentro do Centro, questão que aprofundaremos no decorrer do texto.

O Mestre Geral Representante é autoridade máxima dentro do centro e realiza a supervisão em todo o Brasil e o Exterior. Ele é auxiliado pelos Mestres Assistentes Gerais; em contato direto com este quadro de Mestres está o Mestre Central, responsável pela supervisão de núcleos, pré-núcleos; e distribuição autorizada de Vegetal. Na sequência, temos o Mestre Representante, que é autoridade máxima local dos núcleos e pré-núcleos, os conselheiros⁵ auxiliam o quadro de Mestre, o corpo instrutivo, sendo auxiliares do Quadro de Mestre (RABELLO, 2012).

Fazer parte do quadro de sócios é o primeiro passo na hierarquia, já demonstrando o compromisso de frequentar as sessões. A posição hierárquica é uma posição aberta a todas as pessoas que demonstrem compromisso com a sociedade religiosa, compreensão de seus valores, condutas e capacidade de perpetuar as práticas rituais e propósitos religiosos. São convidados a alçarem maior capacidade de compreensão espiritual, através da busca e do exame dos ensinamentos e da doutrina. A ideia é de que, através do desenvolvimento individual e na conquista da autonomia de pensamento, o ingresso seja útil à aquisição de maior equilíbrio pessoal em todas as dimensões da vida.

⁵ Conselheiro é um grau que se dá a pessoa que segue os ensinamentos e doutrina da UDV, reconhecida como uma pessoa que está na condição de auxiliar a outros irmãos.

Para que a comunicação do "sagrado" ocorra, é necessária a organização complexa exposta, uma constante que se aplica à variabilidade de indivíduos e lugares que se tornam parte da UDV. Logo, a produção e a circulação da mensagem não são só mantidas, mas se expandem e se complexificam. Agora podemos fazer uma analogia do capital constante com o trabalho religioso: "Capital constante + capital variável = capital religioso complexo. De essa forma a comunicação do sagrado é realizada por esse capital complexo: a produção e circulação de mensagens no território de uma comunidade religiosa" (RAFFESTIN, 1993, p. 121). Obviamente, o processo não é tão lógico e estático como a "equação" pretende captar, mas ela pode ser tomada como uma possibilidade, uma analogia, não um regra da realidade vivida.

A UDV é aberta à participação de seus "discípulos" nos diversos trabalhos, com fortes traços igualitários, tais como; o direito de todos serem corresponsáveis pela obra, pois a ascensão na hierarquia é independente do status econômico, político, intelectual ou social. Forma-se um sistema que é regulado por todos e evita sobrepeso em poucos. Nota-se que por uma orientação do guia espiritual, Mestre Gabriel, os adeptos também realizam mutirões para a construção de melhorias materiais dos núcleos, realizando diversas atividades como, plantio, cozinha, construção de infraestrutura, etc.

O legado de Mestre Gabriel, segundo os adeptos, é o convívio de um poder material e de um poder espiritual na UDV, onde o primeiro obedece ao segundo. Assim, desde o início, o cargo equivalente ao atual Mestre Geral Representante conviveu com outros cargos. Também existe o cargo de conselheiro fiscal, que tem por objetivo supervisionar o trabalho feito pela diretoria em cada núcleo. Um aspecto a ser ressaltado é que nenhum cargo recebe remuneração pelo exercício, conservando a natureza voluntária do trabalho.

O funcionamento econômico se dá através de um boleto mensal pago pelos sócios, que visa cobrir as despesas para manutenção dos núcleos, pré-núcleos, distribuições autorizadas. As únicas pessoas remuneradas são as que fazem parte do escritório da Diretoria Geral da UDV, localizado em Brasília, e os caseiros que moram nos núcleos que, em geral, estão localizados em áreas rurais próximas às cidades ou áreas ruralizadas no interior das cidades.

Para o melhor funcionamento do Centro, do ponto de vista administrativo, em 1989, foi criada a Diretoria Geral do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal que está constituída da seguinte forma:

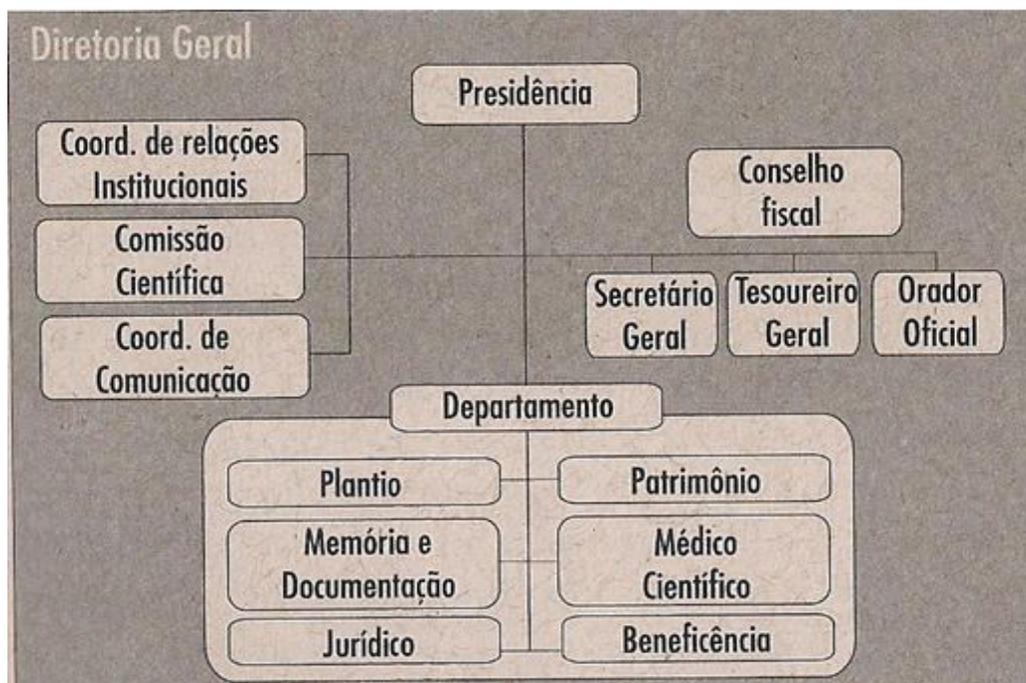


Figura 5 - Organograma do CEBUDV. Elaborado por: Bernardino-Costa e Mesquita, 2012.

A competência da Diretoria Geral, está centrada nas áreas materiais, culturais, sociais, culturais, assistenciais e educacionais. Para um exercício mais descentralizado a Diretoria é assessorada pela Coordenação de Relações Institucionais, pela Coordenação de Comunicação e pela Comissão Científica e por seis departamentos: Médico e Científico, Plantio, Patrimônio, Memória e Documentação, Jurídico e Beneficência.

A Coordenação de Relações Institucionais tem por finalidade o contato com o governo e as outras sociedades Hoasqueiras; A Coordenação de Comunicação assessora a Presidência na comunicação com a imprensa; A Comissão Científica contata pesquisadores de outras áreas de conhecimento, que não sejam da área médica e farmacológica, pois esta se encontra sob a responsabilidade de Departamento Medico Científico.

O Departamento de Plantio tem suas ações voltadas para o cultivo de duas plantas Mariri e Chacrona, utilizadas na preparação do Vegetal, estendendo suas preocupações para outras ações ambientais; O Departamento de Patrimônio visa regularizar o patrimônio do centro em conformidade com as leis do país.

O Departamento de Memória e Documentação responsabiliza-se pela pesquisa propriamente histórica do CEBUDV, pela guarda e conservação do acervo documental; O Departamento Jurídico tem atuado em prol das conquistas legais e institucionalização do uso do Vegetal no Brasil.

O Departamento de Beneficência promove ações assistências e educacionais, tendo como público tanto os sócios como aos não sócios. Esta estrutura foi desenvolvida pelo Mestre Gabriel como caráter participativo na administração da UDV.

No momento que a sede geral do CEBUDV foi trasladada de Porto Velho para Brasília, em 1 de novembro de 1982, devido ao crescimento, a sociedade religiosa procurou a uniformidade tanto na transmissão dos ensinamentos quanto na administração material. Assim sempre teve um cuidado e uma recomendação para que o Quadro de Mestre mantivesse comunicação entre eles para assegurar a manutenção do ritual.

Na década de 1970 a 1980, o Quadro de Mestres tinha reuniões que foram chamadas de Conclaves e, posteriormente, Convenções. Nestas reuniões se abordava a recordação dos ensinamentos do Mestre Gabriel, estudos e reformas das leis ou outro acontecimento específico num núcleo. Com a expansão do grupo, os Conclaves/Convenções perderam sua eficácia.

Nestes últimos 30 anos, desde a transferência da Sede Geral para Brasília, sucessivas reformas administrativas foram incorporadas, com a finalidade de chegar a uma estrutura funcional, que garanta condições, visando à preservação da unidade administrativa, disciplinar e doutrinária. Atualmente a estrutura administrativa, em sua dimensão espiritual, está constituída da seguinte maneira; Administração Geral é composta pelo Quadro de Mestre do Centro, dirigida pelo Mestre Geral Representante conta com os seguintes órgãos; Conselho de Administração Geral (CONAGE), Representação Geral (RG), Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel (CREMG), Colegial Eleitoral, Administrações Centrais (AC), Conselho de Administração Central (CONACE) e Administração de Núcleo e Pré-Núcleos.



Figura 6 - Organograma da Administração Geral. Elaborado por: Bernardino-Costa, 2012.

Importa destacar a estrutura de organização não apenas para a ordenação hierárquica do território, mas também para destacar ações territoriais tendo em vista os interesses da UVD. Um exemplo que podemos destacar desta articulação para modificação não apenas interna ao território, mas em estruturas sociais mais amplas, com o por exemplo a legalidade, é pertinente a apresentação da breve história de retirada do Vegetal da lista de Conselho Nacional de Entorpecentes-CONFEN, explicitando a atuação em rede articulada do grupo.

Quadro 1 – Síntese da Hierarquia e suas funções (UDV)

Departamentos	Função na Hierarquia da UDV	Responsável(eis)
Instrução e Doutrina	Trabalhar pela evolução do ser humano	Mestres
Limpeza Geral	Higiene em todos os aspectos das dependências do núcleo	Membros em geral
Cerimonial Religioso	Fazer batismos e casamentos	Mestres
Beneficência	Auxiliar economicamente as pessoas que estejam precisando	Membros em geral
Patrimônio	Regulamentar e administrar os bens patrimoniais móveis e imóveis	Membros em geral

Memória e Documentação	Zelar pela documentação visual do núcleo	Membros em geral
Plantio	Plantar e cultivar Mariri e Chacrona	Membros em geral
Jurídico	Zelar pela parte jurídica do núcleo	Membros em geral
Tesouraria	Zelar e administrar a parte econômica do núcleo	Membros em geral
Conselho Fiscal	Supervisionar o trabalho dos departamentos e da diretoria	Membros em geral
Secretaria	Comunicar as decisões da diretoria geral, realizar cadastros dos membros e diversas autorizações	Membros em geral

Elaborado por Pamela M. Arteaga. Fonte: Consolidação das Leis da UDV, 2013.

1.2 ARTICULAÇÃO HOASQUERIA PELA UDV – AÇÃO DO DEPARTAMENTO MEDICO CIENTIFICO

Pelo percurso histórico da utilização do vegetal num contexto religioso no Brasil, o Centro se resguardo com as pesquisas do Departamento Medico Cientifico⁶ (DEMEC) tendo o apoio dos profissionais da área da saúde, sócios da UDV, que confirmaram através de pesquisa, que a utilização do Vegetal é inofensiva à saúde. Em 1977, se realizou uma pesquisa para ser acompanhada por clínicos gerais e psiquiatras, em constante observação, vendo os aspetos sociais e comunitários. Em 1984 surge o Centro de Estudos Médicos, na cidade de Rio de Janeiro CEM pela própria iniciativa de uns sócios do núcleo que formaram o centro de estudos que deu origem ao atual DEMEC. Em 1991 foi realizada pela iniciativa de alguns sócios da área de saúde o Iº Congresso em Saúde da UDV, para o qual foram convidados pesquisadores internacionais. Neste congresso foi lançada a proposta de realizar o primeiro estudo do chá Hoasca em seres humanos. Em 1992 se inicia o Projeto Hoasca que convida a nove centros universitários e institucionais de pesquisa do

⁶ O percurso histórico do Departamento Médico Científico da UDV foi extraído de uma edição do jornal Altofalante, que foi feita como edição comemorativa dos 50 anos da União do Vegetal no ano 2011.

Brasil, Estados Unidos e Finlândia, com o suporte de Centro de Estudos Médicos de União do Vegetal.

Em 1993 começa a coleta de dados para Projeto Hoasca, assim como também ocorre o II congresso em Saúde da UDV, em Campinas/SP. Em 1995 acontece a Iª Conferencia Internacional dos Estudos de Hoasca, onde se apresentam os resultados do Projeto Hoasca ao mundo científico e autoridades. No período de 1997, o Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN) emite um parecer desaconselhando, sem fundamentação científica, o uso de vegetal por menores de 18 anos.

A UDV encaminha ao Ministério Público Federal a solicitação para realizar uma pesquisa científica investigando os efeitos da utilização do chá por menores de idade. Inicia-se a pesquisa que envolve 40 adolescentes frequentadores da UDV, com idade entre 15 a 19 anos, das cidades de Campinas/São Paulo e Brasília, foram comparados com 43 jovens das mesmas localidades que nunca utilizaram o chá. No ano de 2004 foi divulgado o parecer científico da pesquisa com adolescentes. A pesquisa concluiu que a saúde física e mental de adolescentes assíduos aos rituais da UDV é semelhante a dos jovens dos mesmos extratos sociais, que nunca fizeram uso do chá.

Porém se percebe que o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal tem um amplo trabalho e preocupação com respeito ao da utilização legal das plantas que fazem parte de seu ritual e isso se reflete na fala do seguinte líder extraída da pesquisa de campo;

[...] em um contexto histórico agora qual e o grande desafio e o preconceito em relação ao vegetal porque ainda quando as pessoas ouvem falar quando tem alguma informação com respeito as religiões ayahuasqueiras a primeira reação é preconceituosa no sentido que e o entorpecente que e um alucinógeno as pessoas são herdeiras do momento hippie então ainda não compreenderam que na historia do ser humano existe muitas formas de desenvolvimento espiritual que usam recursos de muitos tipos entendeu o terreiro de umbanda por exemplo usa o charuto e a cachaça que queira o não e usado também, na igreja católica se usa hóstia que e um sacramento simbólico então e algo que e um apoio para as pessoas de referencia simbólica para estabelecer sua ligação em Jesus e tal então na UDV existe o chá ayahuasca o hoasca como todos falam que também tem essa função de nos permitir ter uma concentração maior, mais até que as pessoas entende isso só mesmo conhecendo de perto experimentando [...] (Líder 4, Masculino, 65 anos, bebe Vegetal à 15 anos)

Assim se percebe que a instituição religiosa assim como todas as religiões ayahuasqueiras, tem uma preocupação com respeito a poder seguir comungando o chá sem ser perseguido pelas autoridades nem de ser estigmatizados por causa de que seu ritual religioso tem a utilização destas plantas. Também se percebem, que tem ido crescendo com respeito a livre utilização do chá porque como se descreve acima, vem abrindo as portas para pesquisas de cunho médico-científico, também isso se reflete em ter um departamento encarregado de cuidar dessa parte.

Posto isto, vamos discutir os elementos que estão imbricados na organização do território da UDV, suas dinâmicas especiais religiosas e sua reticularidade, a partir de um referente empírico: O Núcleo Luz do Oriente, em Brazlândia, Distrito Federal.

CAPÍTULO II

TERRITÓRIO E REDE DA UDV EM BRASÍLIA

O capítulo propõe uma interpretação do território do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV), a partir o Núcleo Luz do Oriente, um dos 6 núcleos atuais no DF, dentro os quais se encontra a Sede Geral desta religião.

Inicialmente se fará uma breve apresentação do núcleo, para daí discutir sua organização territorial e reticular, bem como suas estratégias de ação (territorialidades) que criam o sentido territorial religioso em questão, especificamente na relação entre membros e ambiente, central para o projeto de mundo da UDV.

2.1. NÚCLEO LUZ DO ORIENTE – UMA APROXIMAÇÃO

O Núcleo Luz do Oriente está localizado em Brazlândia, Núcleo Rural Alexandre Gusmão, Lote 1, Reserva G, Gleba 1, Brazlândia, em frente ao Parque Nacional “Chapada Imperial”.

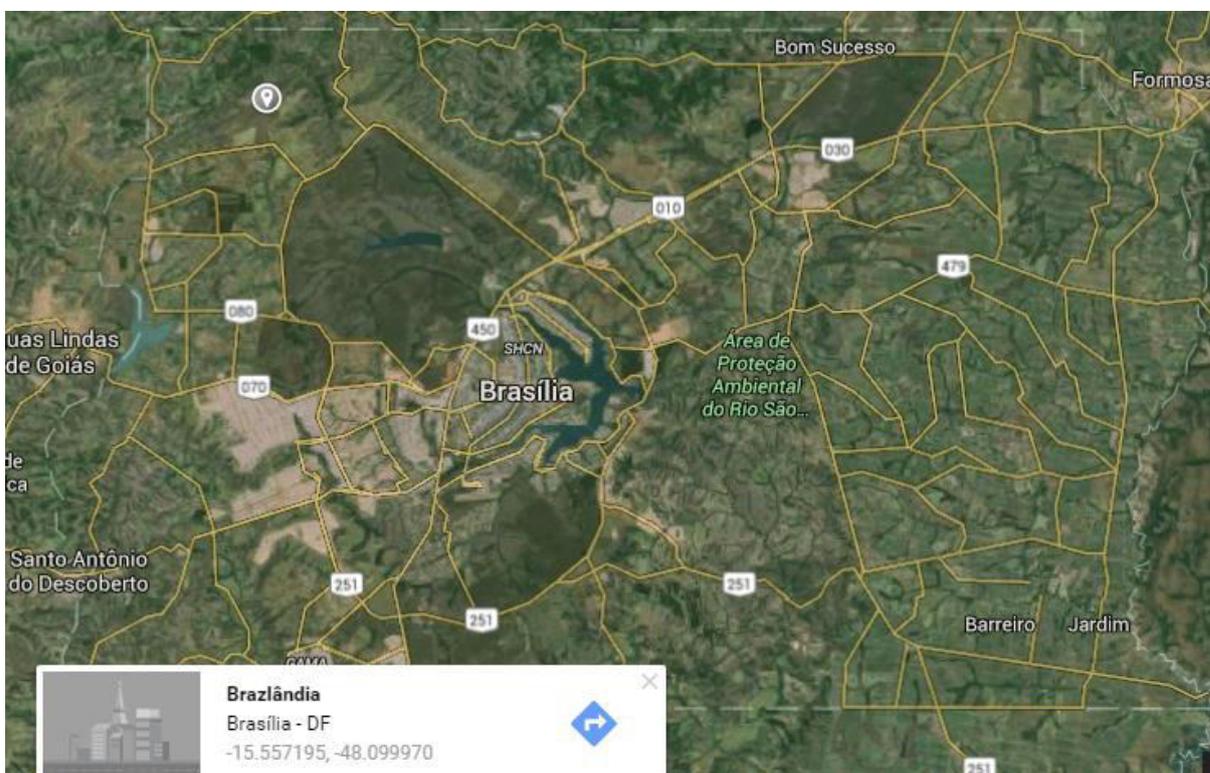


Figura 7 – Localização do Núcleo Luz do Oriente, Brazlândia, DF. Fonte: Google Maps, 2015.



Imagem 1 – Entrada no Núcleo Luz do Oriente. A autoria: Pamela Morales, 2015.

Quando se chega ao Núcleo, se nota-se a predominância do Cerrado característico do Centro-Oeste, com muitas árvores, mas com elementos artificiais típicos urbanos, como estacionamento. A primeira construção ao ingressar na propriedade é o Templo, em formato de L, avarandado – há jardinagem a frente e atrás. Um salão grande, de construção, com ampla ventilação e portas. Do lado direito do salão, em prédio contínuo uma sala pequena abriga a secretaria do núcleo e ao lado dessa, a cozinha.

Seguindo, na mesma construção em L, estão - berçário, dormitório, casa de reuniões sociais, além de banheiros. No ambiente externo e atrás do prédio principal temos uma área de lazer: com campinho de futebol e um playground; Após estes elementos encontra-se uma construção aberta, com teto, que abriga a casa do preparo do Vegetal; tanto em frente quanto atrás temos agroflorestas: associação de plantas diversas – entre as típicas do Cerrado e de outros ambientes (Amazônia).



Figura 8 - Croqui da Propriedade do Núcleo e suas construções. Autoria: Renata Fontenelle, 2015.

O núcleo Luz do Oriente foi fundado em 27 de Setembro 2003, resultado da integração entre UDV e outra religião *hoasqueira*, conhecida como Centro Espírita Beneficente Ordem do Templo de Salomão (OTUS), que deixou de existir. Faz parte da 8ª Região da UDV no Brasil e atualmente compõe-se de 139 sócios (ou membros), abrigando, famílias em sua maioria. Em termos de renda, há uma diversificação importante, de modo que, ao menos neste núcleo, não há um tipo de seguimento social específico.

Um conjunto de elementos que são substanciais para se pensar a organização territorial do núcleo específico e, em termos mais gerais, da própria UDV. Importante ressaltar que, de muitas maneiras, o núcleo é uma síntese geohistórica da religião e, ao mesmo tempo, impõe um projeto de futuro, como uma solução de continuidade e expansão.

2.2. TERRITÓRIO E REDE DA UDV EM BRASÍLIA

Quando se opta por aproximar a UDV ao debate territorial, a escolha revela uma forte impressão no processo de pesquisa – pensar a partir do território parece ser um meio de “abrir portas interpretativas” para a organização de coletivos no DF que interferem sobremaneira na dinâmica de produção do espaço e, ao mesmo tempo, implicam em dinâmicas cotidianas de experiência espacial bastante diversas do que se supõe numa cidade moderna e modernizante.

O Núcleo Luz do Oriente, assim como todos os núcleos, possui uma hierarquia de comando e corpus de organização sistemática que mantém as condições humanas de realização do próprio espaço religioso.

Do ponto de vista hierárquico destacamos: que a eleição para cargos de comando é feita a cada três anos, por votação dos membros. Há dois tipos de votação. Uma que é feita pelo “Corpo do Conselho” e “Quadro de Mestres” para eleição dos cargos de “Mestre Representante” e “Presidente”; a outra votação é feita, por todos os membros, para os demais cargos/departamentos de Instrução e Doutrina Espiritual; Plantio, Beneficência, Limpeza Geral; Cerimonial Religioso; Memória e Documentação, Patrimônio, Médico e Científico; Jurídico; além de Tesouraria, Conselho Fiscal e Secretaria (UDV, 2013, p. 33).

O Núcleo Luz do Oriente segue o modelo hierárquico da organização geral, assim como os demais núcleos – na forma de departamentos ocupados pelo quadro geral de sócios e mestres (CF. Quadro 1, p. 31).

Há uma estrutura hierárquica e administrativa que pretende agir com unicidade, mas também com clara circulação de relações de poder. Nesse sentido, Raffestin (1993, p. 118) atenta que:

O fenômeno religioso não foi ao menos para os geógrafos, concebido em termos de relações de poder. Em sua própria essência, o fenômeno religioso é bem caracterizado pelas relações de poder, porque toda

concepção religiosa do mundo implica a distinção do sagrado e do profano e é oposta ao mundo ao qual o fiel se dedica (RAFFESTIN, 1993, p. 118).

É para dar este tratamento mais efetivo sobre as relações de poder a partir do território enquanto fundante do fenômeno religioso que principiámos a pesquisa. O território da UDV em Brasília é marcado pelo exercício do poder imbrincado com o “sentido de sagrado” e, também, com o projeto de mundo – no espaço e no tempo – do grupo, numa tentativa de expansão do sagrado transfigurando o profano.

A especificidade espacial será tratada a partir do conceito de território já que, segundo Raffestin (1993), espaço e território não são conceitos equivalentes, pois o espaço antecede ao território, este “se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático em qualquer nível. Ao se apropriar do espaço, concreta ou abstratamente o ator ‘territorializa’ o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p.143).

Os departamentos/cargos revelam um planejamento geoestratégico de gestão do território, ação do ator sintagmático (1993) tanto ao nível local – os núcleos – quanto ao nível mais geral, já que o modelo hierárquico se reproduz na totalidade.

É elucidativo, no que se refere a esta ação em unidade hierárquica e programática, o que consta no “Boletim Regulamentar de Criação de Núcleos e Distribuições Autorizadas do Vegetal”, parte do documento de acesso livre denominado Consolidação das Leis (UDV, 2013, pp. 23-24):

Artigo 1º - A abertura de Núcleo será autorizada pela Representação Geral, juntamente com o Quadro de Mestres da Sede Geral, mediante requerimento do Mestre Central da Região, de acordo com os seguintes critérios:

- a) existência de no mínimo 3 (três) mestres, sendo que pelo menos um deverá ter sido Mestre Representante, e 5 (cinco) conselheiros ou conselheiras, totalizando, no mínimo, 50 (cinquenta) sócios;
- b) o Núcleo de origem, em caso de desmembramento, deve estar: em dia com os compromissos perante os Órgãos da Direção Geral, dispondo, este de, no mínimo, 120 (cento e vinte) sócios;
- c) aquisição prévia de imóvel, para formação do novo Núcleo, em nome do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, Sede Geral, com documentação previamente aprovada pelo Departamento Jurídico e construção adequada aos trabalhos religiosos, ressalvado o direito de manter casa de preparo de uso compartilhado;
- d) o imóvel a ser adquirido deverá ter sua localização e instalação atendendo à legislação ambiental;
- e) o Núcleo de origem deve possuir área de plantio de Mariri e Chacrona para atender suas necessidades, considerando ainda sua responsabilidade com a manutenção do futuro Núcleo, até sua autonomia neste aspecto;
- f) o Mestre Central da Região deve fazer uma avaliação do Quadro de Mestres e do Corpo do Conselho do Núcleo em formação, inclusive quanto

à estabilidade familiar e profissional, especialmente do Mestre Representante.

Parágrafo único - No requerimento do Mestre Central solicitando a abertura de Núcleo deverá conter a relação de sócios que o comporá, o nome do Mestre Representante indicado, a data de abertura, endereço completo da localização, as condições de plantio de Mariri e Chacrona do Núcleo de origem e o parecer do Coordenador Regional do Departamento Jurídico confirmando o atendimento aos critérios presentes neste Boletim (Cf. no Apêndice o Documento Integral).

Logo, há diretrizes e condições limitantes que, ao mesmo tempo, padronizam o modo de organização e expansão do grupo.

Entretanto, não se pode perder de vista que a constituição de um território não se dá por mera vontade de um grupo ou agente sintagmático. Há um processo histórico e; ao mesmo tempo, dinâmicas e contradições internas ao próprio grupo que programam a expansão territorial. Além disso, não é o espaço como mensuração e pontos (quase uma abstração) que se quer alcançar, mas acessar determinados nichos espaciais, concretamente existentes.

Tinha algumas estruturas [...] ainda bem simples tinha o templo de chão batido, ainda não tinha as janelas, não tinha reboco, as paredes eram de tijolo. [...] Era bem diferente do que a gente vê hoje. [...] Veio na época da fundação para o núcleo Mestre L, ele é uma pessoa muito dedicada sabe, uma pessoa que chegou [...] como se já fosse dali há muito tempo porque [...] chegou incentivando pelo próprio trabalho [...] a gente a plantar árvores naquela área toda, então assim boa parte das árvores plantadas que a gente vê lá, foi naquela época bem no início 2004, 2005. A gente fazia os mutirões e ele era um entusiasta assim, para que a gente avançasse bem nos trabalhos, mas a gente avançou bem na parte das obras logo no primeiro ano (Líder 4, Masculino, 65 anos, bebe Vegetal à 15 anos).

O investimento coletivo no processo de desenvolvimento do Núcleo também revela a relacionalidade entre os membros que é uma troca de energias, o uso da linguagem de liderança e da atitude criadora pelo trabalho, além do encontro num tempo e espaço de um projeto que se abria para o futuro do ponto de vista da UDV.

Raffestin (1993) explicita que, através de uma relação de dependência, há a construção de elos de poder. Através do trabalho ou troca de energia o ser humano cria um território para si e sua própria representação. Evidentemente, o território tem como substrato o espaço, sendo uma produção a partir deste, inscrita em uma relação de poder. O que fica explícito na fala de outro líder:

[...] nós nos reunimos em sessão por duas vezes [...] em reuniões e com **aprovação da representação e da diretoria geral da UDV**, nós fundamos aquele núcleo no dia 10 de fevereiro de 2004 [o trabalho de plantio relatado

anteriormente começou em 2003], com nome núcleo Luz do Oriente, sendo uma unidade do Centro Espirita Beneficente União do Vegetal, então a sociedade que a gente pertencia antes [Centro OTUS], a integração conforme eu citei ela foi extinta, [...] **praticamente todos os membros se integraram a UDV** (Líder 5, Masculino, 45 anos, bebe Vegetal à 20 anos grifos pesquisadora).

Há, portanto, dois aspectos que importa ressaltar aqui: a) a criação do núcleo se fez no encontro entre a vontade dos membros do DF e a determinação da direção geral da UDV, sem o qual não seria possível criar à revelia um núcleo; b) a incorporação de outra sociedade espírita, a OTUS, que foi extinta oficialmente e ocupava o mesmo espaço – embora outro território – que hoje é territorializado pela UDV.

Não se sabe como foi o processo de assimilação do OTUS pelo Núcleo da UDV, pois os líderes entrevistados pouco entraram nestes meandros e não era o foco da entrevista, mas o fato de o líder da UDV ter sido da outra religião, demonstra um processo de territorialização negociada, não sabemos se tensa – embora o “praticamente todos os membros integraram [...]” da fala do líder possa significar uma dissonância – como um aspecto importante na criação deste núcleo em específico.

Evidencia-se aqui a importância da representação legitimada pelo grupo para qualquer expansão territorial e nucleação do território. A representação diz respeito tanto a expressão hierárquica quanto a imagem de mundo que se quer construir, ou seja, o projeto. As falas dos líderes emulam esta representação relacional: obediência e visão de mundo, hierarquia e projeto, no ato da criação do território religioso.

Em termos de espaço o que é mais importante é nossa forma de interagir entre nós que somos sócios [...] nos consideramos irmãos. [...] Como nós interagimos que, para mim, faz a grande diferença, é que **ao longo do tempo percebo que nós construímos o jeito de ser, de pensar, de imaginar nossos relacionamentos, a nossa forma de nos conduzir com as outras pessoas; e isso se estende a questão do ambiente físico.** [...] Eu percebo que nós em essa nossa integração e interação entre nós, nós também nos voltamos para pensar **que espaço nós queremos então nos definimos nosso espaço físico, espaço do prédio, do imóvel e também definimos nosso espaço com base em nossa fauna de nossa flora** (Líder 6, Feminino, 57 anos, bebe Vegetal à 32 anos, grifos pesquisadora),

As representações de mundo consubstanciam uma abertura para o futuro a partir do presente e, claro, da história da própria UDV. Partir de um entendimento de fórmula pronta do grupo (o ator sintagmático) é empobrecer a dinamicidade concreta

das relações de poder que emergem e circulam no território em construção. A fala do Líder 6 dá um caráter de construção, de processo em formação e, ao mesmo tempo, dos membros que alicerçam experiência de viver e conviver.

As representações sociais – que, para efeito desta pesquisa se configuram como socioterritoriais – são entendidas como:

um *corpus* organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam o poder de sua imaginação” (MOSCOVICI apud PELUSO, 1998, p. 8).

Portanto, as representações não simples “decalques” da realidade, como um mero encobrimento, na realidade se constituem como “‘ciências coletivas’ *sui generis* destinadas à interpretação do real” (MOSCOVICI apud PELUSO, 1998, p. 8) e usadas nas comunicações entre as pessoas (PELUSO, 1998, p. 8). De modo que representar é reconstituir, retocar, modificar o texto interpenetrando percepção e conceito (MOSCOVICI apud PELUSO, 1998, p. 8).

Para compreender o território da UDV nota-se que a representação assume um papel importante no entendimento do processo de constituição dos núcleos, já que qualquer projeto no espaço revela uma *imagem reconstitutiva* desejada de um território. Essa representação se dá através de relações que contêm códigos semânticos que são, fundamentalmente, produzidos, mantidos ou transformados a partir das relações de poder, que pode ser pensado como “(...) a parte intrínseca de toda relação, multidimensionalidade e imanência do poder em oposição à unidimensionalidade e à transcendência” (RAFFESTIN, 1993, p. 53).

Então, para que se estabeleça uma relação de poder tem que existir essa troca de energia ou de informação que é múltipla e circulante, inerente às relações. Segundo Raffestin (1993), podemos afirmar que todo tipo de relação supõe o exercício do poder, mesmo que este não apareça claramente, sempre vai estar presente e vai participar de qualquer tipo de conexão que se estabeleça dentro de um grupo.

Nas relações territoriais que se estabelecem, Raffestin (1993) faz referência a três processos relevantes em todo processo relacional:

a) uma troca de energia, um trânsito de informação entre as partes sendo um processo que se repete infinitas vezes independente se a troca é material ou

imaterial (RAFFESTIN, 1993). Esse processo envolve múltiplas relações que não vão aparecer nessa troca. Por exemplo, se colocamos esta perspectiva como elemento para o entendimento de grupos religiosos, percebemos que se podem estabelecer múltiplas relações que não são apenas de cunho religioso. Ao contrário, se estabelecem-se diferentes tipos de relações que se articulam para além da estrita troca religiosa, seja o que isto signifique. Há agregação de outras relações em rede que poderiam ser rastreadas em termos políticos, econômicos, morais, sentimentais, este estudo se concentrará nas relações territoriais, o foco central da pesquisa.

b) O segundo ponto interessante é que na linguagem já existe o poder, porque a linguagem não é neutra. Quando você analisa a sociedade religiosa da UDV, percebemos que existe um código de linguagem pré-determinado hierarquicamente, seja pelo Mestre Gabriel, o fundador, seja pelo topo da hierarquia ou pelas lideranças do grupo que, estruturando um discurso de “natureza do mundo”, reforça a própria manutenção da hierarquia fundadora.

c) O terceiro elemento é que só se pode falar em poder na relação tempo e espaço, já que os homens são os únicos capazes de acionar o poder num tempo e espaço determinados, ativando diferenciações relacionais.

Aprofunda-se a discussão destes três processos que fundamentam o território no item a seguir.

2.2.1. Rede de circulação das representações do território da UDV

Um dos aspectos bem evidenciados pelos membros no Núcleo é a importância da comunicação e da circulação de informações no âmbito da religião partilhada, na medida em que, através desta um *corpus de saber autorizado* é apreendido. Soma-se a isto o aspecto da gestão do território, suas representações sociais partilhadas e desenvolvidas e a orientação do projeto de mundo, só possível em uma religião tão abrangente através de redes.

Os núcleos eles estão interligados, têm uma relação direta com a sede geral e a organização. Para ser melhor foi dividido por regiões, então um núcleo compõe uma determinada região e esta administrada pelo Mestre Central Representante. Então [...] quando chega no núcleo tem um Mestre Representante que está aí conduzindo os trabalhos (Membro 1, Feminino, 34 anos, bebe Vegetal à 4 anos).

[A comunicação] da sede geral e das administrações [é] por e-mail e telefone, o mestre representante tem o dever de manter contato com o geral

e assim o geral tem a responsabilidade de manter contato com o mestre representante. Então assim eu sei que existe uma administração regional, uma secretaria uma tesouraria regional [...] Então a melhor forma de comunicar é por email, whatsapp, teve um tempo que era avisado as pessoas por telefone, e as que não tinha telefone era avisado de forma pessoal (Membro 2, Masculino, 42 anos, bebe Vegetal à 11 anos).

Bom, a primeira conexão que são todos da união, a pessoa que é da união pode participar de sessão em outros núcleos, basta pegar uma autorização (Membro 4, Masculino, 56 anos, bebe Vegetal à 21 anos).

Então tá eles são separados mais eles trazem a mesma compreensão, todo mundo está ouvindo a mesma doutrina, os mesmos valores, então acho que na essência, são todos iguais, mais óbvio que cada um tem sua particularidade (Membro 5, Feminino, 19 anos, bebe Vegetal à 15 anos) .

As falas trazem um aspecto bastante cotidiano da circulação interna de informação e um sentido de unidade doutrinária – em grande parte simbólica – que se faz através desta circularidade, melhor dizer reticularidade, que garante o exercício do poder. Para Raffestin (1993, p. 120):

A religião, como a língua, pode também se conceber como um instrumento cujas funções são múltiplas e complexas. Instrumento de comunicação, mas também, e até mesmo na essência, um instrumento de comunhão, manipulado pelas organizações.

Dois aspectos precisam ser esclarecidos, ainda que concorde globalmente com a proposição de Raffestin (1993), de que a) religião “pode” ser um instrumento, mas não podemos reduzi-la a tal, especialmente no desenvolvimento desta pesquisa; b) a manipulação supõe que o projeto de uns é imposto a todos, mesmo sem estes o saberem, como uma ideologização. Porém, é mais complexo o processo de “assimilação” do projeto na relação entre indivíduos e o conjunto da UDV.

Entretanto, ao destacar as múltiplas e complexas funções da religião e sua perspectiva comunicativa e de comunhão, a ideia do autor esclarece o essencial das falas propostas e aponta para o necessário debate das redes de comunicação e comunhão para o território da UDV.

O conceito de redes, nos últimos anos, tem sido amplamente utilizado para entender o território, de modo que, para alguns autores, tais como Raffestin (1993), Haesbaert (2004) e Dias (2005) são indissociáveis. Sendo assim, podemos pensar as redes, como expressão material e imaterial da circulação, já que:

Falaremos de circulação cada vez que se trate de transferência de seres e de bens lato sensu, enquanto reservaremos o termo comunicação à transferência da informação. Dito isso a noção de circulação é sem dúvida mais geral que a de comunicação, pois engloba tudo o que é mobilizável (RAFFESTIN, 1993, p. 200).

Aqui o autor enfatiza que o homem é o ator que mobiliza essa circulação de bens materiais ou de comunicação, processo que representa a imagem do poder que circula. Independente da mobilidade utilizada pelo ator, este sempre será confrontado por uma rede. “A rede faz e desfaz as prisões do espaço, tornando território: tanto libera como aprisiona. É o porquê de ela ser um ‘instrumento’ por excelência do poder” (RAFFESTIN, 1993, p. 204). Para Dias (2005), o conceito de rede tem ênfase na conexão da informação e como se dá essa mobilidade, tendo um processo de integração e de exclusão. Ao que acrescentará de centralização e descentralização de poder.

A característica da instantaneidade da informação das redes da informação emerge através de produção e novas formas no processo histórico. Processos de produção, de integração financeira e de integração da informação. Mas também de desigualdade, desintegração e de exclusão no território. Todo esse processo precisa de estratégias de integração e de mobilidade, propondo uma forma de organização (DIAS, 1995).

Redes constituem uma nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modificada de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e da experiência poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão em toda estrutura social (CASTELLS, 1999 apud DIAS, 2005, p.18)

Assim como, assinala Dias (2005), nesta época moderna⁷ a rede toma um sentido de comunicação e de uma representação do território como se fosse uma teia que vem representar um traçado concreto e imaginário de um determinado território.

Dias (2005) também assinala que existe uma nova forma de poder que se manifesta nos movimentos sociais, instituições e sociedade religiosa como no caso da UDV que, sendo uma forma de organização de adeptos, traz consigo uma

⁷ A grande ruptura que introduz novo conceito de rede acontece na metade do século XVIII e se caracteriza pela saída do corpo. Representações geográficas do território se multiplicam graças a triangulação do espaço rede (DIAS, p.15, 2005).

controle do território (centralização) que não deixa de ser relevante, utilizado como forma de troca de informação e transmissão de conhecimento, mais também como forma de estabelecer e organizar novos territórios (descentralização). Dias (2005) afirma que nas últimas décadas esse tipo de poder “descentralizador” se tem manifestado de uma forma relevante assim indica:

A rede é um padrão organizacional que prima pela flexibilidade e pelo dinamismo de sua estrutura; pela democracia e descentralização na tomada de decisão; pelo alto grau de autonomia de seus membros; pela horizontalidade das relações entre seus elementos [...] a rede opera por meio de um processo de radical desconcentração de poder (MARTINHO 2003, *apud* DIAS, 2005, p. 19).

Esta nova forma de organização descentralizada questiona a rigidez hierárquica e se representa mais como um laço universal das sociedades, então se poderia dizer que é como uma nova organização que traz outra figura de poder, moldado pela sociedade tecnológica, resultando em um novo modelamento de estrutura social, bem como assinala Randolph:

Em síntese, à primeira vista e um tanto surpreendente e paradoxal, a análise de Castells parece resultar numa perspectiva conservadora da nova sociedade: ao focalizar a convergência de tecnologias e evolução social, as mutações provocadas pela geração de uma nova base material instalam apenas uma nova unidade de condução da diversidade do mesmo tipo: uma meta-rede torna-se dominante mundialmente, conduz os processos e molda toda a estrutura social (2000, p.113 *apud*, DIAS, 2005, p.19).

Esta proposição cria uma porta de entrada para a interpretação das instituições religiosas em uma perspectiva territorial em dois aspectos: 1. Explicita que outras organizações moldam as relações sociais de maneira diversa de uma orientação padronizada globalmente, ainda que lance mão dos mesmos elementos técnicos; 2. No âmbito da própria religião, é possível que a comunicação/relação em rede viabilize tanto a centralização, quanto a descentralização das relações de poder que conformam – e dinamizam – o território em formação.

Ao ser inquirido sobre as relações entre os núcleos a comunicação da UDV, um Líder é notável em sintetizar estes aspectos, além de trazer a representação explicitamente sagrada:

[...] ai a gente conhece as pessoas pelo nome, a gente conhece as pessoas mais proximamente. Então fica uma maneira boa do representante, que é a

peessoa responsável pelo núcleo, de trabalhar a irmandade, de atender, de acompanhar, entende? Cada núcleo tem relação um com outro porque está tudo ligado. Disse o mestre Gabriel assim: que o mestre Bacurau, que foi um mestre da origem do mestre Gabriel, que cada núcleo na UDV é ponto de luz na terra e esse ponto de luz é uma rede, sabe? Uma teia de aranha que tem tudo interligado, estão tudo interligados. A sincronicidade que existe nos ensinamentos do mestre, então, às vezes, alguns assuntos coincidem de estar sendo falados ao mesmo tempo nos núcleos, isso é uma sincronicidade de pensamentos, de necessidade que a espiritualidade está vendo que aquela irmandade está necessitando. As coisas de Deus acontecem assim desse jeito, elas vêm sempre pela necessidade, ela não vem porque eu quero ela vem porque Deus vê que há necessidade de trazer determinado ensino em algum lugar (Líder 2, Masculino, 62 anos, bebe Vegetal à 21 anos).

Uma das imagens mais recorrentes quando se trata de redes é exatamente a “teia”, aliás, é o que significa um dos “w”s da *world wide web*, nome base para o código de entrada na internet, talvez a mais simbólicas e concretas (embora, também, virtual) representação do que se pensa como redes na contemporaneidade.

Porém, aqui, o sentido da teia de aranha ganha uma outra dimensão, sagrada e como parte do ensinamento do Mestre Gabriel, unindo o sentido plenamente técnico a um sentido fortemente espiritual, aproximando o sentido hierárquico (do que deve ser ensinado e da ligação entre os núcleos) ao um sentido fortemente singular (o tipo de ensinamento que um grupo necessita), e ainda um aspecto geohistórico importante: a fala de Mestre Gabriel passada para outros mestre que chega ao líder pela oralidade e, como se estivéssemos falando de uma “saturação de ser” (ELIADE, 1999), tal oralidade se “sincroniza” através da rede comunicativa de núcleos, garantindo um modelo de organização *técnico-espiritual* por assim dizer, que não pode ser reduzido a um controle meramente político-econômico de uma só matriz globalizante – que deixa a crítica de Randolph a Castells citada acima (DIAS, 2005) ainda mais consistente.

Ainda é interessante notar o tipo de aperfeiçoamento comunicacional/informacional que a UDV vem realizando, em sintonia com a transformação técnica da atualidade, uma rápida expansão que a UDV teve a início dos anos 90 quando estas novas formas de informação/comunicação passaram a ser uma prioridade para a Sociedade Religiosa⁸, já que:

⁸ Não se pode afirmar categoricamente que é a causa da expansão mais intensa da UDV o investimento em redes de comunicação e gestão técnica entre os núcleos. Porém, a reticularidade da circulação da informação teve um impacto no crescimento da sociedade religiosa, que saltou de 700

Na medida em que a UDV cresce, o trabalho do Centro pode maior estruturação. Cabe à Diretoria Geral e seus departamentos, oferecer o suporte legal e operacional às atividades da Representação Geral e trabalhar pelos interesses institucionais da União do Vegetal e dos sócios perante a sociedade. (REVISTA ALTO FALANTE, 22 de Julho de 2011, p. 4).

Presencia-se uma organização de redes técnicas que são administradas pelo Centro da UDV que é um dos fundamentos da administração e expansão desta sociedade. Rede modelada e regulada por eles para uma melhor organização, registro e estratégias, encaminhando o “projeto de mundo” do grupo. Os adeptos desta religião fazem utilização das redes para organizar, expandir, realizar ações sociais, ter um controle informativo e produzir estatísticas a respeito da administração. Porém, não se pode ignorar que, simultaneamente, vemos que uma forma de utilização de redes sociais, mais simbólicas e imateriais.

A rede como qualquer outra invenção humana é uma construção social. Indivíduos grupos instituições ou firmas desenvolvem estratégias de toda ordem (políticas, sociais, econômicas e territoriais) e se organizam em rede. A rede não constitui o sujeito de ação, mas expressa ou define a escala de ações sociais. As escalas não são dadas a priori, porque são construídas nos processos (DIAS, 2005, p. 23).

Como a rede é processual, chama atenção um tipo de hierarquia que permite administração dos diferentes núcleos espalhados nas diferentes regiões, tal como é a ferramenta REUNI, um sistema de gestão da informação da UDV, que através dele, a secretaria da Direção Geral (UDV), pode receber, organizar com múltiplas funções, informações cadastrais de todos os núcleos, emissão e transmissão de documentos, como boletins, cartas e comunicados, organização e divulgação de agenda dos núcleos, das regiões e da Sede (administração espiritual e organizacional da sociedade religiosa), cadastro de sócios e adventícios através de formulário padrão, no computador, atualização constante de dados junto à DG (transmissão online) e estatísticas por região (sócios, por graus, sexo, idade etc.) (REVISTA ALTO FALANTE, 2011,p. 19).

Vemos que as redes podem representar ações sociais modernas que possibilitam uma movimentação de uma escala global a uma escala local, como assinala Latour,

Assim como os adjetivos natural e social designam representações do coletivo que, em si, nada têm de natural ou de social, as palavras local e global possibilitam pontos de vistas sobre redes que não são por natureza, nem locais, nem globais, mas que são mais ou menos longas e mais ou menos conectadas (apud DIAS, 2005, p. 23).

Na geografia vemos que o conceito de rede é utilizado como organização do espaço, refletindo uma ideia importante de realidade, prestando atenção a uma complexidade de interações espaciais, resultante de atividades desenvolvidas em diferentes lugares próximos e distantes, assim a rede nos permite compreender a organização e a escala de um território em processo.

Existem duas vertentes principais consideradas nas redes sociais, a primeira busca uma noção de rede como explicação de certa estrutura social, caracterizando as relações existentes; e a segunda descreve relações primárias do convívio cotidiano, sendo abertas ou fechadas, com ligações fortes ou fracas segundo indica Warren (2012, p. 30):

Portanto, na primeira, a rede visa a uma explicação da estruturação do social (teoria de explicação da realidade) e, na segunda, o que interessa é a constatação empírica de diferentes formas ou intensidade das relações sociais num determinado campo social-parentesco, amizade, vizinhança, etc.

No que se refere à organização territorial da UDV, as duas vertentes podem ser apreendidas e, de maneira evidente, se complementam. A fala do Líder 2, citada anteriormente, demonstra que a inseparabilidade do entendimento geral e da realidade contextual é necessária, especialmente se o território se configura um território-rede (HAESBAERT, 2004).

Existem várias formas de analisar as redes realizando diferentes cruzamentos, por exemplo, quando se define um campo ético-político onde coletivos portadores de identidades variadas e com base em relações preexistentes, interpessoais transportam-se dos grupos locais para redes religiosas e de esquerda, articulando em redes ambientalistas, ou também nesse campo temos a categoria “coletivo em redes” e “redes de movimentos sociais” também está o desafio de como combinar as abordagens macro e microsociológicas para entendimento de redes

sociais primárias ou secundárias, locais ou globais ou ainda as de ações individual/coletivas ou de estrutura de institucionalidade do social (WARREN, 2012).

Na era da informação para configuração de redes sociais⁹ existem algumas categorias de análise (WARREN, 2012, p. 37):

a) temporalidade (comunicação em rede em tempo real, mas que permite a conexão de tempos sociais distintos);

b) espacialidade (criação de territorialidades de novo tipo virtuais e presenciais, e a conexão entre ambas);

c) sociabilidade (novas formas de relações sociais em intensidade, abrangência, intencionalidade e, em especial, seu significado e alcance num novo tipo de esfera pública).

Ainda que não se utilize rigidamente a proposta de Warren, quando se assume como centralidade da pesquisa o território-rede da UDV no Distrito Federal, a partir do Núcleo Luz do oriente, tais categorias estão imbricadas e se explicitam na construção deste território.

2.2.2. A força da palavra

A linguagem não é neutra, Bourdieu (2000) já afirmava que constituía um “poder simbólico”, assim como a arte e a própria religião. Um poder que retira sua força da sua naturalização, do não reconhecimento do mesmo como um processo de forças sociais assimétricas.

O que deixa mais interessante pensar a conjugação da linguagem, o segundo processo fundante das relações de um território (RAFFESTIN, 1993) com a religião. Uma linguagem sacralizada por assim dizer, haja vista que “o *homo religious* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o *sagrado*, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real” (ELIADE, 1999).

⁹ Existe uma distinção entre coletivos em rede e rede de movimentos sociais, o primeiro é o que tem conexões primárias, mais comunicacionais, usam as redes técnicas para levar e trazer informação de vários atores ou organizações como os links, conexões com ONGs, etc. Os movimentos sociais em redes são mais complexos já que transcendem organizações delimitadas e que vão conectando os sujeitos simbolicamente, solidariamente, vão construindo a identidade no processo, transpassando certas situações em direção a uma proposta e objetivo em comum (WARREN, 2012). A UDV não se enquadra explicitamente em nenhum dos dois e, na realidade, tem elementos tanto de “coletivos em rede” (conectar vários atores, inclusive fora do grupo, para ações estratégicas) quanto “movimento social em rede” (no que se refere a um objetivo comum em processo).

Obviamente, nos afastamos relativamente da visão de Bourdieu, que por sua orientação marxista tende a pensar a religião como ideologização da realidade e dissimulação da mesma. Não que ideologizar e dissimular não estejam presentes nas religiões em geral ou mesmo na UDV em particular, mas nivelar as relações constituintes de um território religioso desta maneira empobrece o caráter estritamente humano e altamente complexo que permeia o próprio território.

Porém, se concorda com Bordieu quando explicita o caráter social e a manifestação do poder simbólico na linguagem, o que parece ser a perspectiva de Raffestin (1993), quando este coloca a linguagem como central para o entendimento da geografia do poder sintetizada no território.

O subtítulo que abre este capítulo é uma frase relativamente comum entre os membros da UDV, “a força da palavra” significa o tipo de valor e engajamento que o ato de comunicação têm para o grupo e, ao mesmo tempo, denota o poder – neste caso, espiritual – que emerge da fala comprometida.

O falar ele está mais ligado com a gente à oratória, a gente já nasce com isso, essa capacidade e aprende também, né? Mais também está relacionado com a necessidade de comunicação que a gente já tem esse recurso dentro de nós. Então eu vejo que a oratória tem esse valor e tem também a palavra, né? Que é uma força, né? (Membro 1, Feminino, 34 anos, bebe Vegetal à 4 anos).

Bem isso aí é ensinamento do próprio Mestre Gabriel, ele sempre destacou a importância da palavra no crescimento espiritual porque tudo é comandado pela palavra, e durante muito tempo era só palavra escrita. Eu tenho uma experiência, eu já me perguntei isso, mas quando eu cheguei na União [do Vegetal] tinha um livrinho pra ler, acessei muito o conhecimento via leitura, mas eu tive uma experiência dentro da União que foi muito marcante em relação a força da oralidade da transmissão oral (Membro 4, Masculino, 56 anos, bebe Vegetal à 21 anos).

O poder da palavra é explícito para o membro da UDV, o que torna mais complexo o entendimento do “poder simbólico” manifesto no uso ideologizado da linguagem, como propõe Bourdieu (2000). Afinal, não apenas o poder da linguagem pode esconder relações sociais e intencionalidades – e normalmente esconde – mas também explicita, para determinados grupos, neste caso, religioso, um “poder espiritual” autoevidente.

Porque a comunicação e formas de comunicar existem a linguagem escrita e corporal. Então, assim, eu já estive em sessão de mestre responder uma pergunta dele fazendo um gesto de dar a condição aos discípulos de entender um tanto de coisas. [...] Achou que é bem assim como uma aula do mestre Gabriel, era um professor, né? Como ele falava para as pessoas.

Hoje a gente vive assim pelas atualidades do ensino à distância, uso de ferramentas web, mas [...] essa aproximação do ser humano ela é muito importante e necessária para nossa evolução e de nos darmos oportunidade de perceber porque assim nós somos. Em três pessoas, eu falo alguma coisa você pode entender de um jeito e a outra pessoa de outro, então assim a linguagem verbal oral tem as expressões que falam muito [...] (Membro 2, Masculino, 42 anos, bebe Vegetal à 11 anos).

Oral de boca a ouvido, então a gente sempre busca ser radical no sentido da raiz das coisas, porque tal coisa como foi que isso e tal [...], examinar direitinho. Porque a oralidade é acessível a todas as pessoas e universal, alcança para todos, pode chegar no coração de todas as pessoas e assim todo mundo entende porque é uma coisa do bem (Membro 8, Masculino, 37 anos, bebe Vegetal à 20 anos,).

[...] tem duas maneiras de se entender a comunicação: a escrita não pode errar; a palavra está sujeita a errar na maneira de falar, mas a prática exige uso da palavra, a União do Vegetal faz assim, a pessoa fala você tem que procurar praticar. [Já] a escrita nem sempre se pratica (Membro 7, Masculino, 41 anos, bebe Vegetal à 12 anos).

Há uma aparente ambiguidade na fala dos membros 2 e 8, no que tange ao duplo sentido ou a precisão da palavra, mas esclarecida pelo Membro 7, Masculino, 41 anos, bebe Vegetal à 12 anos sentencia: é preciso praticar o que se fala para dar precisão concreta, atitudinal a linguagem oral! De modo que aqui, a própria palavra, como discurso de um membro, é representada como indissociável das suas atitudes diante dos outros membros e do mundo.

Então, este jogo de falar e agir garante a efetivação das representações do território através da fala e da ação dos membros no interior do mesmo, a partir da comunicação e, conseqüentemente, reconstituição das relações e de si mesmos, tendo em vista este processo “universal” para “alcançar o coração das pessoas”, uma comunicação íntima e específica deste modo de modificar-se e modificar a realidade.

A sociedade fala, porém é o sujeito que enuncia o discurso, por sua vez construindo e reconstruindo a sociedade e seus objetos [e a si mesmos]. A comunicação difunde as RS [Representações Sociais] pela sociedade, numa troca entre os indivíduos e os grupos, durante a qual eles inventam, diferenciam ou interpretam os objetos sociais ou as representações de outros grupos (PELUSO, 1998, p. 13).

Soma-se a esta complexidade o aspecto cultural, haja vista que a linguagem é o veículo básico de uma cultura (GEERTZ, 1989), um sistema simbólico que possibilita o entendimento, mas também um determinado enquadramento do mundo. E a fala dos membros revela uma primazia da comunicação oral e gestual que “não necessita de nenhum instrumento e é utilizável por todos. O movimento observado

[gestual] e a palavra que o acompanha frequentemente permitem a aquisição de práticas” (CLAVAL, 1999, pp. 66-67).

Práticas estas que, no âmbito do grupo em questão também são práticas territoriais; dada a ritualização da oralidade. Já que “As regras abstratas da moral, as crenças, os conhecimentos racionais não tem outro suporte a não ser o discurso” (CLAVAL, 1999, pp. 67). Os discursos podem ser expressões de outras maneiras, mas pode-se afirmar que na UDV, a oralidade é central para a ritualização do território religioso, o que evoca a cultura e sua historicidade se quiser compreender o sentido dado à oralidade.

[...] a cultura da religião é verbal, Porque assim eu vejo que é uma forma de você exercitar a sua memória e uma maneira que você faz para desenvolver melhor o cérebro [...], guardar. Então, a partir do momento que você ouve e consegue contar do mesmo jeito o que você ouviu, você esta treinando sua memória (Membro 9, Feminino, 45 anos, bebe Vegetal à 8 anos)

Porque pela oralidade eu vejo que a pessoa pode adquirir sabedoria, eu percebo que quando a pessoa fala e ela faz essa conexão com pensamento, ela vai tendo maiores insight (Membro 3, Feminino, 64 anos, bebe Vegetal à 26 anos).

Essa conexão entre *pensamento-linguagem-ação* é sistematicamente acentuada na UDV¹⁰. Quando se fala de um “exercício da memória”, não se pode entender exclusivamente em sentido fisiológico, mas também hierárquico, como “o grau de memória”, que é a capacidade desenvolvida por membros que já consolidaram sua trajetória no grupo e ocupam cargos de Mestres ou são referenciados por terem alto grau de memória – o que necessariamente deve repercutir em suas ações para consigo e com os outros.

E esta Memória se expressa nas conduções do ritual e cotidiana do grupo religioso, através de um investimento histórico na linguagem oral, que remonta as matrizes culturais da religião.

Segundo Geertz (1989, p. 24): "a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos: ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os

¹⁰ Interessante destacar que Husserl (apud GIL FILHO, 2008, p. 31) ensina que: “os atos não podem encontrar as formas que lhes são convenientes sem que sejam apercebidos e conhecidos quanto à forma e ao conteúdo. O expressar da fala não está, pois, nas meras palavras, mas nos atos que exprimem; eles estampam um material novo, os atos correlatos que devem exprimir, eles criam para eles uma expressão ao nível do pensamento e é a essência genérica dessa última que constitui a significação da fala correspondente”.

símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade".

Desse modo, ainda que a religião dependa de uma ou mais culturas para se constituir ou se expandir, não é a cultura que explica a religião, mas possibilita o contexto - histórico e espacial, inclusive - que possibilita seu entendimento e, obviamente, sua aceitação e partilha.

O discurso udevista encontra-se com a temporalidade quando tenta imprimir uma duração infinita ao que foi dito originalmente; de modo a garantir a perenidade do discurso primordial, que fora veiculado na origem, por seu autor, Mestre Gabriel. Mas, não só isso: de garantir que a duração ressoe *exatamente* o que foi verbalizado; do *modo* como foi expresso. Essa a marca da tradição [...]; da permanência. Manter a tradição da oralidade, portanto, eleva-se à condição de manter *vivas* as palavras do Mestre (SIQUEIRA, 2009, p. 100).

Manter uma tradição imemorial, afinal, o que Mestre Gabriel fez foi *recriar* a UDV, o que implica que existia uma história anterior, que o grupo cultiva e reatualiza em cada encontro ritual. Sabe-se que tradição e cultural não são a mesma coisa, mas se relacionam, na medida em que a primeira é uma permanência (e uma performance) histórica só possível se reapropriada e dinamiza no contexto de compreensão cotidiano das pessoas (GEERTZ, 1989).

Obviamente, a oralidade remete à cultura indígena sulamericana da qual a própria união dos vegetais: o mariri e a chacrona surgiram como uso ritual, o que parece explicitar uma busca ancestral no presente, que a linguagem evidencia – e a força da palavra efetivada pela atitude, mantém na vivência partilhada do território, como é relatado:

Então, eu achou que a escrita pode se perder no tempo, óbvio que têm coisas que a gente consegue recuperar, mas têm coisas que o tempo leva mesmo, o que fica é o que as pessoa falam as histórias que são contadas assim, em tribos, né? Ou até antigamente. Então, assim, as pessoa vão deixar e não se perde, [...] acho que é por conta disso, principalmente, [...] fica mais claro na memória. Por exemplo, quando alguém fala uma coisa importante para você, você não esquece e o jeito que a pessoa fala é diferente quando ela escreve, quando a gente fala a gente tem olho no olho, a gente tem entonação da voz, o jeito que fala a coisa, o jeito de falar também é muito importante (Membro 5, Feminino, 19 anos, bebe Vegetal à 15 anos).

Não é que seja uma língua padrão, mas nosso ritual existe parte deles que precisam ser feitos em português não todo ele, então a sessões que acontecem em outros países elas são faladas no idioma local, mas as chamadas, os cânticos que são feitos na abertura, em alguns momentos da sessão, são feitos em português e tem uma sessão específica que também

toda ela é falada em português [...] (Membro 4, Masculino, 56 anos, bebe Vegetal à 21 anos).

Geograficamente, o território e suas redes são significados a partir de representações culturais (explícitos na linguagem oral e sua valorização), portanto, na medida em que não há espacialização sem que um contexto simbólico a viabilize, a compreenda e a reproduza. A dimensão cultural torna-se necessária para compreensão do mundo (CORRÊA, 1999, p. 51). Assim a cultura – veiculada pela linguagem – é “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte” (CLAVAL, 1999, p. 63).

Também é importante ressaltar que este autor dá ênfase à representação que o conceito de cultura transpassa ao grupo social, possibilitando a estruturação e forma de pensar o meio, necessários à conexão como o território enquanto projeto de poder¹¹.

Se o território é, “[...] um conjunto de lugares¹² hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários” (BONNEMAISON, 2002, p. 99), o conteúdo da conexão é a linguagem oral e as mensagens e saberes específicos da UDV, para além do aspecto técnico-informacional, herança ancestral e espiritual que Mestre Gabriel atualizou – e que é constantemente reatualizada nesta rede de troca energética eminentemente oral.

Outro aspecto bastante significativo é a primazia da língua portuguesa como meio para realização dos cânticos ritualísticos, independentemente da língua corrente do núcleo, já que em outros países, como Estados Unidos, Austrália, Espanha, entre outros, os cânticos religioso é realizado em língua portuguesa.

A língua padrão que existe que é o português, ela existe porque ela foi falada pelo criador da União do Vegetal, [...] aí você pergunta por que? Eu vejo que anos, anos atrás teve esse lado como um oásis [a redescoberta do chá *Hoasca*] que veio para humanidade e o Brasil em outras situações espirituais foi dita – *patria evangelia* – significa para onde se faz ir para a paz as pessoas buscam a paz, então o português sendo essa língua falada de dentro, também do lado caboclo, ela firma mais a sabedoria e aí eu vejo que tem um laço forte.

¹¹ A apreensão do mundo e da sociedade é feita através de sentidos, percebendo o mundo através dos parâmetros de leitura que recebeu. Das representações, passa-se aos conjuntos de ideias que organizam o mundo, a conceitos abstratos, a teorias, que estão, pois, na base do saber (CLAVAL, 2002, p.81).

¹² A centralidade dos lugares neste território-rede será aprofundada no próximo capítulo.

Notem que não é apenas uma linguagem, mas uma linguagem contextualmente específica, valorizada como elemento de poder espiritual. De certo modo, quando aproxima-se a vivência cabocla (que remete ao indígena amazônico, onde surgiu o chá) e a ideia de patria evangelia (pátria evangélica), a língua portuguesa – disseminadora dos ensinamentos assume uma capacidade energética, de repetição cíclica dos ensinamentos do modo como foi dito pela primeira vez (SIQUEIRA, 2009), por mais que se saiba que a língua portuguesa seja uma expressão da colonização europeia. E justamente isto revela a especificidade de um território sagrado, que faz a distinção entre o que é mundano e o que é divino (ELIADE, 1999).

Portanto, por mais que se saiba que a linguagem, como expressão de poder simbólico (BOURDIEU, 2000) e um dos processos centrais para a emergência do território (RAFFESTIN, 1993), culturalmente contextualizado (BONNEMAISON, 2002), não podemos perder de vista que, na sua relação com a religião, assume um caráter distintivo e mais ampliado de expressão de poder – manipulado, mas também espiritual; tradicional e energético; dinâmico e processual.

2.2.3. Acionamento do território no contexto da UDV

Se os homens [e mulheres] são os únicos que podem acionar o espaço e o tempo para efetivar relações de poder no território (RAFFESTIN, 1993), é preciso explicitar as territorialidades que se evidenciam no contexto específico do território sagrado da UDV.

“A territorialidade se situa na junção dessas duas atitudes [enraizamento e viagens]; ela engloba simultaneamente aquilo que é fixação e aquilo que é mobilidade – dito de outra forma, os itinerários e os lugares” (BONNEMAISON, 2002, p. 99).

O entendimento da territorialidade, a partir de Bonnemaïson, nos permite entender os engajamentos territoriais que determinado grupo cria para produzir e manter seu território. Além disso, fixação e mobilidade evocam diretamente a capacidade de ordenamento do tempo e do espaço proposta por Raffestin (1993).

Nesse sentido, é possível qualificar algumas territorialidades que se explicitam na fala dos membros e líderes.

O templo é bem significativo assim a gente bebe vegetal, casa de preparo, também está ligado porque onde se prepara o vegetal [...] e com certeza as plantas, você chegar num núcleo e ver a floresta e bem legal mesmo bem significativo então são coisas que estão interligados e que tem que estar presentes eu vejo assim que é importante (Membro 1, Feminino, 34 anos, bebe Vegetal à 4 anos).

Olha, para mim, o fundamental são as duas plantas que produzem o chá que agente toma, a Chacrona e o Mariri, porque sem essas duas plantas, sem esses elementos a gente não tem a religião, que é o que dá essa acelerada da memória que faz a gente perceber as coisas com mais clareza, em um espaço menor de tempo.

Reconhecer o Mestre Gabriel, [...] uma pessoa muito importante em minha vida, as doutrinas que ele trouxe traz para a gente uma confiança na família, aí essa confiança a gente sente outra família espiritual que são as pessoas de convivência aqui no Centro Espírita Beneficência União do Vegetal, que traz uma energia de harmonia para mim, outro elemento e o querer que o Mestre nos ensina que tudo homem pode depende do querer, aqui todos nos somos responsável pelo que temos, agente cuida e zela, por nosso espaço [...], por exemplo o templo fomos nós quem construímos, a casa do preparo, a casa entre amigos e assim tudo o que está aqui fomos nós que fizemos (Membro 7, Masculino, 41 anos, bebe Vegetal à 12 anos)

O que me trouxe pra aqui, a ideia de fazer laços de amizade, o que chama atenção muito [é a] arte, a música, e também o desafio de sendo um núcleo novo [...] da União do Vegetal e nessa região onde estamos (Membro 2, Masculino, 42 anos, bebe Vegetal à 11 anos).

[...] o chá que nós bebemos vem da amazona, e fez esse trajeto para sul, que no DF estamos quase dentro da Bacia do Prata, então nós estamos bem nesse divisor de águas, aí também nós estamos vendo a transformação pelo nosso cuidado, desde quando eu cheguei para agora, as árvores estão maiores, um lugar que tinha pouca sombra, o jardim está muito bonito, [...] também acompanhei grande parte dessas obras, agente vê que esta ficando um espaço mais agradável, bonito, principalmente mais florido (Membro 4, Masculino, 56 anos, bebe Vegetal à 21 anos)

Há marcações territoriais que indicam este acionamento da fixação e da mobilidade, nas falas dos membros. Tanto no que refere aos locais plenos de significação para cada um e todos – Templo, Casa de Preparo, o espaço para o plantio; quanto o movimento de transformação e viagem, a começar pelo próprio vegetal oriundo da Amazônia.

Mas também uma fixação mais profunda: fruto do trabalho de construção realizado para conformar o núcleo, a convivência em “família espiritual” e um tipo de relação com o ambiente que significa estabilidade e transformação – um processo topofílico (TUAN, 2012) que será aprofundado no próximo capítulo.

Não podemos esquecer que há uma historicidade aqui, no sentido de duração, já que os valores são a estruturação individual informada pelo plano histórico-espacial, no qual a pessoa se insere hierarquizando o mundo das ideias proporcionando-lhe coerência e duração (CLAVAL, 2002, p. 68). Esta comunicação simbólica cumpre dois papéis: a) permite que as pessoas que estão em diferentes espaços, mas partilham dos mesmos costumes, criem um sentido de pertencimento espacial a um lugar, assim como b) cria um distanciamento em pessoas que se encontram perto, mas que não mantêm os mesmos costumes. No caso, os que não fazem parte da “família espiritual”.

Nesse sentido, a territorialidade são sobretudo, as estratégias de controle dos lugares e redes que circulam e definem o território. Baseada em Sack (apud ROSENDAHL, 2006, p.5) explica que:

Territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútua. A territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território. De fato, é pelo território que se encarna a relação simbólica que existe entre cultura e espaço. O território torna-se, então, um geossímbolo (Bonnemaison, 2002 [1981]). Na análise deste geógrafo a territorialidade está fortemente impregnada de um caráter cultural. É por intermédio de seus geossímbolos que a religião de um grupo imprime marcas que identificam e delimitam um dado território religioso.

Concorda-se que a territorialidade é uma estratégia de controle de lugares e itinerários – e não só os lugares e itinerários em si, como argumenta Bonnemaison (2002), pois, no caso da UDV, o geossímbolo materializado é mais o lugar, consubstanciado no Núcleo.

A partir destas reflexões, podemos propor como territorialidades centrais que se pode explicitar na UDV: a) O Vegetal; b) O Núcleo; c) A Linguagem;

Este capítulo centrou-se na estruturação do território, a partir da troca de energia hierarquizada e reticulada, bem como no aspecto da linguagem como exercício e manifestação de poder no território. No próximo capítulo aprofundaremos no acionamento do espaço e do tempo, do lugar e das redes em um lugar concreto, geossímbolo do território das UDV no Distrito Federal e, por isso

mesmo, uma singularidade que evoca a realidade mais geral deste território: o Núcleo.

Como já discutimos amplamente a linguagem, que será agora manifestada no cotidiano do grupo, vamos focar as territorialidades do Vegetal e do Núcleo, intimamente relacionadas, que possibilitam perceber as imbricações entre território e lugar na configuração espacial da UDV.

CAPÍTULO III

O LUGAR DO VEGETAL: EXPERIÊNCIANDO O NÚCLEO

Neste capítulo, se aprofundará o sentido vivido do território da UDV a partir da concretude relacional do lugar. Faz-se uma abordagem sobre esta relação entre território e lugar, destaca-se a importância geossimbólica do Núcleo como lugar de existência para a UDV, bem como do Vegetal que depende de um ambiente controlado para se desenvolver, ambiente este que também é o projeto de futuro do grupo religioso.

3.1. O SENTIDO DO LUGAR NA UDV: LUZ DO ORIENTE¹³

Há uma imbricação entre território e lugar (HAESBAERT, 2004; ROSENDAHL, 2006, PANTOJA, 2011; etc.). Entretanto, é preciso distingui-los para melhor abordar a singularidade do Núcleo Luz do Oriente que, como lugar faz, parte do território da UDV que hoje se expande pelo planeta.

Sabe-se que o território, como já explicitado, acentua a dimensão espacial do poder (RAFFESTIN, 1993; HAESBAERT 2004; etc.), e que o lugar, ao menos na tradição humanista e cultural está mais ligado ao sentimento e afetividade (TUAN, 2012; 2013; RELPH, 2012; BONNEMAISON, 2002). Os dois, em diálogo, evocam tanto o pertencimento quanto a construção de uma identidade que, em termos espaciais, aproxima-se da geograficidade (DARDEL, 2011).

Dardel (2012, p. 1-2) expõe que “[o] Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (*géographcité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino”. Ao que acrescenta: “Há uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da ‘crosta terrestre’, um enraizamento, uma espécie de *fundação* da realidade geográfica” (DARDEL 2012, p. 15,).

Ao que parece, a geograficidade está diretamente ligada à identidade em sua perspectiva espacial. Por isso, território e lugar – contextos espaciais em escalas diversas para exercício deste amor e ligação, materialização da intimidade partilhada

¹³ Neste capítulo, como vamos fazer referência constante ao Núcleo Luz do Oriente, passaremos a chamar apenas de “Núcleo” daqui por diante.

com a Terra, e com os que partilham este modo de existência e destino – estão imbricados na União do Vegetal.

No capítulo anterior, nos dedicamos a explicitar os aspectos constituintes do território da UDV. Um destes aspectos, concretamente apropriado é o lugar de realização ritualística, de convivência cotidiana, de aprendizado mútuo, de obediência à “força da palavra” e de produção do projeto de mundo ambientalmente sagrado: o Núcleo Luz do Oriente. Um entre muitos núcleos, mas o que se revelou na pesquisa.

Ao mesmo tempo, uma territorialidade (estratégia de controle do território) e um geossímbolo (centro especializado significativo para o grupo), explicitando tanto um lugar (o núcleo em si e suas dependências) como parte do território em rede da UDV, dada a sua conexão com a Sede Geral e com os demais núcleos.

Segundo Bonnemaïson, um geossímbolo é: “um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (BONNEMAISON, 2002, p. 109).

Não há escopo aqui para aprofundar o debate sobre a identidade, porém, é necessário destacar ao menos que há uma coerência entre lugar como geossímbolo, território e identidade, haja vista que: “Identidades [...] constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e constituídas por meio de um processo de individuação” (CASTELLS, 2002, p. 23).

Com a palavra os entrevistados;

Vejo como um estilo de vida. Algumas coisas as pessoa procuram fazer [e] o vegetal sempre alerta a gente, eu vejo que muitas religiões têm isso, mas o vegetal é constante! [...] ele te dá norte, esse estilo de vida. Assim, quando a gente não está conseguindo se equilibrar [...] não dá conta de permanecer [no grupo] (Membro 1, Feminino, 34 anos, bebe Vegetal à 4 anos).

Pela forma de falar, quando a gente se encontra e pela forma de falar percebe que é da UDV, o ambiente familiar é bem forte e característico. O Mestre Gabriel criou a UDV como uma família (Membro 2, Masculino, 42 anos, bebe Vegetal à 11 anos).

Os ensinamentos de Jesus, e essa cultura caianina¹⁴ os ensinamentos de Jesus, e dentro disso [...] tem o cumprimento da palavra, o amor ao próximo (Membro 8, Masculino, 37 anos, bebe Vegetal à 20 anos).

O que aparece como um “estilo de vida”, “uma forma de falar”, “o ambiente familiar”, “a cultura caianina”, separados, talvez, possam significar elementos relativamente comuns, mas agregados em falas que se repetem, revelam uma constância significativa (re)apropriada diariamente pelos membros. Nesse sentido, acreditamos que podemos falar de uma identidade territorial religiosa.

Neste caso, podemos ainda, seguindo a orientação de Castells (2002, p. 24), identificar como uma identidade de projeto, já que “quando atores sociais, vale-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade, capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social”.

Talvez seja exagerada a ideia de que a UDV erige um projeto de identidade de projeto, mas pensamos que há elementos importantes no sentido de transformar a estrutura de relações gerais na concepção do grupo. Como tentaremos explicitar.

Porém, projeto de mundo como este¹⁵, expresso por um território em rede, só pode se efetivar se corresponder e se relacionar com indivíduos e grupos no plano concreto, ao nível do seu cotidiano. Portanto, o lugar como geossímbolo passa a ser este espaço-base da existência do projeto da UDV, ao mesmo tempo em que se revela como espaço de pertencimento forte e pleno, não apenas do ponto de vista das relações interpessoais (ambiente familiar), mas do ponto de vista da concretude que o território religioso assume na vida dos membros (ambiente espiritual).

Tuan revela que:

O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. Já observamos como o espaço desconhecido se transforma em bairro, e como a tentativa de impor uma ordem espacial utilizando um reticulado com as direções cardeais resulta no estabelecimento de um padrão de lugares significante (TUAN, 1983, p.151).

Descontando esta oposição entre um espaço “amorfo” e um lugar “performático” que pode ser questionável, a evidência de constituição está nesta

¹⁴ Como se identificam os membros, Caianos. O termo não foi usado por um comprometimento ético, já que é parte da linguagem e dos ritos específicos do grupo.

¹⁵ Há outros projetos territoriais que, talvez, não demandem um envolvimento de apropriação dos indivíduos e/ou grupos para se realizar.

definição e significado, que o distingue de outros espaços. Assim como indica TUAN, o lugar traz consigo uma ligação e uma significação para a pessoa, tem envolvido uma temática sentimental em que, através da vivência e do relacionamento de convívio, chega a representar essa emocionalidade no território-lugar. É assim que os adeptos da UDV descrevem sua ligação com o núcleo, com esse sentimento que é representado como laço de família com todos os adeptos, porém, mais especificamente com os membros do núcleo ao qual pertencem. Como escreve “Movemo-nos de experiências diretas e íntimas para aquelas que envolvem cada vez apreensão simbólica e conceitual. As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo de nosso ser” (TUAN, 1983, p.151).

Este aspecto da intimidade construída no movimento entre experiências diretas e sua apreensão simbólico conceitual, não é banal no caso do Núcleo Luz do Oriente, na medida em que grande parte dos ensinamentos doutrinários e práticas partilhadas são necessariamente avaliadas no campo da intimidade, enterradas no profundo do ser de cada membro, para daí emergir um processo de transformação pessoal, de identificação com o projeto de mundo da UDV.

O lugar que é construído pelos membros do Núcleo, traz consigo um trabalho no tempo que vem carregado de momentos íntimos, de tomada de decisões individuais e coletivas, estímulos que motivam, melhora da infraestrutura e de elementos que verão a significar para os membros uma intencionalidade de objetivo, mas permeado por sentimentos profundo de pertencer. Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato (TUAN, 1983).

[...] fortalecimento de nossa amizade é uma forma de a gente colocar em prática os ensinamentos que a gente recebe nas sessões. Então, pelo convívio no dia-a-dia, pelo diálogo, pela maneira de se tratar [e] de respeitar; de auxiliar uns aos outros. [...] Então a gente tem essa oportunidade de crescer, de fortalecer nossa amizade, crescer como ser humano também, é uma oportunidade a mais em nossa vida. Assim como com outras pessoas [que] também não são do Centro, [...] a prática do amor [e] da fraternidade e para todos (Líder 5, Masculino, 45 anos, bebe Vegetal à 20 anos).

[...] desde a família que a gente resolve as diferenças. Todas as famílias têm as diferenças, nem sempre concordam um com o outro. Então isso facilita, se não fosse esse trabalho [de organização do núcleo e plantio]. A gente poderia, por exemplo, contratar tudo, chegar aqui e estar tudo organizado, chegar só para hora da sessão e beber o chá e assistir a sessão e contratar outras pessoas para fazer. Porque a gente que faz a

limpeza do banheiro, das coisas, comida, lanche, organização do jardim, plantio. [...] se não fizesse esses trabalhos não teria a convivência que é uma coisa que é a mais importante do trabalho do Mestre Gabriel, que na convivência [...] a gente trabalha pela união das pessoas, com a união, por ver as diferenças, a gente trabalha porque vê a diferença das pessoas. Então é importantíssimo (Líder 3, Masculino, 42 anos, bebe Vegetal à 10 anos).

Assim, como vemos o importante do lugar é a experiência que se tem dele, essa experiência para o ser humano vem carregada de um estabelecimento de laços e isso se percebe na convivência que tem os adeptos do Núcleo. Estruturando trabalhos em conjunto com toda irmandade, conseguindo chegar a estabelecer laços com o território, que traz uma ligação forte e que não deixa que eles se desliguem desse lugar, existe um sentimento além da experiência de convivência. “As pessoas estão presas ao lugar, mas estão na verdade presas às pessoas, aos recursos da comunidade e uns aos outros” (TUAN, 1983, p.154).

O desenvolvimento das atividades tem sido produtivo, vem tendo uma ascensão boa porque a forma que a gente desenvolve [é] uma forma participativa. Onde todos podem participar, [...] contribuir [e] com a contribuição de todos a gente chega a um denominador comum, né? Ou seja, esse trabalho para ser realizado depende da participação de cada um para a gente chegar no todo (Líder 5, Masculino, 45 anos, bebe Vegetal à 20 anos).

[...] não vou dizer apaixonado porque é demais, mas [...] tenho um amor muito especial pela irmandade toda, [...] um sentimento que eu acho que o Mestre Gabriel, ele transmitiu em qualquer lugar que eu vá visitar, qualquer lugar que vá a gente percebe [...] esse convívio, as pessoas são simpáticas, [...] receptivos e atendem bem a gente. Então isso já é uma característica da União do Vegetal toda. Mas aí no núcleo eu sinto assim, [o] pessoal muito receptivo, muito alegre, muito musical, [...] as pessoas conversam entre si, então [...] sabe um pouquinho da vida de cada um, isso faz com que a gente tenha uma proximidade, um carinho também grande pelas pessoas (Líder 4, Masculino, 65 anos, bebe Vegetal à 15 anos).

Estar preso ao lugar, estar preso às pessoas, estar preso a um projeto que, de maneira ambígua e complementar é, em muitos aspectos – libertador. Geertz (2001) ao relatar o trabalho de Brenner, sobre a conversão das mulheres javanesas ao uso da roupa tipicamente islâmica, traz a questão de que vestir a roupa, “o beliscão do destino”, implica uma mudança muito acentuada na identidade pessoal e social das mulheres que o fizeram, não acarretando facilidades na sua convivência familiar e pública. Ao contrário, passaram a ser perseguidas e sofrer violência moral e física, mas, apesar disso, as próprias relataram que a mudança de vestuário:

“havia modificado seus sentimentos a respeito de si mesmas e de seus atos” (BRENNER apud GEERTZ, 2001, p. 162).

Não é a questão de comparar os contextos de conversão e o veículo para tal – o vestuário para as mulheres, a entrada no Núcleo para os membros da UDV. Porém, este tipo de comprometimento profundamente pessoal, mas inegavelmente coletivo (as mulheres estão envolvidas com o “ressurgimento do islã”, para os membros da UDV com a expansão de um “ambientalismo sagrado”) partilha este projeto espiritual, com consequências em múltiplas escalas: desde a construção do lugar de reunião até a valorização da expansão territorial planetária da UDV.

[...] a gente trabalha assim, irmanado e um trabalho fraterno e [...] gratificante e um trabalho voluntário, mas [...] nos dá uma consciência da importância desse trabalho que [...] chega a um *determinado momento* que ele deixa de ser voluntário para nós [e] passa a ser uma necessidade real, [...] a gente começa a sentir que é como um dever de realizar esse trabalho de tantos benefícios que a gente vem recebendo ao longo do tempo (Líder 5, Masculino, 45 anos, bebe Vegetal à 20 anos, grifos pesquisadora).

O “determinado momento”, que na realidade pode ser um processo mais longo, mas também se dá de uma só vez, em sessões rituais, em muitos casos. É significativo para entender esta passagem, que também se trata de um tipo de comprometimento pessoal e coletivo, o que revelaria o poder manipulativo da religião (RAFFESTIN, 1993), mas também pode revelar um compromisso espiritual com um processo territorial em que se acredita, material, simbólica e espiritualmente. Ou, possivelmente as duas coisas, mas não podemos agir *à moda durkheimiana*, nivelando a experiência humana por baixo, como resultante de mero jogo entre ignorância e manipulação.

O território passa a ser realidade quando se instala no ser como sentido do mundo, descolando do espaço total um conjunto de pontos, de itinerários, que são conectados e representados por centralidades como o templo [ou o Núcleo, neste caso]. É essa abertura de conexões possível, obviamente, também, o fechamento de outras [...], a partir de uma reflexão que não é científica, mas que seguramente produz uma clareza potente sobre a ordem das coisas (PANTOJA, 2011, p. 85).

Pantoja (2011) esclarece que há uma intencionalidade, uma avaliação e um julgamento pessoal neste processo de realização da “ordem religiosa das coisas”, quando trata do território mórmon em Belém do Pará, o que dialoga com esta pesquisa. Portanto, não é um processo automático, é ao mesmo tempo, consciente

e carregado de simbolismo espiritual esta mudança de identidade ao assumir o lugar do Núcleo.

No Núcleo se dá um claro reflexo dessa mudança identitária já que, como é uma organização religiosa, para poder mobilizar a irmandade a participar dos trabalhos é necessário que exista uma união entre os irmãos, além de objetivos em comuns. Essa união vai ser o norteador da convivência, sem necessariamente o estabelecimento de relações íntimas, já que o que importa é que esse convívio fique guardado na memória de cada um dos participantes do trabalho ou ritual.

O lugar pode ser definido de diversas maneiras. Dentre elas, o lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção. Quando olhamos uma cena panorâmica, nossos olhos se detêm em pontos de interesse (TUAN, 1983, p. 179).

Não se concorda completamente com esta afirmação, mas é fato que “deter-se” ou ainda “a estabilidade que capta nossa atenção” inscreve e familiariza os membros com o Núcleo. Percebe-se que muitos lugares são de importância para os membros por causa de sua particularidade visual, já que para uns o que pode ser pouco visível porque não é atrativo, para outros tem uma pertinência, tem uma visibilidade especial, diferenciada, um encontro entre olhares, o ambiente e o lugar, pela visualidade que traz a coisa que se fixa na memória da pessoa que frequenta o lugar, essa paisagem se torna familiar e se torna própria da pessoa, um elo intencional que também é espiritual.

O sentido de lugar, então, passa a ser o de reunião (RELPH, 2012), que pode ser tanto a conexão existencial com a qual o indivíduo e o grupo interpretam e vivenciam o mundo (MALPAS, 2012), mas também pode servir a um processo de fechamento e proteção entrincheirada, o que é, segundo Relph (2012), um sentido contaminado de lugar.

3.2. O VEGETAL: PLANTAR O AMBIENTE

O “Lugar Núcleo” da UDV é, seguramente, o ambiente aonde as plantas Mariri e Chocrona, são reunidas no chá *Hoasca*. O lugar de plantio (cf. croqui) é também de convivência, de reunião, de atualização das relações e um modo de sentir-se parte de um projeto maior de mundo, maior até que o próprio Núcleo.

[...] e agente precisa plantar as plantas da floresta [Amazônia], chegamos a conclusão que é preciso plantar as plantas da floresta, então essa é a primeira ligação que a gente tem com agrofloresta¹⁶, [...] têm diversas outras aqui no Núcleo Luz de Oriente, a gente tem uma eco fossa¹⁷ que é uma das maiores que um especialista que conhece do assunto viu.[...], fossa de evapotranspiração, tem alguns plantios de agrofloresta, eu considero fazer uma cisterna agroecológica¹⁸ tem gente que não considera mais eu sim, futuramente a gente já planeja fazer captação de água chuva (Membro 8, Masculino, 37 anos, bebe Vegetal à 20 anos).

Então assim o plantio é uma necessidade, e isso é muito bom porque nós ganhamos por esse contato com a natureza em ter uma alimentação melhor, o ar fica melhor, todos esses assuntos ambientais. [...] em biomas como o cerrado ele é muito rico, Amazônia, o Cerrado, os biomas brasileiros. [...] Tem muito ainda por conhecer, eu acredito que na natureza existe, é possível na natureza encontrar cura para, assim, não vou dizer todas, mas quase todas as doenças, pelas plantas eu acredito nisso. [...] [o chá] Impressiona hoje aos cientistas porque pelas composições químicas e o efeito que proporciona em nós, sendo inofensivo à saúde, então, [...] para mim é um líquido sagrado [...] (Membro 2, Masculino, 42 anos, bebe Vegetal à 11 anos).

Na União encontrei isso: o trabalho do plantio, encontrei o cultivo de plantas da Amazônia em meio do Cerrado, muito desafio, muita coisa para estudar, os Nove Vegetais¹⁹ também que são árvores que já eu conhecia algumas as outras eu conheci na União. Bom esse chá [Hoasca] é a união de duas plantas amazônicas, até onde a gente sabe as conhecemos na Amazônia, que é uma união interessantíssima e muito inteligente, de acordo com alguns etnobotânicos. Nós somos uma instituição que bebe um chá no ritual religioso, então a importância das plantas é evidente, para que o ritual se mantenha, e que a gente tenha a possibilidade ao comungar desse chá, que para nós é uma comunhão, que a gente tenha acesso à realidade do mundo espiritual (Membro 4, Masculino, 56 anos, bebe Vegetal à 21 anos).

Em diferentes níveis – e pudesse colocar muitas outras falas aqui (cf. anexos) – os membros do Núcleo referenciam este espaço que é projeto, este lugar criado em conexão Amazônia-Cerrado, o coração do Núcleo porque é onde o vegetal é cultivado, porém, para tal, demanda o cultivo de todo um ambiente que possibilita a criação do vegetal. Em muitos sentidos, o lugar de plantio é um território-santuário:

Os símbolos ganham maior força e realce quando se encarnam em lugares, o espaço cultural é um espaço geossimbólico, carregado de afetividade e

¹⁶ As agroflorestas estão dentro das atividades agropecuárias. Têm uma importância no enquadramento das atividades de produção em geral porque têm sido consideradas sustentáveis, apresentando-se como alternativa aos sistemas intensivos de produção (OMAR, 2000, et all. p. 159). São formas de usos ou manejos da terra nos quais se combinam espécies arbóreas, frutíferas e/ou madeiras com cultivos agrícolas e/ou criação de animais, de forma simultânea ou em sequência temporal e que promovem benefícios econômicos e ecológicos (CIFLORESTA, 2015, s/p).

¹⁷ Sistema ecológico de tratamento de esgoto que maximiza a ação de bactérias e não utiliza energia elétrica ou quaisquer produtos químicos (ECOFOSSA.COM, acesso em 10.10.2015).

¹⁸ É o principal elemento no projeto de aproveitamento de águas pluviais, esta pode variar em volume e material de que é feita, podendo ser construída em alvenaria ou adquirida no mercado em materiais pré-fabricados como plástico, fibra de vidro, etc (ECOCAS.COM.BR acesso em 19.10.2015).

¹⁹ Nove tipos de plantas da amazônica – incluindo o Mariri e Chacrona.

significações: em sua expressão mais forte, torna-se território santuário, isto é, um espaço de comunhão com um conjunto de signos e de valores, a ideia de território fica associada a ideia de conservação cultural (BONNEMAISON, 2002, p. 111).

Um ambiente criado composto de vários elementos – implantação de tecnologias sociais com base no aproveitamento e reaproveitamento de recursos e espaços (CULTI, et. all, 2004, p. 1) para o cuidado do ambiente – tais como: eco fossa, permacultura, agrofloresta, cisterna agroecológica. Porém, este espaço estruturado, objetivo, não é o único nível e nem exatamente o que estamos propondo desvelar. Embora qualquer outro “nível” fosse impossível sem esta materialidade objetivada.

Segundo Bonnemaison (2002), o espaço vivido e cultural são aprofundamentos deste espaço objetivado em uma perspectiva geocultural, sendo assim, a relação entre membros e ambiente, entre o plantio do vegetal e o trabalho na terra, atinge as relações cotidianas e o projeto de mundo – meta dos valores e significações partilhadas pelo grupo. O espaço telúrico, como espaço fechado, profundidade e movimento, é também a floresta, ela preenche o espaço, envolve ao homem em mistério e temor (DARDEL, 2011, p. 19).

Para mim ele é o mais sagrado elemento da natureza que me fazem, dentro de minha pequenês, do pequenino que eu sou, me conectar com Deus com a natureza, com universo. Achou que fundamental porque nossa religião esta muito ligada a esse movimento da natureza da terra (Membro 3, Feminino, 64 anos, bebe Vegetal à 26 anos)

Pô, cara! Óbvio que tem, né? Tem um plantio, a gente não cuida só do mariri e da chacrona, a gente planta outras coisas, cuida de terreno, a gente não desmata, a gente é paz e amor com a natureza, todos os núcleos fazem [...]. O cuidado dessas práticas para nós porque comungamos um chá que vem da floresta e que são duas plantas (Membro 5, Feminino, 19 anos, bebe Vegetal à 15 anos).

Eu, heim! Tenho uma ligação muito grande. Nossa! É o que a gente tem de melhor na vida: a natureza! Até nós mesmos somos da natureza, sem a natureza não existe nenhum ser vivo na Terra. Para mim é uma importância muito grande, essa ligação com Deus muito importante (Lider 1, Feminino, 62 anos, bebe Vegetal à mais de 40 anos).

Essa relação entre natureza, terra e espírito, através do ambiente construído para ser um “pedaço da Amazônia no Cerrado”, mas evocar este sentido de respeito e devoção para com o cuidado com o ambiente religioso é uma evidência de que um modelo de vida se instala no partilhamento dos valores e atitudes da UDV, uma

geograficidade, por assim fazer, que sustenta e funda o lugar e o território santuário. Há também um sentido tanto funcional – produzir o chá, indissociável do sentido espiritual – trabalhar e respeitar o ambiente como aproximação do homem e mulher de Deus – que refunda a própria realidade²⁰ e condição de existência dos membros.

[...] minha relação com a natureza, eu tenho louvor e alguma tristeza também, por como o ser humano tem rejeitado o presente que Deus deu, mas eu tenho louvor, acho muito bonito, eu sou analista de sistema então fico mexendo com texto em inglês, planilhas de Excel, sistemas complexos que os caras inventam e tal. [...] Aí a pessoa fala: “nossa, esse assunto é complicado”, só que na mosquinha da banana tem mais ciência que isso tudo (risos) porque o homem não fez isso, a vida tem mais ciência que tudo isso. Então trabalhar com sistema agroflorestal, com a natureza e muito amplo, é aprendizado, é *ciência divina* mesmo. Para a gente apreender as coisas e [...] desenvolver e [...] o lugar que tem pássaros e um lugar alegre, geralmente um lugar que tem pássaro quando as pessoas chegam sentem alegria, quando chegam os pássaros festejam, é bom demais (Membro 8, Masculino, 37 anos, bebe Vegetal à 20 anos).

[...]Eu já vi que as pessoas trabalham muito com o esquema de agroflorestal que eu conheci essa técnica quando ainda estava na faculdade, porque o pessoal utilizava muito lá. [...] fazia um cultivo sem ser de monocultura, né? Então a ideia é ir diversificando, vai criando um ecossistema equilibrado e que se sustenta, não causa aquele impacto todo. Eu vi quando a pessoa começou a utilizar permacultura²¹ tinha lugar que eles iam reflorestar e eram lugares que há muito tempo não chovia, aí quando eles começavam os trabalhos as chuvas se faziam mais frequentes e as pessoas não entendiam como eles tinham feito para conseguir isso (Membro 1, Feminino, 34 anos, bebe Vegetal à 4 anos).

É interessante perceber como o lugar tem que ter uma ligação e ser significativa para uma pessoa e um grupo, para poder perdurar no tempo e não ser esquecido. Neste espaço a pessoa precisa perceber uma preocupação dos outros por ela, estabelecer laços, sentir essa segurança que só é sentida no abrigo dos pais, como esse sentimento interior da pessoa ou do grupo traz um valor particular ao espaço, o que não é refletido, por exemplo, em espaço público qualquer. O Espaço tem que ocupar “um lugar especial” para certa pessoa ou grupo.

²⁰ Há uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da “crosta terrestre”, um enraizamento, uma espécie de fundação da realidade (DARDEL, 2011, p. 15).

²¹ Paisagem conscientemente desenhada que reproduzem padrões e relações encontradas na natureza e que, ao mesmo tempo, produzem alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais (HOLMGREM, 2007, p. 3).



Imagem 6 – Mariri em ambiente nucleado na 13º Região, MT e MS. Fonte: <http://www.navegadormt.com/noticia.php?codigo=16654&categoria=Cidades>, acesso em 19.10.2015.



Imagem 7 – Chacrona em Ambiente Núcleo Fonte: <http://avisopsicodelicos.blogspot.com.br/2007/05/ayahuasca.html> acesso em 19.10.2015.

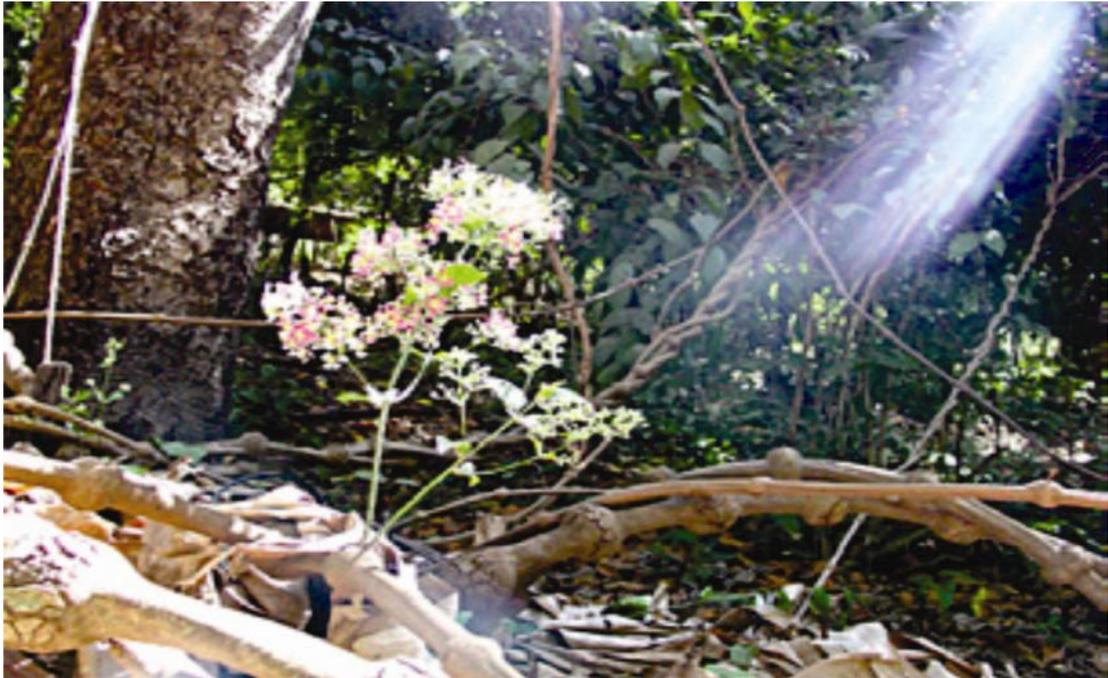


Imagem 8 – Mariri plantado no cerrado, fonte: Altofalante edição especial, 2013



Imagem 9 - Mariri em SAF (sistemas agro florestais) Fonte: Altofalante 2013, extraído em 25/10/2015



Imagem 10 - Mariri Tucunaca N. LDO, autoria: DMD, 2013

Toda paisagem é humanizada, ela está para os que criam uma conexão existencial com ela e com o grupo, um tipo de comunidade em torno do lugar como matéria-vivência-cultura (BONNEMAISON, 2002). A integridade do lugar é mantida pelo rito (TUAN, 1983), o Núcleo é mantido na ritualização e os elementos materiais e imateriais que são mantidos no lugar, é responsabilidade das pessoas, que fazem parte desse lugar, por que o lugar de certo modo se torna a sua vida, por assim dizer – verdadeira, já que “o significado do sagrado vai além de imagens, templos e santuários, porque a experiência do sagrado está no domínio da emoção e do sentimento do ser no mundo” (ROSENDAHL, 2012, p. 76).

Ainda mais, esta construção do território santuário, hierarquicamente produzido e espiritualmente partilhado, aonde o cultivo do Vegetal se torna o centro do culto e a função mesmo do convívio, um projeto de mundo se desnuda, é preciso interpretá-lo numa perspectiva geocultural.

3.3. O PROJETO DE MUNDO NO LUGAR –NÚCLEO

A UDV, com suas dezessete regiões e 168 núcleos no Brasil e exterior, está em franca expansão territorial. O modelo adotado para expansão é a organização em rede núcleos. Ainda que o termo “região” designe uma extensão areal de atuação, claro está que a unidade básica de ordenamento e prática ritual é são os núcleos. Cada um desenvolve suas atividades em ritmo próprio, mas seguindo diretrizes e uma padronização geral das mesmas, com amplas trocas de informações, conhecimento e mobilidade de membros entre os núcleos para participar de sessões rituais e compartilhar experiências.

[...] nesse sentido de fortalecer amizade, o ambiente familiar, a participação de pessoas de todas as idades, jovens adulto crianças, de aqui do Luz do Oriente, alegria é algo que me impacta na convivência. Por exemplo, é um lugar que nós temos, porque aqui, apresentamos uma peça de teatro [sobre a história de Mestre Gabriel] envolvendo adultos, crianças e jovens também [...] (Membro 2, Masculino, 42 anos, bebe Vegetal à 11 anos)

[...] tem muito a ver com isso né? Procurar ser sincero, verdadeiro, se irmanar, a gente exercita isso nos núcleos de trabalhar juntos, de formar equipes, respeitar a cada um como é, ter essa dimensão para à evolução que eu acho, é, um diferencial muito forte [...] (Membro 4, Masculino, 56 anos, bebe Vegetal à 21 anos ,)

[...] aqui todos nós somos responsáveis pelo que temos, a gente cuida e zela, por nosso espaço que é nosso. Por exemplo, o templo, fomos nós que construímos, a casa do preparo, a casa entre amigos e assim tudo o que esta aqui fomos nós [...] (Membro 7, Masculino, 41 anos, bebe Vegetal à 12 anos)

O núcleo, como vimos, supõe uma hierarquia de comando que determina as diretrizes e os códigos – inclusive de aspectos da linguagem – gerais, modelo ritual e padronização de comportamento, remetendo e filiando-se aos ensinamentos do Mestre Gabriel e do Vegetal. Num processo que tenta manter, pela oralidade as mesmas prerrogativas do fundador, mas que comporta amplas reapropriações e reelaborações.

Cada universo religioso escapa a seus fundadores e transmissores, estabelecendo um universo de rituais e de sinais submissos a qualquer tipo de interpretação e de usos, a diversas regulações institucionais e sociais. Se falamos de um carisma de um fundador ou *refundado*, é para ressaltar, precisamente, que a questão de sua origem é problemática: o processo pelo qual a fundação se efetua é sempre complexo, mas existe *fundação quando o carisma conduz, de um modo qualquer, a uma transmissão*. A religião

envolve, então, um carisma fundador e uma filiação (WILLAIME, 2012, pp. 196-197).

Ao que se acrescenta, um espaço, mais precisamente um território que evidencia a concretude desta filiação enquanto projeto, e deste carismas refundador como orientação de mundo e, portanto, nos lugares que vivenciam a religião, ao menos na perspectiva da UDV.

O Mestre Gabriel e o Vegetal, então, marcam a refundação deste projeto espiritual que não é circunscrito ao Brasil, nas palavras do próprio Gabriel: “de Manaus para o Mundo” (Revista Altofalante, 2011, p.5). As territorialidades deste território em expansão são: o Núcleo, a linguagem, o ambiente naturalizado como sagrado e a circulação/controlado do Vegetal. Estas territorialidades (BONNEMAISON, 2002; ROSENDAHL, 2006) permitem indicar a emergência de um Projeto de Mundo.

Os núcleos, como já mencionamos, são todos em áreas ruralizadas próximas ou mesmo dentro dos centros urbanos, de modo que há um aspecto espacial fundante construção da Hierofania (ELIADE, 1999) – para que o Vegetal Sagrado seja cultivado e todo o lugar se desenvolva no seu entorno – há uma especificidade das condições do solo e, portanto, não se pode criar núcleos em qualquer espaço.

[... todo os núcleos busca ser em áreas preferencialmente não urbanizadas, são territórios mais rurais em geral, a pesar de ter núcleos que estão em áreas urbanas, todo eles buscam ser em área rural, os núcleos que não, por exemplo, no caso do luz do oriente, ele era um núcleo descampado então não tinha floresta, ele começa a fazer um trabalho de agro floresta para começar a desenvolver uma natureza ali no local...] [...então eles buscam isso mais não necessariamente é uma exigência, porque tem núcleos que são erguidos em área urbana mesmo, principalmente no norte que já tem muitos núcleos que estão em área urbana mesma dentro da cidade...](Membro 6, Masculino, 29 anos, bebe Vegetal à 9 anos)

[... agente faz parte dessa terra, plantando arvores, plantando mariri e chacrona, transformar a vegetação, voltar a o que era antes e poder melhorar mais um pouco, a união do vegetal esta sempre ligada em nesse sentido auxiliar a transformar aquele lugar...] (Membro 7, Masculino, 41 anos, bebe Vegetal à 12 anos)

[...mais vou disser para você agroflorestal é reflorestar, cuidar do meio ambiente e reflorestar porque é de fundamental importância que nos tenhamos floresta, porque essas plantas sagradas elas são nativas da região de amazonas de toda região amazônica....] (Líder 2)

[...aqui as pessoas que nenhum momento na vida plantaram uma arvore o tiveram um trabalho com plantas, aqui vai pegando a terra então promove pra eles o contato das pessoas dentro desse trabalho comunitário o contato das pessoa com a natureza diretamente plantas e esse trabalho com a terra

de preservação da natureza, de plantio, de plantar árvore, coisa que a gente faz dentro de aquele trabalho que eu falei comunitário...] (Líder 3)

[...Nos precisamos de um espaço de água de uma terra fértil para poder a gente plantar porque nossa religião depende também de as plantas depende de lenha para preparar o vegetal...] (Líder 5)

De muitas formas, esta especificidade constitui um delimitador e, ao mesmo tempo, implica um tipo de trabalho criativo e técnico por parte dos membros, demarcando o espaço do núcleo e, literalmente, “cultivando o sagrado”, com paisagens que se evidenciam nos lugares-núcleos deste território-rede.

Não se pode perder de vista um tipo de “ambiente amazônico” adequado ao Mariri e a Chacrona, que é desenvolvido a partir de um conjunto de estratégias tecnicamente consistentes quem, ao mesmo tempo, potencializem os processos naturais e garanta a produção do Vegetal no lugar-núcleo.

[...] Como estrutura, todos os núcleos têm [...] como exigência, para o núcleo ser independente, ele tem que ter uma *casa de preparo*, tem que ter um salão, ele tem que ter o plantio do núcleo, tem que ter dois pés de Mariri e um pé de Chacrona por sócio cadastrado [...] (Membro 6, Masculino, 29 anos, bebe Vegetal à 9 anos).

[...] a UDV vem difundindo entre os núcleos e as regiões que existem dentro da UDV que cada núcleo tem que ter a sua sustentabilidade com as plantas sagradas Mariri e a Chacrona, então cada núcleo tem que plantar pelo menos três Mariri por sócio que ela tem [...] (Líder 2)

[...] a UDV tem uma infraestrutura básica como templo, casa de preparo, cozinha, mais hoje em dia com os diferentes estudos e inclusive em um núcleo de Planaltina, que se decidiu compartilhar, por exemplo, a casa de preparo, ou quando o núcleo se desmembra para formar outro núcleo também ele pode solicitar utilizar a casa de preparo [do anterior], então assim a gente vai compartilhando as instalações [...] (Membro 3, Feminino, 64 anos, bebe Vegetal à 26 anos)

Portanto, uma ambiência muito específica – e filiada ao ambiente amazônico e as ensinamentos do Mestre Gabriel – marca o território, emerge daí paisagens que, configuram-se marca e matriz de significados para o grupo (BERQUE, 1999). Ao resultar de uma construção coletiva e partilhada, marcadora de uma postura: rural-urbana, agroecológica e ambientalmente funcional; o grupo investe um sentido de lugar altamente afinado com o projeto de expansão – extensivo, no sentido de novos núcleos; e intensivo, no sentido de aprofundamento das relações nos núcleos

já estabelecidos, Imbricado a este movimento, o desenvolvimento da paisagem do lugar-núcleo, como já deixamos claro, apontam as diretrizes de ação, um tipo de atitude para com o ambiente e para com os outros, uma maneira de ser e um tipo de espiritualidade engajada na “força da palavra” e no “ato de beber o chá” que podemos qualificar como matrizes de significados, explícitas na paisagem, importantes para o grupo.

Geertz (1989, p.45) nos alerta que “as religiões projetam uma imagem cósmica de mundo no plano das experiências humanas e usam estas experiências para validar as imagens cósmicas”. É algo que, podemos, empiricamente, constatar no modelo territorial em expansão da UDV, o que pode ser uma abertura para um entendimento mais completo e complexo das imagens cósmicas (A Terra, O Vegetal, o trabalho irmanado a ritualização em uma língua Comunal) e a experiência cotidiana a partir do lugar-núcleo. Sobretudo porque não é uma Hierofania, que irrompeu mais foi criada, desenvolvido em cooperação tanto, material quanto ambiental, supõe-se experimental. Inevitavelmente, esta cooperação e convívio, repercute profundamente na postura individual/coletiva, alargando o horizonte de expansão do “Vegetal”. “De Manaus para o mundo”, disse o Mestre Gabriel uma vez é possível que muitos outros lembrem dito e o concretizam na “força da palavra” é explícito e corresponsabilidade desta expansão nas falas;

[...] O vegetal sempre alerta a gente. Eu vejo que muitas religiões têm isso, mas o Vegetal é constante, nisso ele te dá norte, esse estilo de vida, assim quando a gente não está conseguindo se equilibrar, não dá conta de permanecer [...] (Membro 1, Feminino, 34 anos, bebe Vegetal à 4 anos)

[...] impressiona hoje aos cientistas porque pelas composições químicas e o efeito que proporciona em nós, sendo inofensivo à saúde. Então, assim, para mim é um líquido sagrado [...] (Membro 2, Masculino, 42 anos, bebe Vegetal à 11 anos)

[...] Sim, porque me identifico com essa forma, [...] a sinceridade e o enorme senso de responsabilidade, de compreender a necessidade de que a humanidade tem de viver dias de paz, e como ele colocou essas bases na religião, reviver os ensinamentos de Jesus de forma assim contemporânea, dentro de nossa linguagem acessível a qualquer pessoa [...] (Membro 8, Masculino, 37 anos, bebe Vegetal à 20 anos)

[...] É um canal da evolução que está me ensinando a evoluir, é o canal que vai me fazer chegar, indo devagarzinho, mas chegar ao divino, deus, esse canal é o que nos guia e nos faz estar aqui [...] (Membro 7, Masculino, 41 anos, bebe Vegetal à 12 anos)

[...] a gente conscientiza as pessoas a fazer um trabalho de conscientização interna e também levar essa consciência para outras pessoas da importância da UDV, para a sociedade que é uma religião que vem recuperando as pessoas em diversos aspectos.

Os benefícios do chá parecem ser confirmados por estudar médicos e fisiquímicos, mas o preconceito em torno do mesmo é grande como afirma o líder na seguinte fala;

[...] o grande desafio e o preconceito em relação ao vegetal porque ainda quando as pessoas ouvem falar quando tem alguma informação com respeito as religiões ayahuasqueiras a primeira reação é preconceituosa no sentido que e o entorpecente que e um alucinógeno as pessoas são herdeiras do momento hippie então ainda não compreenderam que na historia do ser humano existe muitas formas de desenvolvimento espiritual que usam recursos de muitos tipos entendeu o terreiro de umbanda por exemplo usa o charuto e a cachaça...] (Líder 4)

[...a gente já conseguiu superar algumas coisas primeiro o direito de realizar nossa sessões de comungar o vegetal de forma legal amparado pelas leis do país...] (Líder 5)

[... desafios temos alguns ainda, precisamos ainda ter uma legalização definitiva do uso do chá. Em alguns países também a gente ta entrando então a gente enfrenta algumas dificuldade mais graças a deus todos tem sido superadas e outras que tem pela frente certamente serão superadas também...] (Líder 5)

Entretanto o fluxo de pessoas que aderem a religião “União do Vegetal” no Brasil e no mundo, lidera um processo forte de identificação, especialmente se notamos que não há estratégias específicas de “proselitismo” tais como missionários, alto investimento em televisão entre outros.

Porém, é isto parte do projeto, algumas estratégias se evidenciam em relação a uma sociabilidade da UDV, nas comunidades no raio de ação do núcleo e das regiões e isso se reflete na forma de organização de um departamento e uma instituição externa a UDV chamada casa da união.

A beneficência da união existe desde seu origem, hoje existem unidades beneficentes que desenvolvem projetos sociais como o Luz do Saber, que além do valor social e fraterno, possui um papel fundamental na posição institucional do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal como agente construtor na sociedade.

Por as diversas ações realizada pela UDV e Casa de União, desde 1999, tem o Titulo de Utilidade Pública, realizando 63,7 a comunidades, 14,8 a famílias, 7% a

crianças e adolescentes, 2,7% moradores de áreas de ocupação, 2,4% a estudantes. (Altofalante, 2011, p.26)

Entretanto algumas ações realizadas com apoio de instituições públicas e privadas, são a alfabetização iniciada para membros dos núcleos e depois estendendo o benefício para pessoas de fora. Esta alfabetização foi desenvolvida através de um software, que foi disponibilizado com livre distribuição para promoção do ser humano.

Assim por diante eles vem desenvolvendo beneficência através dos departamentos da cada núcleo de beneficência, assim como também através da Casa da União, consolidando seu ação solidaria através de ações comunitárias que beneficiam associados quantos pessoas que não são adeptos, isso faz parte do projeto de mundo que tem um enfoque ambiental e uma área social.



Imagem 7 - Alfabetização em Cuiabá (MT). Fonte: Altofalante, Edição Histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este percurso de investigação do território da UDV, a partir o Núcleo Luz do Oriente, em Brazlândia, DF. Sintetiza-se a interpretação a partir dos objetivos propostos, bem como se as hipóteses de pesquisa foram confirmadas ou não.

A escolha do conceito de território, e mais precisamente a relação entre território e rede, não se deu a priori, mas a partir de pesquisa exploratória e aproximação deste espaço de vivência, sendo assim, o olhar que imprimimos e a reflexão que ousamos vai ao encontro desta busca pelo sentido e os elementos territoriais.

Nossa primeira hipótese, de que o território da UDV se organiza reticularmente e não apenas por contiguidade, se confirma.

Como elementos, a partir das relações de poder emergentes no território da UDV, destacamos a forte hierarquização – desde as diretrizes de construção de novos núcleos até a divisão regional (que na realidade é reticular), impregnando toda a cadeia de comando até o quadro de sócios. Obviamente, podemos alegar que todo o território supõe uma hierarquização de comando, muito embora seja possível falar de territórios mais “livres”, o fato é que, a religião UDV prescreve um controle forte e hierárquico como condição para manter e expandir o território.

O interessante é que na UDV, como os membros trabalham por uma irmandade e se sentem parte do lugar que construíram, sentindo responsabilidade pelo território, o exercício do poder é mais complexo e, em sentido, circulante, uma energia que congrega e hierarquiza ao mesmo tempo. Vemos também que esta hierarquia se estende ao nível nacional e internacional. A estrutura hierárquica é reproduzida em todos os núcleos, seguindo o padrão da Diretoria Geral (macro) – portanto uma mesma organização institucional – ao núcleo (micro).

Há fluxos de obediência e ordenação nestes espaço hierarquizado, ocorrendo eleições e partilhar de poder, tendo em vista uma direção ou diretrizes que são construídas para garantir a expansão e consolidação do grupo.

Esta organização também valoriza a “memória” dos membros, no sentido de promoção a Mestres e cargos de lideranças quem possui altos graus de memória, portanto, uma valorização da experiência de vida e do tempo relação com o Vegetal. O que se assemelha a outros grupos religiosos, notadamente se pensarmos esta primazia da tradição para o exercício de controle do território.

O segundo elemento que foi encontrado na pesquisa e que é relevante para sociedade religiosa são as redes de comunicação e como a informação efetivamente circula para que o adepto comece a construir sua identidade de pertencimento. As estratégias de comunicação em rede são altamente organizadas, controladas e em aperfeiçoamento, inclusive incorporando elementos técnico-científicos, como ocorre na utilização do REUNI, sistema de cadastro de todos os sócios, mantém a conexão entre todas as outras regiões, mas também é relevante pela circulação do boletim informativo para todas as regiões e que é lido, obrigatoriamente, na finalização do ritual religioso passando as informações sobre administração do Centro e sobre convocatória ou afastamento se for o caso.

Com respeito à circulação informativa do Núcleo, o Mestre Representante e os monitores de cada departamento mantém uma comunicação constante com os adeptos, por motivo dos trabalhos realizados no Núcleo-Lugar ou promoções, sessões e comemorações, beneficência, plantio etc. então em uma dinâmica de circulação constante. Vemos que na maioria são redes de tecnologia da informação, mas se percebe que existe uma preocupação com respeito a melhoramento destas ferramentas, como já mencionado, mas há um aspecto diferenciado na informação que circula – ela é espiritual, não pode ser concebida como estritamente funcional, sob pena de restringir o escopo de organização territorial no plano religioso.

O terceiro é a força da palavra, os membros desta sociedade religiosa dão um valor incalculável à palavra, já que com os ensinamentos do Mestre Gabriel, são passado de boca à ouvido, a palavra vem a ser um rol fundamental na organização deste território-rede da UDV, porque é um elemento da identidade do grupo. A Palavra carrega, neste território, um sentido de “ser caianino”, partilhar e falar como um membro da UDV é altamente complexo, mas também marcador de uma territorialidade deste espaço.

Nesse aspecto, como pesquisadora, me vi limitada por não poder mergulhar com maior profundidade, já que quando foi solicitada a permissão de realização da pesquisa, foi assumido como um compromisso ético de não divulgar a doutrina e como a palavra está ligada a doutrina espiritual, se teve que manter certa distância em respeito ao grupo. Está evidente que o uso da palavra é também suscitar sua força, um “chamado” para que as coisas aconteçam, não chegaria a dizer que têm um vocabulário próprio (isso é outra pesquisa), mas sim que os membros têm um

jeito de tratar entre sim e os outros de forma diferenciada, ao menos em sua perspectiva, atribuindo essa força que a palavra evoca neste plano terrenal.

O Núcleo se coloca como a realidade concreta deste território religioso, sua realização cotidiana, aonde o Vegetal é cultivado, controlado e partilhado. Em si o núcleo pode ser definido como um aspecto do território, mas também configura como lugar de exercício do Projeto de Mundo do grupo. A formação nucleada e reticular é um modelo historicamente consolidado na formação da UDV.

Nossa segunda hipótese dependia desta compreensão reticular e da realidade vivida no Núcleo, para que daí pudessem emergir os elementos geossimbólicos, o que aponta para que o geossímbolo por excelência substancialmente mais valorizado é o Vegetal, e todas as relações materiais e imateriais que dizem respeito a ele.

As percepções dos adeptos em torno das ações no território são muito interessantes, porque eles assumem essa identidade do território–lugar como parte deles, então assumem uma ação como se estivesse “capinando” seu próprio jardim, sabem que o trabalho em união vai proporcionar comodidades, o cultivo das plantas: mariri e chacrona. Isso faz que eles tomem por conta própria e assumam como responsabilidade contribuir com um planeta limpo, sem contaminação, servindo para gerações que virão, muito próximo aos modelos sustentáveis que hoje se popularizam, mas com um aspecto espiritual imbricado. Há um senso de que é preciso “cultivar a paz no mundo” e fazer com que ele seja melhor, que todos são diferentes, mas que o trabalho em união, irmanados tem melhor resultado.

Neste aspecto o território não pode ser separado do lugar, eles de uma certa forma caminham juntos porque para ter uma organização e um lugar como os núcleos da UDV tem, exige-se um comprometimento e como um membro em termos de mudança “no estilo de vida” que exige uma dedicação e uma transformação pessoal. Além disso, certas atitudes que têm a ver com os valores das pessoas, elementos emocionais envolvidos, para construção deste território-lugar, não se pode deixar atrás a emocionalidade que os adeptos mantêm para o Núcleo-lugar.

É por causa deste e outros elementos que foram mencionados é que este grupo cultural mantém um sentido de pertencimento ao seu núcleo, eles podem circular por todos os núcleos da UDV em várias regiões, nesses lugares que circulam eles fazem referência a um lugar familiar, com certa comodidade, mais o

carinho e afeto que tem para seu Núcleo-lugar é diferentes por causa de os laços de amizades que mantem, porque conhecem todas as pessoas e assim por diante.

A relação entre sentimento de pertencer ao lugar e a hierarquização territorial em rede viabilizam a expansão da UDV e seu projeto de mundo, identificado como a transformação ambiental e espiritual para e pelo Vegetal. O desafio que se coloca geograficamente é não enviesarmos nem só estruturalmente e nem só singularmente a compreensão deste território, é relacional e, ao mesmo tempo, profundamente individual e partilhado, onde podem e desenvolver estratégias que comportem visões diferenciadas e dialógicas de mundo, tendo em vista novos arranjos de futuro, não sem conflitualidade, mas seguramente não partindo, de saída, de uma compreensão de ser humano apartado da natureza e reduzido a uma massa manobrável, porque, no plano do cotidiano, ninguém se enraíza sem desejo e entrega e sede de ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A. P. **O fenômeno do chá e a religiosidade cabocla, um estudo centrado na união do vegetal.** Instituto Metodista de Ensino Superior. São Bernardo do Campo, 1995.

ANDRADE, A. P. Contribuições e Limites da União do Vegetal para a nova Consciência Religiosa, In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca.** 2ª ed. Campinas: Mercado de Letras. 2004.

ABES, S. S. Projetos ambientais regionais da associação novo encanto de desenvolvimento ecológico. In: BERNARDINO-COSTA, J.(org.) **Hoasca: Ciência, Sociedade e Meio Ambiente.** São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

ALBUQUERQUE, L. M. B. Novos movimentos religiosos: modos de ser. In: BAPTISTA, P.A. M; PASSOS, M.; SILVA, W.T. **O sagrado e urbano.** São Paulo: paulinas, 2008.

BALDISSERA, Pesquisa-ação: uma metodologia do "conhecer" e do "agir" coletivo. In: **Sociedade em Debate.** Pelotas, v. 7, n. 2, pp. 5-25, Agosto/2001. Disponível em: <http://revistas.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/viewFile/570/510>, acesso em 12.02.2015.

BAUMAN, Z. **Ensaio sobre Cultura.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 1999.

BERNARDINO-COSTA, J. **Hoasca: Ciência, Sociedade e Meio Ambiente.** São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

BONNEMAISON, Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000

CAMPBELL, J. **A jornada do herói.** São Paulo, Editora Agora, 2011.

CLAVAL, P. O Tema da Religião nos Estudos Geográficos. In: **Espaço e Cultura,** UERJ, RJ, n 7 pp. 37- 38, Jan/Jun de 1999. Disponível em: http://geografias.net.br/pdf/01_A_volta_do_cultural_na_Geografia.pdf acessado em 15.02.2015.

_____. **A geografia cultural.** Florianópolis; Edusc, 2002.

CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL. Infância e juventude. **Agenda 2013.** Brasília: UDV, 2013.

Ciência Florestal, Santa Maria, V10, n1, p.159-175 acesso em 10/10/2015 em: <http://coral.ufsm.br/cienciaflorestal/artigos/v10n1/art11v10n1.pdf>

CIFloresta, sem autoria, 2015 p.1 acesso em 15/10/2015 ;
<http://www.ciflorestas.com.br/texto.php?p=sistemas>

C, A. et. all. Implantação das tecnologias sociais: produção agroecológica Integrada sustentável- pais (horta mandala), cisterna e fossa Séptica biodigestora como meio de sustentabilidade para Agricultura familiar.- Repositório institucional UFSC disponível: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/117102>

DIAS, L. C. Os Sentidos da Rede: notas para a discussão. In: DIAS, L. C.; SIVEIRA, R. L. L. (Orgs.) **Redes, Sociedades e Territórios**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2005.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

CORRÊA, R. L. A Geografia Cultural Urbano. In Z. Rosendahl e R.L Corrêa (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007

DUNCAN, J. O superorgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2003.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Fontes, 2007.

Ecocasa Tecnologia Ambientais acesso em 19/10/2015 disponível em:
<http://www.ecocasa.com.br/cisternas.asp>

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martin Fontes, 1999.

ELIAS, N. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

GORDON, F. Ações ambientalistas na UDV. In: BERNARDINO-COSTA, J. (org.) **Hoasca ciência, sociedade e meio ambiente**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2011.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HOLMGREN, D **Os Fundamentos da Permacultura**. Graphic Desing by Richard Telford. V1. 2007

_____. **Viver no limite**. rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

LABATE B; ARAUJO W, **O uso do ayahuasca**. São Paulo: Fapesp, 2002.

MASSEY, D. **Pelo Espaço**. Por uma política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social teoria método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVERA, A. P, Nova Era à Brasileira: A *New age popular* do Vale do Amanhecer. In: **interações**. Cultura e Comunidade.v.4, n.5, pp.31-50. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6685/6117> acesso 28.08.2015.

PANTOJA, W. W. R. **Território e Identidade**. A Experiência mórmon em Belém do Pará. (Dissertação de Mestrado), PPGeo-Ufpa, 2011. Disponível em: <http://www3.ufpa.br/ppgeo/Wallace%20Pantoja.pdf>, acesso em 28.08.2015.

PELUSO, M. L. **O morar na constituição subjetiva do espaço urbano**. As representações sociais da moradia na cidade-satélite de Samambaia/DF. (Teses de Doutorado) Programa de Pós Graduação na Psicologia, PUC /SP, 1998.

PESSÔA, V. L.; RAMIRES, J. C. L. Amostragem em pesquisa qualitativa: subsídios para a pesquisa geográfica. In: MARAFON, G. J. *et. all.* (Orgs.) **Pesquisa Qualitativa em Geografia**. Reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Eduerj/Faperj, 2013.

RABELLO, R. **Mestre Gabriel**. Mensageiro de Deus. Brasília: UDV, 2012.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

LARAIA, R. B. Cultura um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. **Porto das Caixas: Espaço Sagrado da baixada Fluminense**. Tese (Doutorado em Geografia), Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SANTOS, O Retorno do Território. In SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Org.), **Território. Globalização e Fragmentação**. São Paulo, Hucitec-ANPUR, 1994.

_____. O Dinheiro e o Território. In: **Geographia**, n. 1, v. 1, 1999. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/2/2> acesso em 16/11/2014.

_____. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp, 2002.

RIBEIRO, D. L. S. **A busca de si numa religião hoasqueira** – oralidade, memória e conhecimento na União do Vegetal (UDV). Dissertação (Mestrado), UFPA, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Belém, 2009. Disponível em:

http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/5264/1/Dissertacao_BuscaReligiaoHoa_squeira.pdf, acesso em 10.11.2015.

SOTRATTI, M. A.; MARAFON, G. J. A pesquisa qualitativa nos estudos do patrimônio cultural em espaços rurais: desafios e possibilidades. In: MARAFON, G. J. *et. all.* (Orgs.) **Pesquisa Qualitativa em Geografia**. Reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Eduerj/Faperj, 2013.

THIOLLET, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

TRIPP, Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>, acesso em 12.02.2015.

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar**. A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e Lugar**. A perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

VELHO, G. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

WARREN. I. S, Redes Sociais: Trajetórias e Fronteiras. In: DIAS, L. C; SILVEIRA,R.L.L. (orgs). **Redes, Sociedade e Territórios**. Santa Cruz do Sul EDUNISC, 2005

WATSON, R.; GASTALDO, E. **Etnometodologia e Análise da Conversa**. São Paulo: Vozes, 2015.

WILLAIME, J-P. **Sociologia das Religiões**. São Paulo: Unesp, 2012.

APÊNDICE A

Entrevista com os Membros

Núcleo: Luz de Oriente

Idade: Profissão: Residente (bairro):

Tempo que é sócio (a):

Tempo que consome vegetal: Grau:

Grupo I: discussão dos elementos do território

- a) Quais os elementos mais significativos do espaço Núcleo do seu ponto de vista? Por quê?
- b) Qual é a relação que você, mantém com a natureza?
- c) O tempo da UDV é diferente do tempo comum ? De que forma é diferente?
- d) O funcionamento das sessões é igual em todo território nacional? Quantas vezes se reúnem por mês? Há padrões de horário?
- e) O que é o chá hoasca (Vegetal) ? Qual é a importância para UDV? E para você?
- f) A memória e a historia do grupo são preservadas de que forma? Há destaque para momentos importantes da historia? Por quê?
- g) Por que o grupo valoriza tanto a oralidade, especialmente num mundo que valoriza tanto a escrita?

Grupo II: a organização em rede e tempo

- h) Os núcleos são separados ou possuem alguma conexão? Caso possuam como funciona?
- i) Como é a troca de informações e de atividades coordenadas entre os variados núcleos, caso existam?
- j) Como é administração destas trocas de informação? Há uma hierarquia local? Regional? Nacional? Internacional? É possível detalhar tal hierarquia?
- k) A UDV já se espalhou por vários países. Existe uma língua padrão? Qual ? porque?

Grupo III: as práticas agroecológicas e o projeto de mundo.

- l) Há práticas ambientais ou agroecológicas, por parte dos Núcleos da UDV, no Distrito Federal? Quais? Como se realizam?
- m) Qual e a importância desta práticas para UDV e seus membros?
- n) Você sabe algo da origem do grupo? O que?
- o) Este conhecimento (da origem) é importante para você? Porquê?
- p) Podemos dizer que existe uma “Cultura da UDV” uma “Cultura Caianinha”? Que elementos seriam importantes nesta cultura?
- q) Qual é o posicionamento da você na relação à Natureza/Tempo e para UDV?

APÊNDICE B
Entrevista com os Líderes

- 1. Sobre o Núcleo Luz do Oriente (origem, atividades, infraestrutura, relação com o ambiente);**
- 2. Sobre a organização do Núcleo Luz do Oriente (distribuição das funções; trabalhos desenvolvidos);**
- 3. Sobre seu papel, como Mestre, no Núcleo (atividades, autoavaliação, perspectivas futuras);**
- 4. Sobre sua religiosidade (principais elementos; convivência no grupo; contribuição da UDV para sua vida e para sociedade);**

APÊNCIDE C
Síntese das Entrevistas

Membro	Fala	Tipo de Rede
1	Os núcleos eles estão interligados tem uma relação direta com a sede geral e a organização para ser melhor foi dividido por regiões então um núcleo compõe uma determinada região e esta administrado pelo mestre central representante então ai quando chega no núcleo tem um mestre representante que esta ai conduzindo os trabalhos	Rede hierárquica
	[...] A comunicação se através de uma lista de sócios de todos os que participam em aquele núcleo então assim a gente utiliza email, whatzap telefone ...	Rede de comunicação tecnológica
2	Sim porque existe um mestre representante da região porque disse assim na região onde houver um ou mais núcleos haverá um mestre da região e a irmandade ela esse se dar as mão essa é uma oportunidade de nos crescermos sem concorrências sem competição se irmanando aqui em Brasília eu já vi isso algumas vezes inclusive aqueles 10 anos de luz de oriente, por exemplo quando se organizam as reuniões ou congresso se precisa da irmandade para dar suporte para atender as pessoa e	Rede hierárquica
	Assim de meios para nos comunicar então por isso se utiliza e-mail, telefone, mensagens ect então existe uma ligação entre os núcleos que estão em Brasília dando a oportunidade de compartilhar e de nos aproximar das pessoas	Rede de comunicação tecnológica
	Da sede geral e das administrações por e-mail e telefone, mestre representante tem o dever de manter contato com geral e assim o geral tem a responsabilidade de manter contato com o mestre representante então assim eu sei que existe uma administração regional uma secretaria uma tesouraria regional [...então como e a melhor forma de comunicar por email whassap, teve um tempo que era avisada as pessoas por telefone, e as que não tinha telefone era avisado de forma pessoal..]	Rede hierárquica e de comunicação tecnológica

3	<p>[...São separados pero mantem uma comunicação com a DG, direção geral, e representação da região...]</p> <p>se utilizam os meios de comunicação que existem telefone email, se mantem uma relação com cada secretaria dos núcleos e assim se vão comunicando decisão da direção e coisas que precisam ser comunicadas</p>	Rede hierárquica e de comunicação tecnológica
	Cada núcleo tem uma secretaria que tem o dever de espalhar as informações e comunicações importantes das atividades que se vão a realizar, ela utiliza normalmente uma lista de sócios para chegar a cada um e repassar as informações necessárias Normalmente e-mail e whatsapp	Rede de comunicação tecnológica
4	Bom a primeira conexão que são todos da união, a pessoa que é da união pode participar de sessão em outros núcleos, basta pegar uma autorização, uma outra conexão que existe é que dentro de cada região existe uma coordenação regional, no meu caso é a oitava região, agora temos se não me engano são 19 regiões ou 20 não sei disser, mas já temos duas regiões fora do brasil, uma em Europa e outra nos estados unidos, além das regiões do Brasil, então existe essa ligação mas a principal ligação e pelo ritual, que o mesmo e as pessoas que conhecem vários núcleos confirmam isso	Rede hierárquica
	Bom agente tem a leitura de alguns documentos que informa de acontecimentos de outros núcleos isso é uma prática normal da união, depois da sessões é lido documentos que fala de acontecimentos de outros núcleos, agente também lê e recebe cartas da diretoria da representação geral e temos também boletins que circulam dentro do centro tanto os boletins dos próprios núcleos que são feitos mas voltados para a própria irmandade de cada núcleo como outros de forma mais geral, o alto falante que elaborado na sede geral que é aqui em Planaltina, DF e que também circula na união	Rede de comunicação escrita através de boletins informativo e jornal oficial da DG
5	Então tá eles são separados mais eles trazem a mesma compreensão, todo mundo esta ouvindo a mesma doutrina, os mesmo valores, então achou que na essência, são todos iguais, mais obvio que cada um tem sua particularidade, [... então por exemplo aqui no núcleo agente tem muito músicos, muita cantoria, conhecido assim por Brasil inteiro e por outros núcleos do Brasil, e um lugar extremamente alegre o	Rede social

	<p>povo vem canta, então cada núcleo com certeza tem sua qualidade NE, aí mais no geral agente chega em outros núcleos e se senti em casa porque a dinâmica é a mesma, o ritual e o mesmo então assim a dinâmica e a mesma tudo é o mesmo e tudo igual é isso...]</p> <p>E agente se comunica pelas redes sócias, porque é como uma grande família.</p> <p>Agente tem o boletim de ocorrência NE, que quando alguém e convocado por o corpo de conselho, quadro de mestre, aí avisam através de esse meio que é lido em todos os núcleos, também e utilizado em caso cambie de representante, coisas importante assim se relata no boletim, quando o mestre geral representante quer dirigir uma mensagem, todo mundo recebe essa mensagem e lê...[o por email]ou na sessão, é de livre acesso,</p> <p>e pó sempre falam brincando que tem o telefone sem fio da união, por exemplo algo acontece aqui do outro lado do estado já sabem o que aconteceu.</p>	<p>VIVENCIA</p> <hr/> <p>Redes de comunicação tecnológica</p> <hr/> <p>Rede de informação escrita através de informativo da DG</p> <hr/> <p>Rede de informação social</p>
<p>6</p>	<p>em termos de território são separados os núcleos , eles são separados mesmo a conexão e em termos de organização e usa essa parte tecnologicamente mesmo, por exemplo grupo de email, para ter essa organização, antigamente era por meio de cartas</p> <p>Porque na UDV, todos os núcleos respondem a uma organização central, eles não, cada núcleo não é um núcleo independente, todo eles respondem a uma administração central, porque a orientação da UDV ela e centralizada, tem uma pessoa que fica responsável, e tem outras pessoa que auxiliam que tem outro grau de responsabilidades, então ela é centralizada, não é como por exemplo o santo daime que cada área e independente, cada um trabalha por si só, a UDV não cada núcleo responde e da um parecer das atividades realizadas, o que esta sendo feito lá e tem um Mestre central que confere se esta realmente sendo realizada cada atividade, então agente tem uma administração centralizada</p>	<p>Rede de comunicação tecnológica</p> <hr/> <p>Rede hierárquica</p>

	<p>então a nível de mestre eles utilizam o REUNI, mais a nível de sócios utilizamos grupo de gmail, esses recursos tecnológico, no Reuni que utilizado pelo Mestre é em termos de organização, por exemplo o catalogo de sócios, em que cada sócio trabalha, qual grau que ele ocupa, então ele já tem outro sistema mais eu não tenho muito conhecimento do sistema, porque não é de acesso a todos os sócios ainda, mais futuramente vai ser, mais disso eu não posso falar porque não tenho conhecimento.</p>	<p>Rede de comunicação tecnológica</p>
7	<p>Os núcleos são unidos por meio do trabalho da união do vegetal, sabendo que você tem sua casa que esta é minha casa e o que nos liga a uns com outros irmãos e a união do vegetal, comungar o chá, é esta religião que agente pratica, por exemplo se a união fosse como as outras religiões, agente nem se ia conhecer, não existiria essa relação, aqui em na união agente convive, por exemplo no preparo agente convive três dias</p> <p>e quem faz essa conexão entre os núcleos e a sede geral o órgão central, onde todos os núcleos das regiões são ligados a sede geral, as determinações as ordens, vem de lá, o conselho da recordação orienta as núcleos como trazer a doutrina de que maneira fazer, falando para o mestre representante como passar para seus discípulos e a diretoria geral traz a parte burocrática de organização do centro para poder dar a continuidade a obra do mestre Gabriel esse e o canal que faz a união dos núcleos</p> <p>Agente tem whapsap, tem facebook mais na realidade eu falo assim a radio cipó que existe no centro espírita união do vegetal que o meio de comunicação de cada um boca a ouvido, aí também esta essa parte mais moderna ne email, whapsap isso faz que as pessoa se informe se vai ter sessão onde vai ter e assim</p>	<p>VIVENCIA</p> <p>Rede hierárquica</p> <p>Rede de comunicação tecnológica e imaterial</p>
8	<p>Por ser uma religião ela tem uma ordem, então por exemplo dentro de uma região eles são ligados porque são da mesma região e também tem departamentos que transcendem isso, tem a sede geral que transcende então tem pessoas de outros núcleos que se ligam com outras pessoas para fazer trabalhos específicos que são de uma esfera mais ampla que a esfera do núcleo, estou falando isso na forma administrativa, também nos temos um mestre representante que e responsável pelo rebanho,</p> <p>[...e também as pessoas se reúnem porque aqui é uma fabrica de fazer amigos...]</p>	<p>Rede hierárquica</p>

	<p>É do jeito que eu falei tem um curso vai lá faz, aí vai ter uma feira de semente no Gaspar, aí tem um trabalho de vozes , por exemplo nessa feira tinha coisas raríssimas que o pessoal levou com compromisso de plantar e doa no banco de semente então a pessoa tem o direito de transpassar a informação esse e o compromisso whapsap e email.</p>	
9	<p>Olha agente tem os núcleos eles tem independência eles tem autonomia em determinadas coisas mais eles são ligados a sede geral então algumas diretrizes são determinadas pelo mestre geral em representação e aí os grupos tem que seguir aquelas diretrizes, mais eles também tem autonomia para fazer, para autodirecionar</p> <p>Olha agente tem um cadastro geral que e feito, então por exemplo as vezes agente faz alguma pratica do núcleo do manejo ai agente convida a membros de outros núcleos para vir e aproveitar para ver como que, aí agente da uma aula de compostagem, aí agente abre vagas para outros núcleos duas três vagas por núcleos aí esse pessoal vem e aí, a mesma coisa eles fazem com relação a nos ne, quando eles tem alguma atividade lá que e interessante eles abrem vaga entre os núcleos então agente esta sempre em contato núcleo com núcleo,</p> <p>Esse contato se matem através de e-mail, telefone, as vezes o membro do núcleo que vai realizar atividade vem a visitar e transmitir na sessão dando aviso para quem tem interesse entre em contato e assim</p>	<p>Rede hierárquica</p> <p>Rede informação REUNI e rede social</p> <p>Rede de comunicação tecnológica</p>
LIDER 1, FEMININO, 62 ANOS, BEBE VEGETAL À MAIS DE 40 ANOS	<p>os núcleo são coordenados principalmente pelos presidentes de cada núcleo , as promoções combinar com as pessoas que este aquela programação em cada núcleo as datas por exemplo núcleo caupuri ele tem as datas certa da programação dele então os outros já estão sabendo que naquela data já vai ter promoção já vê uma outra data então vá combinando e uma forma de que os irmãos da região todos poderem ir cada promoção tiver no núcleo, e tudo isso é feito através de whassap , telefone, e-mail .</p>	<p>Rede de comunicação tecnológica</p>

<p>LIDER 2, MASCULINO, 62 ANOS, BEBE VEGETAL À 21 ANOS</p>	<p>Todos os núcleos existe um lugar chamado sede geral todos os núcleos que tem na UDV tem ligação direta com a sede geral com a matriz e os núcleos eles são agrupados por regiões então tem a primeira região tem a segunda região e assim e essa conexão dos núcleos por exemplo a nossa região é a 8 que tem uma meia de 12 núcleos ligada a essa região, nos temos 17 regiões na UDV cada região dessa as vezes tem 10 a 15 a 18 núcleos e um responsável para trazer a orientação para esses núcleos e cada núcleo tem uma pessoa um representante que é o pastor digamos assim que esse nome que as pessoas identificam que nos chamamos de representante que é a pessoa que cuida que é responsável por esse rebanho porque a gente tem observado nos estudos que tem feito dentro da UDV que os núcleos eles funcionam bem com uma meia de 120 a 130 até 140 sócios</p> <p>Porque as relações ai a gente conhece as pessoas pelo nome a gente conhece as pessoas mais proximamente então fica uma maneira boa do representante que é a pessoa responsável pelo núcleo de trabalhar a irmandade de atender de acompanhar entende, cada núcleo tem uma relação uma com outra porque esta tudo ligado disse o mestre Gabriel assim que o mestre bacurau que foi um mestre da origem do mestre Gabriel que cada núcleo que tem na UDV é ponto de luz na terra e esse ponto de luz e uma rede sabe uma teia de aranha que tem tudo interligado estão tudo interligados a sincronicidade que existe nos ensinamentos do mestre então as vezes alguns assuntos coincidem de estar sendo falados ao mesmo tempo nos núcleos isso e uma sincronicidade de pensamentos de necessidade que a espiritualidade esta vindo que aquela irmandade esta necessitando as coisas de deus acontecem assim desse jeito elas vem sempre pela necessidade ela não vem porque eu quero ela vem porque deus vê que há necessidade de trazer determinado ensino em algum lugar</p> <p>Nos utilizamos computadores o que nos utilizamos mais é listas dentro dos núcleos, lista inter-núcleos, lista inter- regiões lista dentro das regiões para se comunicar para falar para divulgar o que que nos estamos fazendo o que precisa ser feito no determinado lugar mais assim em cada região que tem 10 ou 12 núcleos existe um responsável que se chama mestre central esse mestre central ele percorre todos os núcleos dessa região vendo qual são as orientações disciplinares que precisam ser ditas , essa é uma maneira também de comunicar e ele também tem lista especificas do mestre central aí da administração central tem lista porque nos utilizamos a internet direto para nos comunicar a todo nível dentro da união do vegetal qualquer camada</p>	<p>Rede hierárquica</p> <p>Rede social</p> <p>Rede de comunicação tecnológica</p>
<p>3</p>	<p>Existe uma ligação da seguinte forma existe em alguns estados forma uma região então uma região tem alguns núcleos dentro dessa região então aqui em Brasília nos temos a 8 região a gente tem algumas regiões na UDV 1,2,3,4,5, compostas de</p>	<p>Rede hierárquica</p>

	<p>alguns núcleos a 8 região e composta pelos núcleos do distrito federal de Goiânia de palmas de distribuição de Barretos então tem são Paulo distribuição tem núcleo em Minas Gerais Uberlândia distrito federal Goiás , tocatins, essa região é a 8 região então esses núcleos administrativamente cada núcleo e administrado por um presidente, a responsabilidade administrativa da administração e responsabilidade de uma pessoa que tem que ser um mestre que a mais alta hierarquia e o presidente do centro então cada núcleo tem seu presidente e esse presidente ele administra a parte material a parte do CNPJ do núcleo porque cada núcleo tem o CNPJ ele faz compras ele faz tudo isso então na receita federal tem um CNPJ de uma instituição religiosa que é de cada núcleo tem um CNPJ uma razão social como dissemos , dentro de uma região os núcleo estão ligados por uma parte administrativa pela figura do coordenador regional, ele e a pessoa que coordena os trabalhos do presidente então quando um presidente tem uma duvida ele precisa entrar em contato com algum outro núcleo relacionado a fazer uma atividade administrativa o coordenador regional tem essa função de fazer a coordenação de ser um supervisor dos trabalhos do presidentes em contato com o Mestre central que aí já e o cargo espiritual então do cargo administrativo o cargo do coordenador da região ele e responsável,</p> <p>existe uma lista de e-mail para os presidente em essa lista esta os presidentes e o representante, é gmail</p>	<p>Rede de comunicação tecnológica</p>
<p>LIDER 4, MASCULINO, 60 ANOS, BEBE VEGETAL À 15 ANOS</p>	<p>Para comunicação existe uma lista de e-mail, onde se passa as informações necessária para administração e para os informativos, também se utiliza um grupo de whapzsaap onde também se utiliza para dar aviso e passar certos informativos.</p>	<p>Rede de comunicação tecnológica</p>
<p>LIDER 5, MASCULINO, 45 ANOS, BEBE VEGETAL À 20 ANOS</p>	<p>Todos os núcleos do centro espirita beneficente da união do vegetal estão ligados a sede geral todos os núcleos estão ligados porque e como se fosse assim uma espécie de pirâmide é uma hierarquia melhor dizendo a sede geral e órgão máximo do centro onde a sede geral compõe o CONAGE, e a representação geral que é o órgão máximo do centro</p> <p>então todos os núcleos estão ligados pela doutrina oque nos liga principalmente e a doutrina porque a doutrina na UDV existe unidade na doutrina que seja na sede ou nos núcleos existe unidade as vezes existe algumas diferenças de compreensão isso existe porque nos somos pessoas e cada um tem sua compreensão mais a doutrina do Mestre Gabriel e uma só para todos, então nos estamos ligados pela doutrina e pela hierarquia do centro ,</p> <p>nós nos comunicamos como eu disse existe uma hierarquia a representação geral ela reuni o CONAGE , e os mestres centrais do centros que são os mestres centrais das regiões que a UDV ela tem um sistema de administrativo que é dividido por regiões então tem a sede geral e tem a 1,2,3,4,5,6 até 17 regiões a sede geral com o CONAGE onde concentra as decisões são distribuídas nas regiões pelos mestre centrais e também são distribuídas oralmente por os mestres centrais que distribuíam ao representantes e os representantes distribui para o quadro de mestres e assim por diante até chegar nos sócios</p>	<p>Rede Hierarquia</p> <p>Rede social</p>

	<p>muitas das vezes o mestre central distribui diretamente para o mestre representante quadro de mestre e corpo do conselho das regiões isso conforme a necessidades e</p> <p>também tem comunicação por atas, carta circulares e também outros meio de comunicação que tem no centro lista de e-mail por exemplo</p>	<p>Rede de comunicação escrita pelas atas e tecnológicas</p>
<p>LIDER 6, FEMININO, 57 ANOS, BEBE VEGETAL À 32 ANOS</p>	<p>Os núcleos eles tem uma independência no sentido do trabalho de se desenvolver mais em relação a parte da religiosidade todos tem um ponto comum que e todos eles tem uma ligação e uma obediência que é em relação aos ensinamentos do mestre todos os núcleos tem o mesmo ensino a mesma forma de organização no sentido da parte administrativa da parte religiosa todos eles tem o mesmo modelo todos seguem a mesma doutrina do mestre Gabriel não tem nenhum que faça diferenciado todos tem que estar dentro da norma que são estabelecidos e que todos são vinculados a sede geral então a sede geral aí que estão os mestre mais antigos e todos os outros núcleos são vinculados a sede geral então todos seguem a mesma regra do que o mestre Gabriel deixou a parte administrativa vai se adequando mais a sede geral quem autoriza e estabelece isso que pode e que não pode e quem esta na sede geral quem e o líder e o mestre geral representante quem diretamente representa o mestre Gabriel e cada núcleo e também representante do mestre Gabriel cada mestre representante de cada núcleo que e vinculado ao mestre geral representante então dentro dessa organização administrativa como funciona os núcleos todos vinculados a sede geral e também todos os ensinamentos e uma responsabilidade muito grande de cada representante de manter esse rebanho que vai cuidar de seu rebanho para manter esse rebanho limpo e sadio e dentro dessa questão de manter o rebanho limpo e sadio um ponto principal e a fidelidade dos ensinamentos do mestre então todos os núcleos eles tem como ponto chave os ensinamentos do mestre é mesmo ensino que e dado aqui e no resto do mundo</p>	<p>Rede hierárquica</p>
<p>1</p>	<p>O templo e bem significativo assim a gente bebe vegetal, casa de preparo, também está ligado porque onde se prepara o vegetal, os banheiros pelos trabalhos mesmo para as pessoas serem atendidas e com certeza as plantas, você chegar num núcleo e ver a floresta e bem legal mesmo bem significativo então são coisas que estão interligadas e que tem que estar presentes eu vejo assim que e importante</p>	<p>Elementos do território</p>

	<p>Sim cada núcleo tem seu mestre representante o presidente a secretaria o tesoureiro e conselho fiscal eles estão ligado a equipe do mestre central da região que também consta da mesma hierarquia e todos eles estão ligado ao mestre geral representante que é a máxima autoridade na UDV</p>	Hierarquia presente território	no
2	<p>O que me trouxe pra aqui, a ideia de fazer laços de amizade, o que chama atenção muito arte a música, e também o desafio de sendo um núcleo novo alguns anos atrás da união do vegetal e nessa região onde estamos assim a área territorial o terreno por causa do plantio é algo que me chama muito atenção e que eu gosto e que eu quero participar mais também, assim o plantio tem contato com a natureza, nós usamos um chá feito de duas plantas que são nativas da amazonas e que nós plantamos aqui no cerrado brasileiro e em outras regiões do país, mais assim o lugar o lugar em sim esta área territorial área física claro que me chama atenção eu acho o núcleo o terreno lindo muito bonito</p>	Elemento território	do
3	<p>Os mais significativo pra mim, eu vejo assim o mais significativo a irmandade porque o Mestre Gabriel disse assim a beneficência é braço direito da união do vegetal e a primeira beneficência que você faz é ter uma irmandade saudável, sadia né, é pra você ter isso eu tenho alguns elementos que são importantes no espaço eu tenho que ter assim a base é o salão onde realizamos o ritual, a casa de preparo onde preparamos o vegetal, o plantio onde cultivamos nossas plantas sagradas, aí o secundário mais com a mesma importância é a cozinha com refeitório o banheiro, o berçário de primeira para as mães, a brinquedoteca, dormitório; porque assim quando você compõe essa casa, como eu vejo você tem esse espaço que acolhe , porque beber vegetal a gente pode beber em qualquer lugar mais, tendo esse espaço organizado como eu disse com suas dependência você tem esse acolher entende</p>	Elementos território	do
4	<p>Um lugar bem alto o mais alto do DF, aí é um divisor de águas que esta vem na divisa entre a vazia amazônica e vazia do prata, duas grandes maiores vazias, de américa do sul, então é bem significativo aquela, localização, principalmente pensando que o chá que nós bebemos vem da amazona, e fez esse trajeto para sul, que no distrito federal estamos quase dentro da vazia do prata, então nós estamos vem nesse divisor de águas, aí também n os estamos vendo a transformação pelo nosso cuidado, desde quando eu cheguei para agora, as arvores estão maiores, um lugar que tinha pouca sobra, o jardim esta muito bonito, agente sente o maior célio o maior cuidado, com nosso ambiente né, as construções que agente precisava, para dar mais conforto, para as crianças, todas as pessoas, as novas instalações também acompanhei grande parte dessas obras, agente vê que esta ficando um espaço mais agradável, bonito, principalmente mais florido</p>	Elemento território	do
5	<p>Deixa ver mais significativo bom, eu amo o céu de aqui sacou, (risos) o ambiente de aqui, toda vez que eu estou sentido meia para baixo eu venho aqui e me sinto melhor de forma instantânea, achou que o contato com a natureza é muito importante, gosto muito das pessoas, no geral as instalações, tipo o templo a casa de preparo e os trabalhos.</p>	Elemento território	do
6	<p>todo os núcleos busca ser em áreas preferencialmente não urbanizadas, são territórios mais rurais em geral, a pesar de ter núcleos que estão em áreas urbanas, todo eles buscam ter, os núcleos que não, por exemplo no caso do luz do oriente, ele era</p>	Elemento território	do

	<p>um núcleo descampado então não tinha floresta, ele começa a fazer um trabalho de agro floresta para começar a desenvolver uma natureza ali no local, em termos de território acho que isso. Como estrutura todos os núcleos tem que ter como exigência para o núcleo ser independente, ele tem que ter uma casa de preparo, tem que ter um salão, ele tem que ter no plantio do núcleo tem que ter dois pé de mariri e um pé de chacrona por sócio cadastrado, Esso aí é o básico e lógico as estruturas básicas também banheiro, cozinha, aí depois que o núcleo construí o básico eles vão melhorando as instalações e vão construindo no caso berçário, casa entre amigos ECT. A importância de ser em áreas rurais na real é porque fica mais fácil construir e mexer com plantio e agrofloresta, que em uma área urbano, então eles buscam isso mais não necessariamente é uma exigência, porque tem núcleos que são erguidos em área urbana mesmo, principalmente no norte que já tem muitos núcleos que estão em área urbana mesma dentro da cidade. Eles convivem com outro tipo de dificuldade em termos de barulho de tudo, eles buscam isso mais não necessariamente é uma exigência porque tem núcleos que são em área urbana mesmo, principalmente no norte, que estão dentro da cidade e que convivem com outro tipo de dificuldade em termos de barulho, de tudo, eles já estão em áreas urbanas, essa não é uma exigência de União do Vegetal, que o núcleo tenha que ser numa área rural.</p>	
7	<p>Reconhecer o Mestre Gabriel o que faz por mim e uma pessoa muito importante em minha vida, as doutrinas que ele trouxe para agente uma confiança na família, aí essa confiança agente sente uma outra família espiritual que são as pessoas de convivência aqui no centro espírita beneficência união do vegetal, que traz uma energia de harmonia para mim, outro elemento e o querer que o Mestre nos ensina que tudo homem pode depende do querer, aqui todos nós somos responsável pelo que temos, agente cuida e ceta, por nosso espaço que e nosso, por exemplo o templo fomos nós que construímos a casa do preparo, a casa entre amigos e assim tudo o que esta aqui fomos nós que fizemos.</p>	Elementos do território
8	<p>É o templo porque e o centro do ritual religioso, nós temos a casa do preparo onde nós preparamos o vegetal e para preparar esse vegetal nós temos o espaço onde plantamos as plantas sagradas, que é o plantio, então em essa ordem aí eu vejo a necessidade e também a necessidade de as pessoas se alimentar então temos a cozinha o banheiro, mais em termos de carregar algum significado esses três tem uma linha (templo, casa de preparo, espaço de plantio) espaço de plantio onde colhe, prepara na casa do preparo e comunga na sessão</p>	Elementos do território
9	<p>Olha para mim o fundamental são as duas plantas que produz o chá que agente toma, a chacrona e o mariri, porque sem essas duas plantas, sem esses elementos agente não tem a religião que o que da essa acelerada da memória que faz agente perceber as coisas com mais clareza, em um espaço menor de tempo</p>	Elementos do território
LIDER 1, FEMININO, 62 ANOS, BEBE VEGETAL À	<p>muito importante que além do salão do vegetal que é muito importante que no caso onde vão ser realizadas as sessões , terem um espaço para refeitório para as pessoas se alimentarem , esse espaço ter de acordo com anvisa que é órgão que fiscaliza isso pelo menos aqui no brasil, que fiscaliza</p>	Elementos do território

MAIS DE 40 ANOS	a parte da higiene e da organização que deve ter se o núcleo for fazer uso da cantina que tem alguns núcleos em Manaus que utilizam a cantina ela da um apoio assim financeiro pra o núcleo para as despensa do núcleo aí tem que ter a parte da cantina mesmo para instalações adequadas tudo de acordo com anvisa	
LIDER 2, MASCULINO, 62 ANOS, BEBE VEGETAL À 21 ANOS	Fala assim, o templo no qual a gente bebe vegetal e o espaço que nos temos para plantar as plantas sagradas que seria o plantio, o espaço que nos temos é uma área de aproximadamente 4 hectares para a gente plantar nossas plantas sagradas e a casa de preparo, então eu achou que são três coisas fundamentais: o templo que seria a igreja, o terreno que nos temos para plantar e a casa aonde nos preparamos nosso chá esses três espaços são fundamentais para nosso ritual acontecer	Elementos do território
LIDER 3, MASCULINO, 42 ANOS, BEBE VEGETAL À 10 ANOS	Esse movimento eu não participei porque eu cheguei em 2014 aqui o núcleo tinha já 10 anos participei do aniversário de 10 anos aqui, eu conheço alguns núcleos da UDV em Brasil algumas regiões diferentes e pelo meu parâmetro e as coisas na UDV são simples e par atender a necessidade para aquele grupo de pessoas não tem nada de luxo são estruturas e eu vejo que o LDO (luz de Oriente) ele tem essa estrutura necessária para atender de uma forma adequada a essa quantidade de pessoas que é a quantidade de sócios que são atualmente 130 pessoas então para isso nós precisamos de uma estrutura de dormitório de um lugar para as crianças poderem ficar berçários banheiros que atenda a essa quantidade de pessoa, nas acomodações do LDO eu considero bem estruturado que atende as condições que e necessário e todos as atividades de estruturação do núcleo ele é feito com a participação das pessoas que fazem parte do núcleo os trabalhos de estruturação e construção e feito pelas pessoas. Para um núcleo ser núcleo no espaço e necessário eu já vi núcleos vem simples mesmo, no início e vem simples mesmo, para começar mesmo a necessidade mesmo e ter um lugar onde beber o chá e os banheiros masculinos e femininos, tem que ver si tem criança o não, porque aí tem que ver a necessidade para atender as crianças, agora tem que ver porque tem núcleo as vezes o grupo que começa são pessoas que não tem criança, já e adolescente ai não tem a necessidade de ter um berçário um dormitório, eu já vi núcleos iniciar sem isso, inicia com o salão do vegetal que o lugar onde tem a sessão onde tem o culto religioso isso ai tem que ter o lugar não precisa ter um lugar com paredes não precisa ser um lugar com qualquer tipo de estrutura obrigatória mais tem que ser um lugar coberto, para se cobrir da chuva pode ser o mais simples e os banheiros porque são necessário por causa dos trabalhos e se for ver assim a organização tem que pelo menos ter um ambiente com condições de guardar o vegetal e fazer uma alimentação as pessoas precisam fazer os trabalhos do núcleo precisam ter basicamente e isso alem disso e o a mais	Elementos do território
LIDER 4, MASCULINO, 60 ANOS, BEBE VEGETAL À 15 ANOS	Tinha algumas estruturas bem simples ainda bem simples tinha o templo o chão batido, ainda não tinha as janelas, não tinha revoco as paredes eram de tijolo só em fim era bem diferente do que a gente vê hoje então assim como que inicio isso, pelo representante da época ne que venho na época da fundação para o núcleo o Mestre Edson Lodi , ele é uma pessoa muito dedicada sabe, uma pessoa que chego lá no núcleo como si já	Elementos do território

	<p>fosse de alí a muito tempo porque ele já chegou incentivando pelo próprio trabalho o desenvolvimento da família dele, incentivando a gente primeiro de todo a plantar arvores naquela área toda, então assim boa parte das arvores plantadas que a gente vê lá, foi naquela época bem no inicio 2004, 2005, a gente fazia os mutirões e ele era um entusiasta assim, para que a gente avançasse bem nos trabalhos mais a gente bem na parte das obras logo no 1 ano a gente já inicio rapidinho já fizemos o piso, já começamos a revocar colocar as janelas fazer a varanda que é uma coisa muito gostosa muito agradável do núcleo aquelas varandas todas é uma coisa muito agradável que antes não tinha antes era todo aberto tinha que se esconder do calor da chuva era dentro do salão porque não tinha como ficar lá afora então todas essas partes das obras de ali já inicio o núcleo tem uma característica interessante que as pessoas gostam muito de trabalhar de mutirão de fazer as coisas então isso de ai ajuda muito ne porque não tinha dinheiro assim não era um núcleo com muito poder aquisitivo assim na meia dos sócios então o valor de todo essa infraestrutura que a gente tem lá ele foi gerado a partir do trabalho das pessoas da dedicação principalmente e um pouco também de doações mais a doação principal é de trabalho e uma coisa importante de ter porque liga muito a gente mesmo com aquele lugar e aquelas coisas porque a gente lembra do trabalho da gente para fazer aquilo pra fazer outro para cada estrutura que a gente vê ali tem uma historia de trabalho de mutirões entendeu doação de dinheiro de algumas , doação de tempo durante a semana de outros então foi dessa forma que a gente venho construindo a infraestrutura de alí, presidente também importante disser o mestre zé Araújo foi o 1 presidente depois teve o Luis dare depois teve o Gilson presidente também teve o Everaldo que foram pessoas que conduziram esse trabalho administrativamente e acompanhado dos representantes do Edson Lodi o Mestre Jair o Gilson, o Zé araujo e o mestre Daniel então lideranças assim que conseguiram animar todos nos sabe a fazer um trabalho pelo núcleo.</p>	
<p>LIDER 5, MASCULINO, 45 ANOS, BEBE VEGETAL À 20 ANOS</p>	<p>O núcleo Luz do oriente ele se originou inicio no 2003, um grupo de personas que pertenciam a outro sociedade que já funcionava nesse local era centro espirito beneficente do templo universal de Salomão lá naquele espaço onde hoje e NLDO funcionava o núcleo estrela do oriente, daquela sociedade que tinha núcleos em alguns estados algumas capitais Brasileiras e também a sede geral em porto velho centro geral em porto velho que era chamado de centro geral mais ouve um trabalho de aproximação de aquele centro com o centro espirita beneficente união do vegetal onde nos do centro espirita ordem universal do templo universal de Salomão nos integramos ao centro espirita de beneficência união do vegetal isso foi no dia 27 de setembro de 2003, de aquele período ate inicio de fevereiro de 2004 nos fizemos um trabalho junto já com os membros do centro espirita beneficente união do vegetal Mestre Edson lodi e a família dele Mestre zé araujo e a família dele mestre mauricio e família dele mestre jair e a família dele que também chegou no inicio de aquele núcleo e com essas pessoas e outras tantas pessoas que não vou poder citar o nome de todos mais nós nos reunimos em sessão por duas vezes nos reunimos em reuniões e com aprovação da representação e da diretoria geral da UDV, nos fundamos aquele núcleo no dia 10 de fevereiro de 2004, com nome núcleo</p>	<p>Elemento histórico</p>

	<p>luz do oriente, sendo uma unidade do centro espirita beneficente União do vegetal, então a sociedade que a gente pertencia antes a integração conforme eu citei ela foi extinta ela não existe mais praticamente todos os membros se integraram a UDV</p>	
<p>LIDER 6, FEMININO, 57 ANOS, BEBE VEGETAL À 32 ANOS</p>	<p>Em termos de espaço o que é mais importante é nossa forma de interagir entre nós que somos sócios que nos consideramos irmão, então a forma como nos interagirmos que para mim faz a grande diferença e que ao longo do tempo percebo que nós construímos o jeito de ser, de pensar de imaginar nossos relacionamentos, a nossa forma de nos conduzir com as outras pessoas isso se estende a questão do ambiente físico com ambiente físico eu percebo que nós em essa nossa integração e interação entre nós, nós também nos voltamos para pensar que espaço nos queremos então nos definimos nosso espaço físico, espaço do prédio do imóvel e também definimos nosso espaço em base de nossa fauna de nossa flora, especificamente de nossa flora a fauna não tanto mais a flora, que que nos queremos ter de plantas de nosso terreno o que que vai atender nossas necessidades, então as nossas necessidades enquanto ayahasqueiros, nós temos aí alguma prioridades a nossa prioridade maior e termos um espaço físico de terreno onde nós possamos ter plantio de nós considerada bebida sagrada os vegetais que é mariri e a chacrona então nós precisamos ter um espaço que seja adequado para esses dois vegetais</p>	<p>Elementos do território</p>

Membro	Fala	Linguagem – território e lugar
1	<p>O falar ele esta mais ligado com a gente a oratória ele a gente já nasce com isso essa capacidade e aprende também ne mais também esta relacionado com a necessidade de comunicação que a gente e já tem esse recurso dentro de nos então eu vejo que a oratória ela tem esse valor e tem também a palavra ne que e uma força ne</p> <p>O português porque o mestre Gabriel falou que tem mistério na palavra em português foi a língua que falava o fundador e eu vejo isso um valor porque hoje em dia a língua que e padrão não e português a língua que e padrão e o inglês e chegar no estados unidos e a pessoa para chegar ao corpo instrutivo a pessoa tem que saber falar português eu acho isso fino e eu vejo que legal porque algum dia vai se ter uma língua universal</p>	
2	<p>Porque a comunicação e formas de comunicar existe a linguagens escrita e corporal então assim eu já estive em sessão de mestre responder uma pergunta dele fazendo um gesto de dar a condição aos discípulos de entender um tanto de coisas então eu achou que e bem assim como uma aula. o mestre Gabriel era um professor ne como ele falava para as pessoas hoje a gente vive assim pelas atualidades ensino a distancia uso de ferramentas web, mais assim essa aproximação do ser humano ela e muito importante e necessário para nossa evolução e de nós percebermos darmos oportunidade de perceber porque assim nos somos em três pessoas eu falou alguma coisa você pode entender de um jeito e a outra pessoa de outro então assim a linguagens verbal oral tem as expressões que falam muito</p> <p>Ate onde eu sei não estive ainda em os outros países que tem união do vegetal mais o discípulo para chegar ao corpo instrutivo nos estados unidos, na Espanha, na Inglaterra e em Austrália precisa falar português porque os ensinios são transmitidos de boca ao ouvido pela palavra porque o mestre Gabriel disse assim tudo homem traz pela palavra e a língua portuguesa sem desmerecer as outras, mais assim existem os mistérios nas palavras então não é só falar palavra existe um significado esse mistério nos escutando esse mistério por exemplo hoasca tem um mistério pessoa que estudam sabem de onde vem esse mistério</p>	
3	<p>Porque pela oralidade eu vejo que a pessoa pode adquirir sabedoria, eu percebo que quando</p>	

	<p>a pessoa fala e ela faz essa conexão com pensamento, ela vai tendo maiores insight .</p> <p>A língua padrão que existe que é o português ela existe porque ela foi falada pelo criador da união do vegetal nesse momento atual ele usou, e eu não posso te disser que existem outras religiões que usam línguas que se chega a ter.... aí você pergunta porque, eu vejo que anos, anos atrás teve esse lado como um oásis que venho para humanidade e o brasil em outras situações espirituais foi dita –patria evangelia – significa para onde se faz ir para a paz as pessoas buscam a paz, então o português sendo essa língua falada e dentro também do lado caboclo ela firma mais a sabedoria e aí eu vejo que tem um laço forte</p>	
4	<p>Bem isso aí é ensinamento do próprio Mestre Gabriel ele sempre destaco a importância da palavra no crescimento espiritual porque todo é comandado pela palavra, e durante muito tempo era só palavra escrita, eu tenho uma experiência, eu já me perguntei isso mas quando eu cheguei na união tinha um livrinho pra ler, acessei muito ao conhecimento via leitura, mas eu tive uma experiência dentro da união que foi muito marcante em relação a força da oralidade da transmissão oral</p> <p>Não é que seja uma língua padrão mas que em nosso ritual existe parte deles que precisam ser feitos em português não todo ele, então a sessões que acontecem em outros países elas são faladas no idioma local mas as chamadas os cânticos que são feitos na abertura em alguns momentos da sessão são feitos em português e tem uma sessão específica de que também toda ela é falada em português já para algumas pessoas que são convocadas para o corpo instrutivo</p>	
5	<p>Então eu achou que a escrita pode se perder no tempo, obvio que tem coisas que agente consegue recuperar mais tem coisas que o tempo leva mesmo, o que fica e o que as pessoa falam as historias que são contadas assim em tribos ne ou ate antigamente então assim as pessoa vão deixar e não se perde, então achou que e por conta disso principalmente por o que eu acredito que seja por conta disso fica mais claro no memória, por exemplo quando alguém fala uma coisa importante para você, você não esquece e o jeito que a pessoa fala e diferente quando ela escreve, quando agente fala agente tem olho no olho agente tem entonação da voz o jeito que fala coisa, o jeito de falar também é muito importante</p>	

6	<p>é um elemento central do ritual a língua portuguesa porque na união a doutrina tem que ser passada na língua portuguesa que é falada no Brasil</p> <p>vou falar no que eu acredito minha compreensão fica mais fácil a interpretação da pessoa e de acordo com a memória da pessoa entende de aquilo quando fala de forma oral se é de forma escrita a pessoa fica voltando e lendo aquilo aí , então ela não exercitar aí a memória e a UDV exercita a memória das pessoas, de você lembrar, de colocar as pessoas que não tem tanta facilidade para falar, as pessoas tem que falar se expressar e é uma coisa que aproxima as pessoas, se fosse realizado de uma forma escrita não seria necessário que as pessoas encontrasse sempre num local específico,</p>	
7	<p>Porque a escrita tem duas maneira de se entender a comunicação a escrita não pode errar a palavra esta sujeita errar na maneira de falar mais a pratica exige uso da palavra a união do vegetal faz assim a pessoa fala você tem que procurar de praticar a escrita nem sempre se pratica</p>	
8	<p>Oral de boca a ouvido, então agente sempre busca ser radical no sentido da raiz das coisas, porque tal coisa como foi que isso e tal.....examinar direitinho Porque a oralidade é acessível a todas as pessoas e universal alcança para todos, pode chegar no coração de todas as pessoas e assim tudo mundo entende porque é uma coisa do bem</p>	
9	<p>a cultura da religião e verbal, Porque assim eu vejo que e uma forma de você exercitar a sua memória e uma maneira que você faz para desenvolver melhor o cérebro de você guardar então a partir do momento que você ouve e consegue contar do mesmo jeito que você ouviu você esta trenando sua memória e um treno para memória</p>	

M e m b r o	F a l a s	F a l a s
1	V e j o e c e c o m o v e a j o g e n t e g e s e t a d e c o m i c a u p m a r a p o r	S s o b r e C G o n o s i v í m b o c i l o

o	t
d	a
e	m
r	e
r	s
e	m
c	o
e	q
b	u
e	e
r	e
v	a
e	b
j	r
o	e
q	m
u	i
e	t
s	a
e	s
f	p
a	o
z	r
n	t
o	a
s	s
s	q
a	u
e	e
p	a
a	r
r	é
t	b
e	o
m	m
p	a
a	g
r	e
a	n
g	t
e	d
n	e
t	r
e	t
r	e
r	r
e	c
c	u
u	m
b	a
a	b
e	r
r	o
r	r

d	i
e	e
p	p
o	o
t	t
i	a
s	ç
ç	ã
ã	o
o	e
e	u
u	m
m	a
a	v
v	e
e	j
j	o
o	m
m	a
a	q
q	u
u	d
d	e
e	a
a	e
e	s
s	t
t	n
n	i
i	ã
ã	o
o	r
r	e
e	c
c	o
o	n
n	h
h	i
i	t
t	e
e	c
c	e
e	n
n	d
d	m
m	o
o	p
p	o
o	a
a	r
r	t
t	a
a	n
n	o
o	s
s	t
s	e
e	a
a	p
p	a
a	r
r	a
a	s
s	t
t	o
o	r
r	i
i	v
v	e
e	g
g	e
e	t
t	a

n	a
o	l
s	p
s	o
a	r
q	u
o	e
r	i
g	e
e	l
m	a
e	t
t	r
a	a
z	m
b	u
é	m
m	a
e	o
b	r
o	i
m	e
t	n
p	t
a	p
ç	a
ã	ç
a	ã
a	o
a	a
s	s
g	e
e	v
n	e
t	z
e	e
s	s
c	a
o	m
m	p
o	e
s	s
s	e
e	s
r	o
a	a
h	u
u	b
m	e
a	b
n	e
o	v
t	e
e	g
r	e

o	t
c	a
o	l
n	e
t	c
a	o
t	n
e	r
b	a
e	r
c	a
o	m
a	r
r	i
n	e
a	n
t	t
u	a
r	ç
e	z
z	o
a	p
p	o
r	q
g	u
a	e
r	e
e	j
m	á
t	p
e	a
r	s
r	s
a	e
i	i
p	p
e	o
g	r
a	r
r	i
s	s
e	o
m	o
s	t
e	a
m	m
e	b
n	é
t	m
e	e
n	a
a	c

s	o
f	m
o	o
l	e
h	l
a	e
f	a
a	b
z	r
e	e
r	r
a	m
q	u
u	i
t	t
e	a
l	s
a	s
s	p
p	o
r	r
t	t
a	a
n	s
t	a
a	e
ç	n
õ	t
e	ã
s	o
c	a
o	p
r	e
o	s
a	s
s	s
o	o
d	a
e	e
a	s
d	t
u	a
b	s
o	u
é	j
u	e
m	i
t	t
a	a
t	d
r	e
a	b
b	a
a	e
l	n

h	t
o	r
b	a
e	r
m	p
	o
	r
	s
	u
	n
	s
	v
	c
	a
	m
	f
	o
	n
	h
	t
	a
	s
	l
	e
	q
	u
	e
	n
	ã
	e
	o
	j
	o
	s
	ã
	c
	o
	m
	o
	u
	i
	t
	m
	e
	s
	t
	i
	l
	o
	s
	d
	p
	e
	r
	v
	i
	c
	d
	o
	n
	t
	a
	l
	g
	u
	a
	m

a	n
s	a
c	t
u	u
r	r
e	e
s	s
a	a
a	h
s	u
p	m
e	p
s	a
s	p
o	e
a	s
v	o
p	a
r	v
o	p
c	r
t	o
u	e
r	c
a	t
m	a
e	r
f	a
a	p
z	o
e	t
r	e
o	n
v	c
e	i
l	a
g	v
e	e
t	l
a	g
l	e
s	n
e	t
m	ã
p	m
r	o
e	p
a	r
U	a
D	D
V	V
t	t
r	r
a	a
z	z
a	a
e	e

g	s
e	a
n	t
t	e
e	r
u	i
v	e
e	n
j	t
o	a
q	ç
u	ã
e	o
m	e
u	o
i	v
t	e
a	g
s	e
r	s
e	t
l	a
i	r
g	e
i	l
õ	i
s	m
t	p
e	o
m	r
i	t
s	a
s	n
o	t
q	e
u	m
m	e
a	i
i	s
s	e
o	l
v	e
r	t
e	r
g	a
e	z
t	u
a	m
l	s
é	i

c	n
o	i
n	f
s	i
t	c
a	a
n	d
d	o
e	p
e	a
m	r
a	a
i	s
s	a
s	g
o	e
e	n
n	t
t	e
e	m
t	u
e	i
d	t
a	a
s	s
n	o
v	r
r	t
t	e
e	s
e	s
s	a
s	g
e	e
n	t
t	e
i	v
l	a
o	i
d	a
e	u
v	m
i	a
d	r
a	e
a	l
s	i
s	g
i	i
m	ã

q	o
u	a
a	s
n	s
d	i
o	o
s	t
t	e
a	a
e	g
g	u
e	m
n	t
t	e
e	c
u	l
l	t
o	o
o	u
u	m
e	s
s	t
t	a
a	m
m	i
i	s
s	s
s	a
a	s
s	e
e	e
e	g
g	u
u	v
v	o
o	c
c	ê
ê	n
n	ã
ã	o
o	s
s	e
e	s
s	e
e	q
q	u
u	n
n	t
t	e
e	i
i	l
l	i
i	b
b	a
a	q
q	r
r	a
a	r
r	e
e	l
l	a
a	m
m	s
s	i
i	n
n	s
s	t
t	o
o	n
n	i

ã	a
o	q
d	u
a	e
c	a
o	n
n	t
t	a
a	n
d	e
e	s
p	e
n	t
r	m
m	e
a	n
n	a
e	c
c	e
r	r
	U
	D
	V
	d
	o
	q
	u
	e
	e
	s
	t
	a
	s
	e
	n
	d
	o
	f
	a
	l
	a
	d
	o
	d
	o
	s
	s
	e
	n
	t

		i m e n t o s f a l a n d o m a i s f o r t e e u g o s t o p o r q u e s e i q u e a c o n t e c e e
--	--	---

		m
		o
		u
		t
		r
		a
		s
		r
		e
		l
		i
		g
		i
		õ
		e
		s
		t
		a
		m
		b
		é
		m
		m
		a
		i
		s
		e
		u
		v
		e
		j
		o
		q
		u
		e
		a
		q
		u
		i
		é
		u
		m
		a
		p
		o
		s
		s
		i
		b
		i

		l i d a d e
		m a i s
		f r e q u e n t e
		P o i s
		é
		e u
		c o n h e ç o
		p o u c o
		m a i s
		o
		q u e
		e u

		j á v i q u e a s p e s s o a s t r a b a l h a m m u i t o c o m o e s q u e m a d e a g r o f i
--	--	---

		o r e s t a l q u e e u c o n h e c i e s s a t é c n i c a q u a n d o a i n d a e s t a v a n a f a c
--	--	--

		u l d a d e p o r q u e o p e s s o a l u t i l i z a v a m u i t o l á q u e v o c ê f a z i a u m
--	--	--

		c u l t i v o s e m s e r d e m o n o c u l t u r a n e e n t ã o a i d e i a e i r d i v e r s i
--	--	---

		f i c a n d o v a i c r i a n d o u m e c o s s i s t e m a e q u i l i b r a d o e q u e s s e s u s t e
--	--	---

		n t a q u e n ã o c a u s a a q u e l e i m p a c t o t o d o e u v i q u a n d o a p e s s o a c
--	--	---

		o m e ç o u a u t i l i z a r p e r m a c u l t u r a t i n h a l u g a r q u e e l e s i a m a r e
--	--	--

f	l	o	r	e	s	t	a	r	e	r	a	m	l	u	g	a	r	e	s	q	u	e	h	á	m	u	i	t	o	t	e	m	p	o	n	ã	o	c	h	o	v	i	a	a	í	q	u
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

		a n d o e l e s c o m e ç a v a m o s t r a b a l h o a s c h u v a s s e f a z i a m m a i s f r e
--	--	--

	q u e n t e s e a s p e s s o a s n ã o e n t e n d i a m c o m e l e s t i n h a m f e i t o p a
--	---

		r a c o n s e g u i r i s s o
2	O q u e m e s t r o u c e p t o p r a t i c o q u e i n a i n d e c i a s d e f a z	E n t ã o m e s t r o u c e p t o p r a t i c o q u e i n a i n d e c i a s d e f a z

e	é
r	i
l	s
a	o
ç	s
o	e
s	d
e	m
d	e
e	u
a	i
m	t
i	o
z	b
a	o
d	m
e	,
,	p
o	r
r	q
q	u
u	e
e	n
c	ó
h	s
a	m
m	g
a	a
n	a
a	h
t	a
e	m
n	o
ç	s
ã	o
o	p
p	o
m	r
u	e
i	s
t	s
o	e
a	a
r	c
t	o
e	n
a	t
a	a
m	t
ú	o
s	c
i	o
c	m
a	a

,	a
e	n
t	a
a	t
m	u
b	r
é	z
m	a
o	e
d	m
e	t
s	e
a	r
f	i
i	u
o	m
d	a
e	l
s	i
e	m
n	e
d	n
o	t
u	a
m	ç
ã	o
n	o
ú	m
c	e
l	l
e	h
o	o
r	,
n	o
v	o
o	.
.	a
o	r
q	f
u	i
e	c
e	a
e	m
u	e
m	l
a	h
i	o
s	r
t	t

g	o
o	d
s	s
t	s
o	e
é	s
d	s
o	d
c	a
o	s
n	t
t	u
a	a
t	t
o	o
s	s
c	a
o	m
m	b
a	i
s	e
p	n
t	t
e	a
s	s
s	i
o	s
.	.
a	s
s	n
o	o
é	s
i	t
s	e
s	m
o	o
.	s
a	a
g	s
o	r
r	i
a	m
a	m
s	e
s	s
i	m
m	o
o	m
é	e
m	m
a	b
i	i
s	o

n	a
e	s
s	c
s	o
e	m
s	s
e	n
s	t
e	i
n	d
t	e
i	r
d	o
e	r
d	a
e	d
f	o
r	r
t	e
a	l
e	é
c	m
e	u
r	i
a	t
m	o
i	r
z	i
a	c
d	e
,	a
o	m
a	a
m	z
b	o
i	n
e	s
n	t
t	e
e	c
f	e
a	r
m	r
i	a
l	d
i	o
a	r
o	a
a	b
b	i

p	o
a	m
r	a
t	s
i	b
c	r
i	p
p	a
a	s
ç	i
ã	l
o	e
d	r
e	o
s	s
,	,
p	m
e	s
s	a
s	o
o	i
a	s
s	a
d	s
e	s
i	i
t	m
o	d
d	t
a	e
s	m
a	m
u	i
i	d
d	t
a	o
d	e
e	a
s	i
,	n
j	d
o	a
v	p
e	o
n	r
s	c
a	o
d	n
u	h
l	e
t	c
o	r
c	r
r	e
i	u

a	a
n	c
ç	r
a	e
s	d
,	i
d	t
e	o
a	q
q	u
u	e
i	n
d	a
o	n
l	a
u	t
z	u
d	r
o	e
z	z
a	a
o	r
r	e
i	x
e	i
n	s
t	t
e	e
a	é
l	p
e	o
g	s
r	i
i	í
a	v
v	e
é	l
a	n
l	a
g	o
o	n
q	a
u	t
e	u
r	e
e	r
m	z
e	a
i	e
m	n
p	c
a	o
c	n

t	t
o	r
r	a
a	c
n	u
a	r
c	a
o	n
r	v
a	i
c	v
i	ê
a	n
s	a
s	s
p	a
o	s
r	p
e	o
x	ã
e	x
m	o
p	v
l	p
o	o
é	d
u	i
m	s
r	m
l	r
u	t
g	o
a	d
r	a
s	s
q	m
u	a
e	i
n	s
o	s
s	q
t	u
e	a
m	e
o	s
s	t
p	o
o	d
r	a
e	s
a	a

x	d
e	e
m	n
p	ç
l	a
o	s
a	,
q	i
u	p
i	e
a	l
p	a
r	s
e	p
s	l
e	a
n	n
t	t
a	m
m	a
o	s
s	e
u	u
m	a
a	c
p	r
e	e
ç	d
a	i
t	t
d	o
e	e
t	m
e	i
a	s
t	s
r	o
o	.
e	n
v	[
o	i
l	m
v	p
e	r
n	e
d	s
o	s
a	i
d	o
u	n
l	a
t	

t	i
r	t
a	o
b	q
a	u
l	e
h	a
a	r
r	p
n	r
o	o
p	s
o	r
s	c
e	n
n	t
t	i
i	d
d	a
o	e
d	m
a	n
e	ó
v	s
o	s
l	e
u	n
ç	d
ã	o
o	e
e	s
s	p
p	i
r	r
i	n
t	s
u	i
a	v
l	o
d	a
o	s
s	a
e	ú
r	d
e	e
h	u
u	m
m	a
a	t
n	ã
o	o
n	a
e	s

t	s
r	i
a	m
b	p
p	a
a	r
l	a
h	a
a	r
r	m
o	i
o	m
s	é
e	r
r	u
h	m
u	l
m	i
a	q
n	u
o	i
n	d
o	o
s	s
a	a
s	e
e	n
n	r
t	a
i	d
d	o
o	.
d	.
e]
s	u
e	m
u	t
d	r
r	e
e	a
s	b
e	a
n	l
v	h
o	o
l	v
v	q
i	u
m	e
e	n
n	é
t	o
o	f
e	e
s	i
t	t

p	o
i	n
r	o
i	s
t	a
u	n
a	ú
l	c
	l
é	e
e	s
s	s
s	p
e	r
n	c
c	i
i	m
a	e
l	i
	r
m	o
i	n
n	o
h	a
a	p
	l
o	a
p	n
i	t
n	i
i	o
ã	r
o	e
	f
e	l
s	s
a	r
r	e
e	s
v	t
o	a
	m
l	e
u	n
ç	t
ã	o
o	,
	e
s	p
p	l
i	a
r	n
i	t
t	i
u	o
a	
l	d
	o

a	m
c	a
o	r
n	r
t	i
e	r
r	e
r	d
e	a
m	m
s	c
o	h
c	a
c	c
r	r
e	o
d	n
a	a
d	,
e	o
s	s
e	n
i	o
r	v
m	e
a	n
v	a
a	n
g	e
d	e
o	t
a	s
s	i
e	s
d	e
a	n
t	a
d	a
o	m
a	b
s	é
m	m
m	u
ã	m
o	s
s	t
r	r
e	a
n	b
t	a
ã	l
o	h
o	o
e	

s	q
s	u
a	e
	p
	r
	a
	t
	i
	c
	t
	a
	p
	n
	e
	s
	e
	t
	r
	a
	b
	n
	a
	t
	i
	d
	o
	,
	é
	p
	e
	a
	c
	o
	l
	e
	t
	a
	,
	s
	p
	e
	l
	e
	t
	i
	p
	v
	a
	n
	d
	e
	l
	i
	e
	x
	o
	a
	p
	o
	r
	a
	c
	r
	q
	u
	e

e	o
c	l
e	i
a	p
p	r
r	o
o	x
x	i
i	m
m	a
a	n
n	d
d	o
o	c
	o
u	n
n	s
s	l
	e
a	p
s	o
	d
o	e
u	t
t	s
r	e
r	r
o	r
s	a
.	p
	r
P	e
r	v
e	e
l	i
a	t
	f
f	o
o	r
r	d
m	a
a	,
	d
d	e
	e
f	f
a	a
l	t
a	o
r	e
	q
q	l
u	e
	a
a	n
n	d
d	o
o	a
	p
a	r

	g	o
	e	v
	n	e
	t	i
	e	t
	s	a
	e	d
	e	s
	c	o
	e	m
	n	
	c	a
	o	d
	n	u
	t	b
	r	o
	a	e
	b	p
	o	a
	e	r
	p	a
	a	m
	f	f
	o	o
	r	l
	m	h
	a	m
	r	a
	a	r
	d	e
	e	a
	f	f
	a	t
	l	e
	a	r
	r	a
	a	a
	p	p
	e	o
	r	h
	c	e
	e	n
	b	o
	e	s
	q	t
	u	e
	e	m
	é	o
	s	s
	d	u
	a	m
	U	e
	D	x

V	e
,	m
o	p
a	l
m	o
b	n
i	ú
n	c
t	l
e	e
f	o
a	G
m	a
i	s
l	p
i	a
a	r
r	v
e	a
b	i
e	f
m	a
f	z
o	e
r	r
t	2
e	5
e	a
c	n
a	o
r	a
a	2
c	5
t	a
e	n
r	o
í	s
s	s
t	a
i	t
c	o
o	r
o	á
	s
M	a
e	q
s	u
t	e
r	l
e	a

G	t
a	e
b	r
r	r
i	a
e	e
l	r
c	a
r	s
i	u
o	b
a	s
U	o
D	l
V	D
c	q
o	u
m	e
a	t
f	r
a	a
m	a
i	m
l	i
i	p
a	a
	r
	a
	f
	a
	z
	e
	r
	a
	t
	e
	r
	r
	o
	d
	e
	a
	s
	f
	a
	l
	t
	o

		e
		h
		o
		j
		e
		n
		o
		s
		c
		h
		e
		g
		a
		m
		o
		s
		l
		á
		e
		t
		e
		m
		f
		l
		o
		r
		e
		s
		t
		a
		e
		m
		6
		a
		7
		m
		e
		s
		e
		s
		s
		e
		c
		u
		l
		t

		i v a e n t ã o a t e r r a s e r e c u p e r a , e n t ã o a s a u t o r i d a d e s v e m q u e
--	--	---

		o t r a b a l h o q u e o s n ú c l e o s d a u n i ã o d o v e g e t a l v e m f a z e n d o é m
--	--	---

		u i t o m a i s e f e t i v a n o s e n t i d o d e e c o s s i s t e m a m e i o a m b i e n t e q u
--	--	---

		e s e d e i x a - s e c o m o e s t a v a a n t e s a t e r r a .
3	e x i s t e p o r a e x e m p l o	e n t ã o p o r a e x e m p l o

a	v
e	o
s	c
t	ê
a	m
	e
	l
	i
	p
	g
	a
	r
	d
	g
	u
	n
	t
	a
	e
	s
	s
	e
	a
	e
	c
	u
	c
	o
	i
	s
	r
	a
	b
	q
	u
	l
	h
	o
	v
	o
	c
	c
	ê
	m
	d
	p
	l
	a
	n
	s
	e
	t
	i
	o
	,
	n
	a
	e
	t
	u
	r
	t
	r
	e
	r
	a
	b
	a
	l
	h
	o
	q
	u
	e
	m
	c
	o
	m
	e

r	a	b
o	n	e
M	f	e
e	i	s
s	c	t
t	r	ê
r	e	n
G	a	c
a	,	i
b	r	a
r	v	'
i	o	v
e	c	o
l	ê	c
,	p	l
p	a	a
r	r	n
a	t	a
o	n	c
d	e	d
e	i	s
f	a	s
i	,	
o	t	a
M	e	m
e	b	e
s	é	m
t	r	e
r	e	n
G	o	ã
a	q	u
b	r	e
r	i	e
e	l	m
,	p	l
e	a	n
e	t	a
f	o	e
i		

p	e
a	u
r	f
a	i
f	l
l	h
o	r
r	e
e	s
s	t
t	a
,	,
e	e
l	u
e	t
v	i
v	v
i	e
a	u
n	m
a	n
a	f
f	ã
l	e
o	r
r	e
e	s
s	t
t	a
p	p
m	l
a	m
n	a
t	s
s	a
e	v
l	e
e	t
t	u
i	d
n	o
,	,
h	e
a	n
u	t
m	ã
a	o
m	c
o	m
r	m

p	e	u
e	l	d
a	f	i
	l	s
	o	s
	r	e
	e	s
	t	a
	a	m
	,	i
	p	n
	o	h
	r	a
	q	r
	u	e
	e	l
	f	a
	o	ç
	i	ã
	n	o
	é	
	a	d
	f	e
	l	r
	o	e
	r	s
	e	p
	s	e
	t	i
	a	t
	q	o
	u	e
	e	p
	r	o
	l	r
	e	e
	e	x
	e	e
	n	m
	c	p
	o	l
	n	o
	t	r
	r	e
	o	u
	u	n
	o	ã
	v	o

e	g
g	a
e	s
t	t
a	o
l	a
f	g
o	u
i	a
l	,
á	t
q	e
u	n
e	t
e	a
r	e
l	u
e	t
v	i
i	l
u	i
a	z
a	a
r	r
e	e
s	s
p	p
i	a
r	,
i	t
t	e
u	n
a	t
l	ã
i	o
d	a
a	t
d	e
e	n
e	h
e	o
r	e
e	s
p	e
v	i
i	t
u	o
q	u
e	c
o	o
m	m

p o r v o q u e e s t a v a a í n a f l o r e s t a r e q u e n t o r o s e d l e m e n t o s s t a d a p f l o r e s t	a , c o m e a s t o r e s t a , q u a n d o s e n t r e q u e n t o r o s e d l e m e n t o s s t a p f l o r e s t
--	--

a	m
p	e
o	r
d	a
e	m
v	e
s	z
e	r
e	u
a	g
r	r
u	ã
p	o
a	s
d	a
o	b
s	i
n	a
a	d
c	e
i	v
v	i
i	d
l	e
z	v
a	i
ç	n
ã	h
o	a
t	m
r	a
a	q
z	u
e	e
n	l
d	e
o	s
a	c
p	h
a	p
z	e
a	r
l	o
u	, q
z	u
e	a
	n
	d
	o

a	e
m	u
o	r
r	f
e	u
u	i
p	e
a	m
r	u
t	m
i	c
c	n
i	ú
p	c
e	l
i	e
d	o
e	q
u	u
m	e
t	e
r	u
a	s
b	e
a	n
h	t
i	h
o	a
s	s
d	e
e	m
t	u
e	l
a	h
t	e
r	r
e	e
o	s
q	t
u	o
e	d
v	a
o	s
c	p
è	e
p	r
o	f
d	u
e	m
a	d
t	a
e	s

r	e
a	u
c	p
e	s
s	e
s	n
o	s
a	e
e	i
l	o
e	u
q	x
u	i
e	e
n	q
ã	u
e	n
a	ã
s	e
s	s
i	t
m	o
o	u
s	c
5	o
0	m
a	5
n	n
h	e
o	a
s	n
d	h
a	o
r	u
u	m
n	d
i	p
ã	a
o	r
d	f
o	u
v	n
s	i
e	m
g	ã
a	e
t	o
a	,
l	d
a	o
s	a
o	i
n	s

d	f
e	a
n	n
o	r
s	a
m	m
f	n
i	ã
z	o
e	m
m	i
o	s
s	s
o	s
u	o
m	v
p	e
e	m
q	u
u	e
e	s
n	s
o	o
t	e
r	x
a	a
b	b
a	a
l	,
h	e
o	s
e	s
m	a
s	s
h	o
c	m
m	e
e	i
n	s
a	a
g	s
e	m
m	e
t	d
r	e
a	i
z	e
e	x
n	a
d	m
o	s
a	i
n	c
h	c

i e
s r
t o
r r
i a
a t
d e
d o
a s
M s
e i
s m
t r
r e
d e
G j
a b
r i
e l
e e
q u
o a
c n
d i
o n
a d
e u
' f
u i
p a
r a
m i
l n
á h
a e
u r
e p
l a
n ç
ã o
s e
i o
c

q	o
u	m
e	a
e	n
u	a
v	t
o	u
u	r
f	e
a	z
a	a
z	e
e	e
r	e
a	s
q	s
u	e
i	d
n	e
ã	l
o	o
s	u
e	v
i	o
c	r
a	,
n	d
t	e
a	r
r	,
t	r
i	e
v	s
e	p
t	e
o	i
q	t
u	o
p	q
e	r
a	p
p	u
r	e
e	m
m	e
n	n
d	i
e	n
r	d
a	e
a	r
f	a
a	m
c	a

a	í
n	l
t	a
a	,
r	m
,	n
	ă
	o
	p
	a
	i
	e
	d
	m
	a
	n
	ç
	a
	r
	m
	t
	ă
	e
	t
	i
	q
	n
	h
	e
	a
	m
	a
	p
	r
	e
	s
	n
	d
	e
	v
	e
	r
	m
	a
	d
	a
	n
	ç
	a
	r
	,
	c
	u
	l
	t
	u
	r
	a
	,
	e
	n
	t

		ã o t e n h o m u i t o c l a r o d o c u i d a d o q u e e u d e v o t e r c o m a á g u a ,
--	--	---

		d o s j a r d i n s , a s s i m t e n t o d e t e r u m c u i d a d o e s p a c i a l . P a r a m i
--	--	--

		m
		e
		l
		e
		é
		o
		m
		a
		i
		s
		s
		a
		g
		r
		a
		d
		o
		e
		l
		e
		m
		e
		n
		t
		o
		d
		a
		n
		a
		t
		u
		r
		e
		z
		a
		q
		u
		e
		m
		e
		f
		a
		z
		e
		m
		,
		d
		e

		c o m
		D e u s
		c o m
		a
		n a t u r e z a
		,
		c o m
		u n i v e r s o
		. A c h o u
		q u e
		f u n d a m e n t a l

		p o r q u e n o s s a r e l i g i ã o e s t a m u i t o l i g a d a a e s s e m o v i m e n t o d a
--	--	--

		n a t u r e z a d a t e r r a
4	T e m u n i ã o o u t r a c t a r e i t e r i s s i c o m u n i t a r i o i m p o r t a	N a m u n i ã o o u t r a c t a r e i t e r i s s i c o m u n i t a r i o i m p o r t a

n t e q u e e n c o n t r e s i d e r o d e n o s s a r e l i g i ã o é a m c o n d u ç ã o e m d o r i t u a	a n t i o , e n c o n t r e s i d e r o c u l t i v o s d e p l a n t a s d a a m c o n d u ç ã o e m r i t o d
---	--

l	p	c	o
	e	e	
	r	r	
	a	a	
	p	d	
	a	o	
	v	,	m
	r	r	u
	a	,	i
		a	t
			o
			d
			p
			e
			s
			a
			f
			v
			r
			o
			,
			e
			m
			u
			f
			i
			t
			a
			n
			d
			a
			c
			m
			e
			n
			s
			a
			t
			a
			p
			a
			d
			r
			e
			s
			d
			e
			s
			t
			e
			s
			t
			a
			r
			r
			,
			t
			u
			r
			o
			s
			a
			s
			d
			n
			o
			v
			e
			s
			t

r	v
a	b
b	e
a	g
l	e
h	t
t	a
o	s
s	i
e	s
l	t
a	a
m	m
d	b
i	é
r	m
e	q
c	u
i	e
o	n
n	a
a	s
ã	o
e	n
c	a
a	r
m	v
i	o
n	r
h	e
a	s
o	q
s	u
e	e
t	j
r	á
a	e
b	u
a	h
l	o
h	c
o	s
,	n
e	h
l	e
a	c
a	i
a	a
b	a
r	r
e	g
g	u
p	m
o	a
s	s
s	s

i	a
b	s
i	o
l	u
i	d
d	t
a	r
d	a
e	s
s	e
e	u
n	c
o	n
s	h
s	e
o	c
r	e
i	n
t	a
u	l
a	u
l	n
t	i
e	ã
m	o
u	B
m	o
a	m
e	e
s	s
t	s
r	e
u	t
t	c
u	h
r	á
a	é
p	a
a	r
r	e
e	n
c	i
i	ã
d	o
o	c
c	d
o	e
m	d
o	u
s	a
s	s

a	p
n	l
t	a
i	n
g	t
o	s
s	a
c	s
r	a
i	m
s	a
t	z
ã	õ
o	n
o	i
n	c
d	a
e	s
a	,
l	a
g	t
u	e
m	m
a	n
n	d
d	e
e	p
e	e
s	s
s	a
o	g
a	e
n	n
t	t
m	e
a	s
s	a
e	b
x	e
p	r
e	a
r	s
i	c
e	o
n	n
t	h
e	e
d	c
i	e
r	m
i	o
g	s
e	n
o	a
s	a

t	r	a	b	a	n	a	s	,	q	u	e	o	ú	t	r	a	m	a	p	e	n	s	ã	o	s	i	n	t	e	r	e	p	s	a	r	t	i	c	i	p	s	a	i	n	m	a	t	e	s	e	t	m	e	m	i	t	d	o	i	r	e	n	t	e	l	i	d	e	n
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

p	t
e	e
r	,
g	u
u	d
n	e
t	a
a	a
s	c
,	o
d	r
e	d
	o
	p
	c
	r
	o
	m
	n
	a
	l
	g
	u
	a
	n
	s
	r
	s
	d
	e
	t
	n
	o
	f
	a
	b
	l
	a
	r
	a
	n
	d
	i
	c
	o
	s
	s
	,
	a
	N
	ó
	s
	v
	i
	d
	a
	s
	o
	d
	e
	s
	f
	a
	u
	z
	e
	r
	i
	c
	n
	s
	t
	a
	m
	i
	a
	t

d	u
a	i
s	ç
	ã
q	o
u	q
e	u
s	e
ã	b
o	e
c	b
â	e
n	t
t	u
i	m
c	o
s	ç
	h
.	á
	n
	o
B	r
o	m
t	u
p	a
a	r
r	a
e	l
n	i
ó	g
s	i
é	s
e	o
v	,
i	e
d	n
e	t
n	ã
t	o
e	a
p	p
o	r
r	q
u	u
e	r
n	t
ó	â
s	n
	ó
	c
	i

t	e	a
m	d	
o	a	
s	s	
	u	p
	m	l
	r	a
	i	n
	t	t
	u	a
	a	s
	l	e
	q	e
	u	v
	e	i
	u	d
	t	e
	i	,
	z	a
	a	p
	d	r
	u	a
	s	q
	p	u
	l	e
	a	o
	n	r
	t	i
	a	s
	q	u
	a	e
	l	s
	e	e
	s	m
	ã	a
	o	n
	p	t
	l	e
	a	n
	n	h
	t	a
	a	,
	s	e
	d	q
	e	u

f	e
l	a
o	r
r	e
e	n
s	t
t	a
a	e
e	t
n	e
t	n
ã	h
o	a
e	a
s	s
a	p
s	o
s	s
p	s
l	i
a	b
n	i
t	l
a	i
s	d
a	a
s	d
p	e
r	a
e	c
c	o
i	s
s	c
a	o
m	m
u	n
d	d
e	e
g	g
a	a
u	r
r	m
m	e
a	s
s	m
b	b
e	e
i	i
e	c
n	h
t	ã
e	,
f	q
l	u
o	e
r	p
e	a
s	r
t	

a	a
l	n
,	ó
h	s
ú	e
m	u
i	d
d	o
o	m
,	a
m	c
a	o
i	m
s	s
p	u
r	n
ó	h
p	ã
r	o
i	,
o	q
u	e
p	p
o	a
s	g
s	e
i	n
v	t
e	e
l	t
d	e
e	n
h	a
u	a
m	m
a	a
c	c
m	e
b	s
i	s
e	o
n	a
t	r
e	e
a	r
m	a
a	l
z	i
õ	d
n	a
i	d
c	e
o	d
p	o

a	r	m
a	u	
q	d	
u	o	
e	e	
e	s	
l	p	
a	r	
s	i	
c	t	
r	u	
e	a	
s	l	
ç	a	B
a	m	o
m	e	m
e	a	
q	g	
u	e	
e	n	
t	p	
e	o	
s	t	
s	e	
a	m	
m	u	
p	a	
o	s	
s	e	
n	t	
i	i	
b	d	
i	a	
l	d	
i	e	
t	a	
a	r	
r	q	
p	u	
r	e	
e	p	
p	a	
r	g	
a	a	
r	d	
a	a	
o	a	
a	v	
v	e	
e	u	

g	n
e	i
t	ã
a	o
l	d
e	e
n	n
t	t
ã	v
o	e
g	g
e	t
r	a
a	l
l	q
m	u
e	m
n	e
t	a
e	s
s	s
o	c
n	o
c	i
i	a
o	ç
s	ã
n	o
ú	c
c	n
l	e
e	o
o	v
s	a
d	e
a	n
c	a
u	n
n	i
i	t
ã	o
o	d
a	e
g	s
e	e
n	n
t	v
e	o
v	l
v	v
ê	i
a	m
e	n
t	t
e	o
n	d
d	e

é n c i a g d e c o , p l a n t i o d e r i a a d v o r e s d a n o s p r e s e r v a ç ã o d e l e a l g u m p o u c o f r a g m e n t o

n	t	c
t	o	o
f	l	ç
o	r	o
r	e	e
s	t	e
a	l	a
q	t	e
u	e	m
e	c	o
x	i	m
s	t	o
a	,	b
q	j	e
u	t	i
a	n	v
d	o	o
a	n	m
ã	o	p
l	i	a
e	x	r
i	s	a
s	t	o
t	e	m
n	á	m
a	x	o
d	i	a
a	m	o
s	e	e
m	s	s
p	r	a
r	e	v
,	i	s
a	s	ã
s	o	

p	e
e	s
s	o
o	l
a	ó
s	g
s	i
e	s
e	c
d	a
e	d
d	e
i	r
c	e
a	s
m	p
a	e
p	i
l	t
a	p
n	o
t	a
a	n
r	a
a	r
r	t
v	u
o	r
r	e
e	z
s	a
,	d
f	e
a	n
z	t
e	r
r	o
j	a
a	r
r	d
d	m
i	b
m	i
,	t
e	o
m	d
a	a
a	l
l	u
g	n
u	i
n	ã

s	o
n	e
ú	f
c	l
l	o
e	r
o	a
s	d
n	e
o	l
s	e
t	n
e	a
m	s
o	s
s	o
h	c
o	r
r	d
t	a
a	d
s	e
e	e
e	m
s	g
t	e
a	r
n	a
o	l
n	e
n	n
t	t
o	ã
s	o
s	e
a	s
s	s
p	a
r	o
o	p
p	s
o	s
s	o
t	c
a	i
e	a
a	ç
g	ã
e	o
n	q
t	u
	e

e	j
c	á
u	f
l	t
t	i
i	v
v	r
a	e
s	s
c	p
o	o
m	n
a	s
s	á
v	e
e	c
c	l
r	r
i	p
a	o
n	r
ç	g
a	e
s	s
t	t
ã	o
m	d
b	e
é	m
m	p
e	a
s	r
s	q
e	u
e	e
c	s
u	i
i	e
d	m
a	d
d	g
o	e
r	r
d	a
e	l
v	a
d	e
r	s
s	i
a	s
s	s
e	s
s	a
e	t
l	i
o	v
	i

c	d
o	a
m	d
a	e
	s
n	l
a	i
t	g
u	a
r	d
e	a
z	s
a	a
	ng
	ou
	s
r	a
e	g
l	o
a	r
c	a
i	o
m	m
n	e
a	s
m	m
o	o
s	s
	n
c	ó
o	s
m	
	t
a	i
v	
n	e
a	m
t	o
u	s
r	e
e	
z	m
a	
	t
c	o
o	d
m	o
	b
	r
o	a
b	s
c	i
r	l
i	a
a	d
d	o
o	t
r	i

	v
e	i
n	d
t	a
ã	d
o	e
	s
p	r
a	e
r	a
	n
a	t
	i
n	v
o	a
s	s
	e
e	l
l	a
a	o
	t
e	d
m	i
	a
u	m
m	u
	a
a	s
s	d
	p
p	i
e	a
c	l
t	d
o	a
	d
d	g
i	u
v	a
i	n
n	o
	f
q	a
z	z
u	e
e	m
	o
m	s
	e
r	t
e	r
c	e
e	d
	o
s	a
e	n
r	o
	r
r	e
e	s
s	s

p	t
e	i
i	v
t	a
a	d
d	d
o	a
e	a
a	g
g	u
e	a
n	d
t	o
e	t
c	c
e	r
r	c
a	e
p	i
r	p
o	r
r	o
m	m
i	i
s	s
s	ê
o	n
a	i
i	o
n	j
s	á
t	e
i	f
t	e
u	i
i	t
ç	o
ã	a
o	c
c	l
o	g
m	u
o	n
s	s
u	m
m	a
t	n
o	s
s	t
d	o
o	e
t	f
e	e

m	i
e	t
s	e
s	m
a	
	o
	v
	a
	r
	i
	e
	n
	t
	a
	ç
	ã
	o
	p
	i
	t
	a
	A
	g
	e
	n
	t
	e
	d
	e
	p
	r
	t
	r
	e
	r
	o
	e
	n
	d
	e
	n
	ú
	q
	u
	e
	l
	e
	s
	i
	m
	n
	o
	e
	s
	x
	i
	s
	t
	e
	m
	s
	u
	m
	q
	a
	u
	e
	n
	o
	c
	s
	u
	m
	c
	p

u	r
l	i
t	v
i	a
v	s
a	m
s	o
m	d
o	s
d	r
i	r
r	e
e	s
s	t
a	r
z	i
c	z
u	e
l	s
t	a
u	m
r	b
a	i
c	e
a	n
i	t
a	a
n	s
h	i
d	n
h	o
a	c
e	n
s	t
s	r
a	o
f	t
o	a
r	m
m	b
a	é
d	m
e	f
s	o
r	r
e	a
r	m
q	d
u	e
e	f
e	i
n	d
u	a
f	

a	s
l	a
e	n
i	í
a	v
g	e
o	r
r	a
a	n
a	a
c	i
p	o
n	a
u	l
c	p
o	e
t	l
e	a
m	n
m	o
u	v
i	a
t	e
o	n
h	c
a	a
v	n
e	t
r	o
c	e
o	u
m	p
i	a
s	r
s	t
o	i
n	c
e	p
p	e
r	d
o	o
c	u
u	r
r	l
a	t
r	i
s	m
e	o
r	e
n	n

s	c
i	o
n	n
c	t
e	r
r	o
o	n
	v
	a
	c
	r
	d
	o
	n
	a
	d
	e
	l
	q
	u
	e
	s
	a
	c
	o
	n
	t
	m
	e
	a
	c
	n
	e
	u
	r
	e
	m
	a
	g
	e
	n
	t
	e
	3
	e
	l
	á
	x
	e
	r
	a
	c
	g
	e
	n
	t
	e
	i
	s
	t
	r
	a
	b
	a
	n
	o
	l
	s
	h
	a
	n
	ú
	c
	l
	e
	s

o s d e t r a b a l h a r j u n t o s d e f o r m a r e q u i p e s c a r e s p e i t a r a c a d a u m	e n t i d o d a b a l h a r e t r i n z e s g e r a f o r m e n t ã o q u e m p e s c a r e s p e i c l e o d a c a d a n i ã o m
--	---

c	e
o	x
m	i
o	s
t	t
é	e
t	u
r	m
e	m
s	o
s	n
a	s
r	t
d	o
i	r
m	d
e	i
n	m
s	a
ã	n
o	s
a	o
d	v
e	a
a	d
n	e
e	c
v	a
o	n
l	e
u	t
ç	o
ã	r
o	q
r	a
q	t
u	e
e	a
e	d
u	e
s	s
a	a
c	h
h	o
o	q
u	e
é	e
s	s
u	t
m	ã
ã	o
d	,
i	f
f	e

e	n
r	t
e	ã
n	o
c	t
i	e
a	m
l	m
m	m
u	u
i	i
t	t
t	a
o	a
f	r
o	e
r	l
t	a
e	ç
ç	ã
ã	o
n	e
e	s
s	c
s	o
a	m
c	a
u	s
l	d
t	i
u	r
r	a
a	r
S	t
i	r
m	e
s	s
p	a
o	m
r	b
q	u
u	e
e	n
m	t
e	a
i	i
s	s
i	d
d	e
e	n
n	o
t	s
i	e
f	n
i	c
c	t
o	i

d	c	o	d
e	o	m	e
m	e	s	m
s	s	a	h
h	f	o	r
r	r	a	p
a	p	r	o
o	v	e	i
i	c	o	m
m	a	s	a
a	s	s	n
n	i	t	i
i	m	o	m
m	a	d	a
a	s	s	a
s	i	n	a
n	c	u	r
r	r	i	d
d	a	d	e
e	a	g	e
a	n	e	n
n	e	n	e
e	n	o	r
r	p	r	e
p	r	e	c
e	c	s	u
c	s	e	r
u	r	a	s
r	a	s	t
a	s	t	e
s	t	e	r
t	e	r	d

e	d
r	r
e	e
s	t
t	r
p	a
r	b
a	s
b	a
i	l
i	h
d	a
a	r
d	e
e	m
e	b
e	é
e	m
a	a
c	d
o	m
m	e
p	s
r	t
e	i
e	n
n	a
d	ç
e	ã
r	o
a	d
n	o
e	s
c	r
e	e
s	s
s	í
i	d
d	u
a	o
d	s
e	d
d	a
e	m
q	e
u	l
e	h
a	o
r	r
h	f
u	o
m	r

a	m
n	a
i	p
d	o
a	s
d	s
e	í
t	v
e	e
m	l
t	a
d	n
e	t
v	o
i	r
v	e
r	c
d	i
a	a
s	r
d	f
e	a
p	z
a	r
r	c
e	o
c	l
o	e
m	c
a	o
s	s
e	e
l	l
e	e
t	t
c	i
o	v
l	a
o	,
c	r
o	u
r	e
u	c
e	i
s	s
a	a
s	r
b	o
a	s

s	r
e	e
d	s
a	s
r	e
e	c
l	o
i	s
g	o
ã	r
o	g
,	ã
r	n
e	i
v	c
i	o
v	s
e	,
r	u
a	r
o	m
s	a
p	o
a	s
r	p
e	a
n	r
t	e
s	n
i	d
n	a
a	o
m	s
e	r
n	e
t	j
o	e
j	s
s	i
e	d
d	t
e	o
j	s
e	a
s	n
u	i
s	t
á	d
d	r
r	e
i	o
o	s
f	o
r	t
m	a
a	m
b	a
é	m
a	s

s	a
i	g
m	e
c	n
o	t
n	e
t	e
e	p
m	r
p	o
o	c
r	u
â	r
n	a
e	a
a	t
t	e
d	r
e	n
n	o
t	r
r	o
o	n
d	ú
e	c
e	l
n	e
o	n
s	o
s	s
a	m
a	a
l	f
i	o
n	s
g	a
u	a
a	g
e	e
m	v
a	m
p	a
a	o
c	s
c	a
e	n
s	i
s	t
í	a
v	r
e	i
l	a
a	q
q	u
u	e
a	e

l q u e r r	v i t a p e s s o a	a p e s o n a m i n a ç ã o d o s l e n ç õ e s d o l e n ç ã o f r e á t i c o e o r e s í d
----------------------------	--	---

		u o p a r a c r e s c i m e n t o d o v e g e t a l , e n t ã o a g e n t e t e m u m a s e r i e d
--	--	--

	e
	d
	r
	e
	t
	r
	i
	z
	e
	s
	e
	i
	s
	s
	o
	é
	a
	l
	é
	m
	d
	e
	s
	e
	r
	a
	n
	í
	v
	e
	l
	d
	e
	n
	ú
	c
	l
	e
	o
	e
	l
	e
	a
	c
	o
	n
	t

		e c e a n í v e l n a c i o n a l e i n t e r n a c i o n a l h o j e e m d i a
5	Q	m u a n d o a c h o u r e i a s

m	s
e	i
s	m
s	o
e	n
n	c
t	i
i	c
t	o
ã	n
o	t
a	a
l	o
i	q
v	u
i	e
a	a
d	g
a	e
q	n
u	t
e	e
n	t
a	e
m	m
v	m
e	e
r	s
d	m
a	o
d	e
e	c
f	o
a	m
l	a
t	a
a	n
m	a
p	t
a	p
r	u
a	r
v	e
r	a
a	e
s	m
p	s
a	i
r	e
a	q
e	u
x	a

p l i c a r , e n t ã o s ã o n o a c o n t e c r i m e n t o s q u e l a v o c ê t e m s ó n a q u i N E n t e n t o	n d o a g e n t e s t a n o a c o n t e p a r o , a g e n t e s t e q u e l a v o c ê t e m s ó n a q u i c o n t e n t o
---	---

ã	o	q
	p	u
	a	e
	r	a
	a	g
	m	e
	i	n
	m	t
	e	m
	e	e
	s	m
	s	e
	e	e
	n	d
	d	e
	c	c
	i	a
	a	u
	l	m
	q	j
	u	e
	e	i
	r	t
	e	r
	n	e
	d	o
	b	b
	o	e
	m	m
	e	d
	t	i
	r	f
	a	r
	n	e
	s	n
	f	t
	o	e
	r	'
	m	a
	a	g
	r	e
	c	n
	a	t
	d	e
	a	b
	v	a
	e	t
	z	e
	m	m
	a	a
	i	r

s	i
,	r
a	'
m	t
a	r
r	a
r	z
a	m
n	d
d	o
o	i
m	t
i	n
n	f
h	o
a	r
b	ç
a	r
r	p
q	r
u	a
i	n
n	g
h	e
a	n
e	t
e	e
m	e
u	m
m	p
b	r
a	a
r	n
c	o
o	s
s	a
g	r
r	a
a	v
n	i
d	d
e	a
d	m
e	s
s	s
s	m
e	o
f	'
i	e
c	n
a	t
	ã

m	o
u	a
i	c
t	h
o	o
m	q
a	u
i	e
s	f
f	á
á	n
c	o
i	s
l	s
	o
P	c
ó	o
n	n
t	t
a	a
t	t
e	e
m	m
	c
	é
	a
	d
	e
	s
	s
	g
	r
	u
	p
	i
	a
	l
	P
	s
	o
	c
	c
	i
	a
	r
	a
	t
	e
	m
	b
	v
	i
	o
	q
	'
	a
	u
	e
	a
	b
	t
	e
	m
	a
	d
	n
	e
	q

u	,
i	t
r	e
i	m
n	d
d	o
o	u
u	m
m	p
a	a
i	n
n	t
d	i
i	o
v	a
i	g
d	e
u	n
a	t
l	e
i	d
d	a
d	ã
e	o
,	c
p	u
r	i
i	d
m	a
e	s
i	ó
r	d
o	o
o	e
e	m
x	a
e	r
m	i
p	r
l	i
o	e
q	d
u	a
e	c
a	h
g	a
e	n
n	t
t	e
e	n
a	a
p	

r	a
o	g
c	e
u	n
r	t
a	e
e	p
s	l
t	a
a	n
r	t
a	a
d	a
a	o
n	u
d	t
o	r
r	a
a	s
n	e
,	c
e	o
m	i
s	s
a	a
n	s
o	s
s	c
u	u
i	d
d	a
a	d
e	e
d	i
i	t
a	r
r	r
d	e
r	n
e	s
s	o
,	,
r	a
a	p
p	e
e	n
s	t
t	e
o	e
a	a
s	n
a	ã
m	o
e	d
l	e
h	s
o	

r	e	s	n	ã	o	b	e	b	e	r	n	ã	o	f	u	m	a	r	r	n	ã	o	u	t	i	l	i	z	a	r	r	e	n	e	n	h	u	m	t	i	p	o	s	d	e	n	ú	c	r	o	g	a	n	e	m
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

,	z
e	e
t	'
e	d
r	e
u	v
m	e
a	t
a	r
i	a
m	l
e	g
n	u
t	n
a	s
ç	'
ã	q
o	u
e	e
m	a
a	s
i	ã
s	o
s	m
a	a
u	i
d	s
á	v
v	f
e	o
r	r
t	t
p	e
a	s
r	,
a	t
p	e
o	m
d	e
e	r
r	G
s	a
e	s
m	p
p	a
r	r
e	,
e	a
s	s
s	s
t	i
a	

r	m
e	t
v	o
o	d
l	o
u	s
i	n
n	d
d	s
o	n
e	ú
n	c
t	l
ã	e
o	s
i	s
s	t
s	e
o	m
a	A
ch	h
o	c
u	o
q	m
u	o
e	q
é	u
f	é
u	f
m	a
d	m
e	e
d	e
e	n
s	c
t	a
a	i
q	m
u	a
e	é
n	f
,	u
a	n
s	d
p	a
e	m
s	p
s	e
o	n
a	s
a	t
	a
	o

s	c
,	u
i	i
s	d
s	a
o	d
t	o
a	d
m	e
b	s
é	s
m	a
e	s
e	p
m	r
u	a
i	t
t	i
o	c
i	a
m	s
p	p
o	a
r	r
t	a
a	n
n	t
t	ó
e	s
d	p
e	o
d	r
a	q
r	u
o	e
c	m
e	x
x	u
e	n
m	g
p	a
l	m
o	s
s	d
a	u
u	m
n	c
i	h
ã	á
o	q

m e s m o , e n t ã o a r e s p e s s o a s t e n t a d u a s t e r u n t a s c o n d u t a c e r t i n h a , s

ã
o
c
o
i
s
a
s
q
u
e
n
a
s
o
c
i
e
d
a
d
e
d
e
h
o
j
e
e
q
u
a
s
e
u
m
d
i
f
e
r
e
n
c
i
a
l
m
a

i
s
i
s
s
o
a
i
,
a
g
o
r
a
t
e
m
u
m
j
e
i
t
o
d
a
s
p
e
s
s
o
a
s
f
a
l
a
r
e
m
q
u
e
e
m
u
i

t
o
e
n
g
r
a
ç
a
d
o
o
j
e
i
t
o
u
n
i
ã
o
n
e
,
t
e
m
q
u
e
p
r
o
c
u
r
a
r
u
t
i
l
i
z
a
r
a
l
g

u
m
a
s

p
a
l
a
v
r
a
s

c
o
m
o

p
o
r

f
a
v
o
r
,
m
e
u
s

i
r
m
ã
o
s
,
e
s
s
a
s

c
o
i
s
a
s

n
e
,

t
e
m
c
o
i
s
a
s
q
u
e
e
m
u
i
t
a
c
o
i
s
a
d
e
u
n
i
ã
o
t
i
p
o
p
a
s
s
e
i
o
h
i
p
p
e
q
u
e

a
g
a
l
e
r
a
c
h
a
m
a
o
p
o
v
o
d
a
u
n
i
ã
o
a
d
o
r
a
p
a
s
s
e
i
o
h
i
p
p
e
c
a
c
h
o
e
r

a , i r p a r a o m a t o o c o n t a t o c o m a n a t u r e z a é u m d i f e r e n c i a l

o
m
o
d
o
t
e
n
t
a
r
v
e
r
a
v
i
d
a
m
a
i
s
t
r
a
n
q
u
i
l
o
t
a
m
b
é
m
,
v
e
n
d
o
o
e
x
e
m

p
l
o

d
o

m
e
s
t
r
e

u
m
a

p
e
s
s
o
a

e
x
t
r
e
m
a
m
e
n
t
e

s
o
r
r
i
d
e
n
t
e
,
c
a
r
i
s
m
á
t
i
c

a
,
s
e
m
p
r
e
s
o
r
r
i
n
d
o
a
c
h
o
u
q
u
e
i
s
s
o
e
m
u
i
t
o
b
o
n
i
t
o
,
e
s
t
a
f
e
l
i
z

e
n
ã
o
s
ó
p
a
r
a
m
o
s
t
r
a
r
p
a
r
a
o
s
o
u
t
r
o
s
e
p
o
r
q
u
e
e
s
t
a
f
e
l
i
z
m
e

	s m o a c h o u i s s o m u i t o b o n i t o
6	e a x g i s t e n t e u b m a s c a c u l t e u r a b u p s o r q u e n o a s e n t i d U D V

p	o
a	,
s	e
s	u
a	p
	f
	a
	ç
	o
u	m
a	p
r	a
c	r
t	e
c	o
n	d
d	a
u	t
t	a
	e
	q
m	u
o	i
r	p
a	e
l	d
	o
d	a
a	s
	p
	l
	p
	a
	n
	t
	s
	i
	o
	,
	a
	s
	m
	q
	u
	e
	c
	o
	n
	t
	a
	q
	u
	t
	e
	n
	t
	a
	m
	d
	i
	r
	e
	n
	t
	o
	ã

o	c
e	m
x	a
i	n
s	a
t	t
e	e
	r
	s
	s
	a
	z
	a
	c
	c
	u
	l
	t
	n
	s
	t
	r
	a
	n
	d
	e
	,
	c
	o
	m
	p
	o
	r
	t
	a
	ú
	m
	e
	l
	e
	n
	t
	o
	m
	d
	e
	s
	m
	o
	p
	e
	s
	m
	s
	o
	n
	a
	a
	s
	e
	q
	u
	i
	p
	e
	x
	i
	s
	t
	o
	e

e	p
s	l
s	a
a	n
t	t
i	o
o	, a
c	g
u	r
l	e
t	n
u	t
r	e
a	q
n	u
t	e
e	t
q	r
u	a
e	m
t	a
r	b
a	a
m	l
a	h
b	a
a	c
l	u
h	l
a	t
l	d
c	u
u	r
l	r
t	a
d	e
u	t
r	a
a	d
e	a
t	m
a	e
m	U
e	n
U	D
n	t
D	e
t	n
e	c
n	o
c	m
o	m
m	é
é	a
a	d
é	n
a	a
é	t
a	v
é	u
a	r
é	e
a	g
é	e
a	t
é	a
a	l
é	,
a	E
é	s
a	s
é	o
a	l

m	ó
e	g
s	i
m	c
o	o
a	q
q	u
u	e
e	t
s	e
t	m
ã	a
o	l
d	g
o	u
m	m
c	a
o	s
m	p
p	c
o	o
r	i
t	s
a	a
m	s
e	n
n	d
t	e
o	c
m	o
n	n
d	d
r	a
a	u
l	t
a	a
d	a
a	p
s	e
s	s
p	s
e	o
s	a
s	l
o	q
a	u
s	e
n	e
o	l
a	a
s	e
m	m
e	n
n	d
t	a
i	a
d	

o d e r e l a ç ã o m
d e r e l a ç ã o m
p e i t o m o m o
m u t u o c ê
d e s e a u c o m
x i l i o r t a d e d i a g n o s t i c o
l d a d o m u n d o , e n t ã o n a
U t D i p o

o	a
p	s
r	i
i	m
n	c
c	i
i	u
p	m
i	a
o	p
b	e
á	s
s	s
i	o
c	a
o	q
é	u
a	e
i	t
g	i
u	g
a	h
l	a
d	u
a	m
d	a
e	p
,	r
d	a
e	t
t	i
o	c
d	a
a	d
s	e
a	j
s	o
p	g
e	r
s	l
s	i
o	x
a	o
s	,
t	n
o	a
d	r
a	u
s	a

a	'
s	é
p	u
e	m
s	a
s	o
a	c
s	o
s	n
s	d
ã	u
o	t
i	a
g	m
u	r
a	a
i	l
s	q
,	u
e	e
e	a
n	g
t	e
ã	n
o	t
e	e
x	m
i	s
s	o
t	d
e	i
e	f
s	i
s	c
a	a
A	A
c	i
u	m
l	p
t	o
u	r
r	r
a	t
ã	â
c	n
o	c
m	i
p	a
o	r
r	d
t	e
a	s
m	s
e	a

n	s
t	p
a	r
l	a
t	t
t	i
u	d
d	c
o	a
s	s
f	a
e	q
i	u
t	i
o	l
c	o
o	m
m	q
u	u
i	e
t	t
o	u
f	f
e	a
s	s
f	l
o	e
r	i
ç	n
o	o
s	s
d	e
a	n
s	t
i	p
p	d
e	o
s	s
s	d
o	e
a	a
s	q
u	u
p	e
o	r
r	e
e	l
l	e
e	s
e	u
r	r
g	g
p	i
o	u
r	n

a	o
s	s
p	s
e	e
r	r
s	s
i	i
o	o
a	a
g	g
a	a
s	s
q	q
u	u
e	e
a	a
d	d
e	e
x	x
i	i
l	l
i	i
a	a
r	r
a	a
m	m
a	o
e	m
l	a
e	r
a	r
r	i
i	f
f	a
a	z
z	e
e	r
r	i
i	s
s	o
o	n
n	a
a	i
i	n
n	c
c	t
t	i
i	v
v	o
o	,
,	v
v	e
e	n
n	a
a	a
a	m
m	f
f	e
e	d
d	a
a	m
m	i

f	d
l	a
i	q
a	u
e	e
	a
	s
	h
	e
	p
	g
	o
	s
	s
	u
	s
	o
	n
	a
	a
	s
	s
	o
	c
	u
	e
	i
	e
	d
	a
	d
	e
	m
	a
	c
	q
	u
	e
	i
	g
	,
	a
	n
	d
	a
	i
	s
	p
	u
	r
	a
	b
	a
	n
	a
	f
	r
	e
	q
	u
	e
	s
	a
	s
	t
	a
	r
	p
	l
	a
	n
	t
	a
	s
	i
	ã
	o

,	ã
e	o
n	s
t	ã
ã	o
o	e
a	n
t	c
é	o
o	n
n	t
d	r
e	a
a	d
	a
	s
	U
	a
	D
	q
	u
	i
	d
	e
	c
	h
	e
	f
	o
	r
	u
	r
	m
	a
	t
	é
	n
	a
	a
	t
	i
	v
	a
	r
	a
	e
	n
	t
	ã
	o
	u
	a
	m
	g
	e
	n
	s
	t
	e
	f
	o
	r
	t
	e
	ç
	e
	m
	d
	q
	u
	e
	s

p	c
e	o
s	m
s	e
o	ç
a	a
s	r
.	a
	f
	a
	z
	e
	r
	e
	s
	s
	e
	t
	r
	a
	b
	a
	l
	h
	o
	d
	e
	p
	l
	a
	n
	t
	i
	o
	e
	n
	t
	ã
	o
	d
	e
	n
	t
	r
	o
	d
	e
	s
	s
	e

		t r a b a l h o d e p l a n t i o a g e n t e c o m e ç a a t r a z e r e s p é c i e q u e r a m
--	--	---

		e s p e c i f i c a s l á d o n o r t e p a r a a c a , e l a s s e a d a p t a r a m e p a r a m
--	--	---

	a n t e r m e s m o s o r i t u a l d a u n i ã o , p o r q u e c o m o v e g e t a l f a z p a r t
--	--

		e
		d
		e
		n
		o
		s
		s
		o
		r
		i
		t
		u
		a
		l
		e
		n
		t
		ã
		o
		a
		g
		e
		n
		t
		e
		p
		r
		e
		c
		i
		s
		a
		m
		a
		n
		t
		e
		r
		m
		a
		r
		r
		i
		r
		i
		e
		c
		h
		a
		c
		r
		o
		n

	a
	p
	a
	r
	a
	a
	g
	e
	n
	t
	e
	p
	o
	d
	e
	r
	p
	r
	e
	p
	a
	r
	a
	o
	v
	e
	g
	e
	t
	a
	l
	e
	b
	e
	b
	e
	r
	o
	v
	e
	g
	e
	t
	a
	l
	n
	a
	s
	e
	s

		s ã o , e n t ã o a i m p o r t â n c i a é e s s a m e s m o e . . . a i m p o r t â n c i a b á
--	--	---

		s i c a , m a i s a u n i ã o e m s i e l a t e m e s s e p e n s a m e n t o d e p r e s e r v a ç
--	--	--

		ã o d a n a t u r e z a p o r q u e a n a t u r e z a
7	T r a z p a r a a g e n t e u m a c o n f i a	E n t ã o p a r e a u f a ç o p a r t e c o n f i a

n	t
ç	u
a	r
n	e
a	z
f	a
a	v
m	o
í	u
l	f
i	a
a	z
,	e
r	r
a	o
í	m
e	s
s	n
a	i
m	m
c	o
o	a
n	f
f	l
i	g
a	u
n	m
ç	a
a	c
a	o
a	g
e	i
n	s
t	e
m	í
e	n
s	n
e	i
n	m
t	o
e	d
u	e
m	a
a	u
o	x
u	i
t	l
r	r
a	a
r	,
f	a
a	m
m	p

í	l	a	n	t	a	r	e	s	p	u	m	a	r	i	t	a	v	o	r	e	,	a	s	j	u	d	a	r	a	s	p	e	c	u	s	i	d	a	r	d	e	r	v	o	r	e	,	v	i	v	ê	n	c	i	a	n	e	a	c	q	u	s	i	n	o	c	e
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

n	e
t	r
r	r
o	b
e	a
s	r
p	p
i	a
r	r
i	t
t	a
a	p
b	b
e	d
n	e
r	r
f	i
i	c
c	ê
n	c
c	e
i	r
a	o
u	u
n	t
i	r
ã	o
o	,
d	t
o	d
v	o
e	v
g	e
e	t
t	e
a	m
l	u
,	m
q	p
u	o
e	r
t	q
r	u
a	e
z	,
u	u
m	m
a	n
n	ã
e	o
n	

e	p
r	o
g	d
i	e
a	f
d	d
e	i
h	c
a	a
r	r
m	d
e	m
n	e
r	r
i	u
a	b
p	a
a	p
r	n
a	d
s	o
m	s
i	m
m	,
,	f
a	u
q	a
u	d
i	a
t	m
o	e
d	n
o	t
,	o
s	,
s	s
n	ó
o	s
s	p
r	o
s	r
o	m
d	e
e	r
s	r
r	r
u	u
b	e
e	b
s	a
a	p
r	,
o	n
n	s
á	a
v	e
e	u
l	n

i	p	ã
o	e	o
o	l	o
o	o	o
q	q	u
u	u	v
e	e	e
t	t	g
e	e	e
m	m	t
a	a	a
l	l	l
n	n	n
s	s	s
,	,	ã
o	o	o
a	a	e
g	g	e
e	e	n
n	n	o
t	t	e
e	e	o
c	c	b
j	j	j
u	u	e
i	i	t
d	d	i
a	a	v
v	v	o
e	e	d
e	e	e
z	z	e
e	e	l
l	l	o
o	o	o
,	,	n
s	s	s
p	p	t
t	t	r
r	r	o
r	r	r
i	i	r
r	r	,
n	n	s
o	o	s
,	,	o
s	s	p
s	s	l
o	o	a
p	p	e
a	a	n
r	r	t
ç	ç	p
o	o	a
c	c	r
r	r	e
e	e	s
e	e	c
e	e	e

r
e
n
o
s
s
o
,
p
e
r
r
e
x
e
m
p
l
o
r
o
e
z
a
t
e
m
p
u
l
o
a
f
g
e
m
o
s
e
n
f
a
z
q
p
u
e
r
t
c
e
c
o
n
d
s
e
s
t
r
u
a
i
m
o
s
a
t
u
r
e
c
z
a
s

a	p
d	l
o	a
n	t
t	p
p	a
r	n
e	d
p	o
a	p
r	a
o	r
,	v
a	o
r	e
e	s
c	,
s	a
a	p
p	l
e	a
n	n
t	t
r	a
e	n
d	d
a	o
m	m
i	g
g	a
o	r
s	i
r	e
e	i
e	e
a	a
s	s
i	h
m	a
c	m
r	c
t	r
o	n
n	d
d	a
o	,
o	t
t	r
q	a
u	n
e	s
f	e
e	o
s	r
t	m
a	a
r	r
a	a
q	a

u	i	v
f	o	e
m	t	a
o	a	ç
s	ã	o
n	o	s
s	v	o
q	l	t
u	e	a
r	f	i
f	i	z
e	m	o
s	u	e
N	e	r
o	r	a
n	ú	c
a	c	l
e	t	e
s	l	e
l	u	e
z	p	o
d	d	e
e	r	m
o	r	i
r	e	e
i	n	l
e	t	h
e	r	o
q	a	r
u	r	a
a	n	d
a	n	d
o	i	s
c	h	e
h	e	p
e		o

g u
a a
m m
o o
s s
, ,
n a
o u
i n
i i
c c
o o
d d
o o
d d
e e
s s
t t
e e
t t
a a
l l
e e
r r
e e
n n
o o
s s
e e
r r
a a
p p
r r
e e
s s
ó ó
l l
i i
b b
a a
g g
u u
d d
e e
a a
d d
e e
a a
, ,
n n
e e
r r
a a
s s
e e
u u
m m
a a
e e
n n
á á
r r
e e
a a

d	a
e	x
p	p
l	i
a	a
n	r
t	a
a	ç
ç	ã
ã	t
o	r
r	d
d	e
e	n
s	m
m	f
f	o
o	r
r	r
a	a
n	n
g	g
o	r
d	a
e	q
f	u
r	e
r	f
u	l
t	e
a	u
s	g
,	a
e	r
v	É
e	r
r	u
d	m
u	r
r	c
a	a
s	n
,	a
e	l
h	d
o	a
r	h
t	e
a	v
l	o
i	l
ç	u
ç	ç
a	ã
s	o
q	q

eu
e
a
í
n
ã
o
t
i
n
h
a
m
u
i
t
o
d
e
g
r
a
d
a
r
a
m
é
a
n
a
t
u
r
a
l
z
a
q
u
e
c
e
r
r
a
m
d
e
f
a
z
e
r
h
o
j
e

t	n
a	a
d	l
o	e
r	o
e	s
s	q
	u
	e
	p
	a
	r
	a
	n
	o
	s
	r
	e
	f
	g
	l
	u
	i
	o
	r
	e
	s
	t
	a
	n
	o
	s
	a
	s
	f
	a
	z
	á
	r
	e
	e
	s
	t
	a
	r
	n
	e
	c
	a
	q
	u
	s
	s
	i
	.
	á
	r
	i
	a
	,
	E
	x
	i
	s
	t
	e
	,
	a
	d
	o
	u
	t
	r
	i
	n

	a p o r q u e a d o u t r i n a e u m a c u l t u r a c a i a n i n h a , a d o u t r i n a q u e
--	---

		f o i d a d a p e l o M e s t r e e o m e s t r e n ã o d a m o l e e l e m o s t r a a s c o i
--	--	--

		s
		a
		s
		,
		a
		g
		e
		n
		t
		e
		p
		a
		r
		a
		r
		e
		f
		l
		e
		t
		i
		r
		,
		g
		r
		a
		d
		u
		a
		r
		a
		m
		e
		m
		ó
		r
		i
		a
		,
		m
		e
		l
		h
		o
		r
		a
		r
		m
		i
		n
		h
		a

		c o n d u t a , o u t r a c o i s a e d a r c o n t i n u i d a d e a h i s t o r i a e e u f a ç
--	--	---

		o p a r t e d a h i s t o r i a t a m b é m
8	E m a n h m e s m e l a ç ã o p c o m a h u m a t u r i d e z a d e , e p	

a	t
r	e
a	n
U	h
D	o
V	l
é	o
i	u
m	v
p	m
o	r
r	e
t	a
a	n
t	e
e	g
	u
p	m
o	r
r	t
q	r
u	i
e	s
a	t
g	e
e	z
n	a
t	e
e	m
u	b
s	é
a	m
p	p
a	o
r	r
a	c
o	o
r	m
i	r
t	o
u	s
a	e
l	r
r	e
e	h
l	u
i	m
g	a
i	n
o	o

s	t
o	e
d	m
u	r
a	r
s	e
j	p
p	i
l	a
a	n
t	a
a	d
s	o
d	d
e	p
r	r
o	e
r	s
i	e
g	n
e	t
m	e
d	q
a	u
e	e
f	d
l	e
o	r
r	e
s	s
t	d
a	e
e	u
,	,
n	m
t	a
ã	a
o	i
f	s
a	e
z	u
p	t
a	e
r	n
t	h
e	o
d	l
o	o
u	u
a	v
g	o
e	r

n	,	a
t	e	c
e	t	h
r	e	o
,	r	u
p	,	m
l	p	u
a	l	i
n	a	t
t	a	b
a	r	o
r	e	n
e	i	t
i	m	,
p	o	e
r	t	u
a	s	a
n	t	o
t	e	u
,	a	n
m	a	i
a	i	s
s	t	a
a	a	a
i	d	e
m	p	s
p	o	r
r	t	s
â	t	e
n	c	m
c	i	a
i	a	e
d	n	t
a	s	â
s	o	o
p	r	f
r	a	i
t	i	c
i	c	o

a	m
s	e
e	x
p	e
a	n
r	d
a	p
c	o
o	m
t	o
d	a
a	x
h	t
u	o
m	a
a	n
i	m
d	i
a	n
d	g
e	l
ê	s
n	ã
o	,
é	p
s	l
ó	a
p	n
a	i
r	l
a	p
d	h
e	a
U	s
D	d
V	e
E	x
x	c
e	e
s	l
e	,
u	s
m	i
e	s
m	t
b	e
r	m
o	a
s	s
e	c
c	o

i m p l e x o s
p o r t a s
n t e q u e
p a r a c a
t u r d a s
m i n v e n t a m
u n d e n t a m
g e n t e t a l
e n c o n t r a s
e i q u e
d i s t a n g u a
p e m s o a
c

o	f
i	a
s	l
a	a
t	n
ã	o
o	s
f	s
i	a
n	e
a	s
d	s
e	e
n	a
a	s
t	s
u	u
r	n
e	t
z	o
a	e
,	m
	c
	a
	o
	m
	s
	p
	l
	i
	t
	o
	d
	a
	d
	o
	,
	h
	s
	ó
	m
	a
	q
	u
	e
	n
	i
	d
	a
	d
	e
	m
	o
	s
	s
	q
	u
	i
	p
	n
	h
	a
	r
	e
	c
	i
	d

s	a
a	b
n	d
d	a
o	n
d	a
e	n
	a
	t
á	g
u	m
,	m
	a
t	i
o	s
d	a
a	c
	i
h	ê
u	n
m	c
a	i
n	a
i	d
d	a
a	d
e	e
	i
e	s
s	t
t	a
	t
p	u
r	d
e	o
c	(
i	s
s	r
a	i
n	s
d	o
o	s
)	
d	e
e	p
	o
u	r
m	q
	u
a	e
m	a
a	n
n	h
h	o
e	m
c	

e	r	m
b	n	
o	ã	o
n	i	f
i	t	e
t	o	z
p	a	r
a	r	s
a	o	,
o	,	a
c	o	r
r	a	v
a	ç	i
ã	o	d
o		a
f	e	t
i	c	m
c	a	m
a	r	a
r	a	i
m	s	
a	c	i
i	s	ê
s	t	n
t	r	c
r	a	i
a	n	a
q	u	q
u	i	u
i	l	e
l	o	t
o		u
t	o	d
d	a	o
a		i
h	s	
u	s	
m	o	
a	,	
n	e	
i	d	n
d	a	t
d	ã	

e	o
s	t
p	r
r	a
e	b
c	a
i	l
s	h
a	a
	r
d	e
e	c
s	s
s	o
a	m
s	
s	s
	i
c	s
o	t
i	e
s	m
a	
s	a
	a
o	g
	r
i	o
m	f
p	l
o	r
r	r
t	e
a	s
n	t
t	a
e	l
	c
q	o
u	m
e	
a	a
	n
g	e
e	n
n	t
t	u
e	r
	e
t	z
e	a
m	
	e
u	
m	m
	u
r	i
i	t
t	o
u	

a	a
l	m
r	p
e	l
i	i
g	o
i	,
o	é
s	a
o	p
t	r
e	e
n	n
d	d
i	i
q	z
u	a
e	d
b	o
e	é
b	c
e	r
r	i
o	ê
n	c
c	i
h	a
á	d
e	i
q	v
u	i
e	n
é	a
m	m
e	m
u	m
s	a
m	,
a	r
r	e
e	p
p	a
l	r
i	g
g	a
i	ã
ã	o
o	g
d	e
o	n
t	e
e	s
s	a
e	p
n	

t	r
i	e
r	n
d	d
d	e
e	r
s	p
p	a
e	s
r	a
t	c
a	o
,	i
d	s
e	a
s	s
a	d
d	e
o	r
r	p
m	a
e	r
c	a
e	,
g	e
s	n
e	t
n	e
t	i
i	d
m	e
e	s
n	e
t	n
o	v
s	o
l	q
q	u
u	e
e	r
a	e
s	p
p	a
e	r
s	a
o	g
a	e
s	n
t	e
a	s
s	o
v	e
e	l
z	u

e	g
s	a
v	r
i	q
v	u
e	e
m	t
a	e
s	m
s	p
i	á
m	s
m	s
e	a
i	r
o	o
s	s
s	e
e	e
m	u
s	m
e	l
n	l
t	u
i	g
r	a
,	r
d	a
e	l
s	e
p	g
e	r
r	e
t	,
a	g
e	e
n	r
t	a
ã	l
o	m
a	e
n	t
p	e
e	s
s	u
o	m
a	l
u	g
c	a
o	r
m	e

ç	q
a	u
a	e
s	t
e	se
n	m
t	p
i	á
r	s
e	s
a	a
í	r
a	o
j	q
o	u
r	a
n	n
a	d
d	o
a	s
a	p
c	e
o	s
m	e
e	o
ç	a
a	s
p	c
a	h
r	e
a	g
a	a
p	m
o	d
d	e
e	r
r	n
s	t
a	se
b	m
e	a
r	l
e	e
g	r
r	i
c	a
a	d
a	,
q	u
u	u
m	a

J	d
e	e
s	s
u	s
p	a
a	r
r	t
,	a
e	m
e	e
s	s
s	t
a	o
c	d
u	e
l	p
t	l
u	a
r	n
a	t
c	i
a	o
i	e
n	a
i	h
n	g
h	e
a	n
o	t
s	e
e	p
n	r
s	e
i	c
n	i
a	a
m	a
e	n
n	p
t	l
o	a
s	n
d	t
e	a
r	r
J	a
e	s
s	p
u	l
p	a
s	n
,	t
e	a
d	s

e	d
n	a
t	f
r	l
o	d
d	o
i	r
s	s
s	t
o	a
t	,
i	p
p	o
o	h
t	e
e	g
m	a
m	m
o	o
s	s
c	a
u	c
m	m
p	p
r	r
i	n
m	c
e	l
n	l
t	e
o	u
d	s
a	ã
p	o
a	d
p	q
a	u
v	e
r	p
a	a
c	r
o	a
a	p
d	r
m	e
o	c
r	i
p	s
a	o
o	o
n	a
t	d
p	e
r	r
ó	ó

x i m o .	a s p l a n t a s d a f l o r e s t a , e n t ã o e s s a e a p r i m e i r a l i g a ç ã o q u e
-----------------------	---

		a g e n t e
		t e m
		c o m
		a g r o f l o r e s t a
		p o r q u e
		a g e n t e
		p l a n t a
		c o m
		a g r o f l o

		r e s t a , t e m d i v e r s a s o u t r a s a q u i n o n ú c l e o l u z d e o r i e n t e a g e n
--	--	---

		t
		e
		t
		e
		m
		u
		m
		a
		e
		c
		f
		o
		s
		a
		q
		u
		e
		u
		m
		a
		d
		a
		s
		m
		a
		i
		o
		r
		e
		s
		q
		u
		e
		u
		m
		e
		s
		p
		e
		c
		i
		a
		l
		i
		s
		t
		a
		q

		u e c o n h e c e d o a s s u n t o v i u , e l a f i c o u a s s i m q u e n ã o s a b i a n e m
--	--	---

		c o m c a l c u l a r , f o s s a d e e v a p o t r a n s p i r a ç ã o , t e m a l g u n s p l a n t
--	--	---

		i o s d e a g r o f l o r e s t a , e u c o n s i d e r o f a z e r u m a c i s t e r n a a g r o e c o
--	--	--

		l o g i c a t e m g e n t e q u e n ã o c o n s i d e r a m a i s e u s i m , f u t u r a m e n t e
--	--	--

	a g e n t e j á p l a n e j o f a z e r c a p t a ç ã o d e á g u a c h u v a ,
9	O a q u e n h e u p r o f e i o

	a	s
	s	ã
	s	o
	i	m
	m	e
	o	l
	m	i
	a	g
	i	a
	s	d
	a	a
	i	a
	m	i
	p	n
	o	a
	r	t
	t	u
	a	r
	n	e
	t	z
	e	a
	a	e
	g	a
	e	n
	t	m
	e	i
	t	n
	r	h
	a	a
	b	f
	a	o
	l	r
	h	m
	a	a
	r	ç
	o	ã
	o	o
	r	f
	e	o
	s	i
	p	j
	e	u
	i	s
	t	t
	o	a
	q	m
	e	e
	n	t
	t	e
	a	p
	g	a
	e	a

n	r
t	a
e	a
t	g
r	r
a	o
b	n
a	o
l	m
h	a
a	a
	n
	e
	i
	g
	a
	d
	a
	r
	e
	s
	a
	p
	g
	r
	e
	t
	o
	c
	o
	a
	l
	o
	g
	p
	i
	a
	r
	ó
	x
	p
	a
	m
	r
	a
	,
	p
	a
	r
	o
	d
	i
	n
	d
	u
	ç
	ã
	o
	v
	i
	d
	d
	u
	e
	a
	l
	i
	d
	i
	a
	d
	e
	n
	t
	o
	s
	,
	r
	e

s	s
p	e
e	m
i	t
t	a
a	g
r	r
o	t
t	ó
e	x
m	i
p	c
o	s
,	
d	e
e	s
c	e
a	m
d	a
f	e
a	r
u	t
m	i
v	l
i	v
o	i
c	z
è	a
t	n
t	e
r	s
q	
u	
c	q
o	í
n	m
s	i
c	c
i	o
è	s
n	
c	n
i	e
a	,
d	a
e	í
s	e
e	u
u	t
p	e
r	n
ó	h
x	o
i	

m	e
o	s
e	s
d	a
e	d
l	i
g	a
q	ç
u	ã
e	o
s	t
e	u
a	n
t	p
r	o
ó	x
p	r
r	i
o	m
f	o
i	e
s	s
i	u
m	a
a	n
a	p
p	e
c	s
s	o
o	m
a	r
d	e
e	l
f	i
r	e
r	g
e	r
n	i
s	o
a	n
t	s
e	a
O	d
q	u
e	e
v	o
a	c
c	e
n	t
p	a
a	r
a	e
s	s

m	t
i	a
m	p
i	r
s	o
s	c
o	u
r	e
e	a
n	d
o	o
m	f
a	a
i	z
s	e
r	i
m	p
p	o
r	r
t	a
a	n
n	t
e	e
o	n
n	a
a	p
p	r
r	o
o	v
v	e
e	d
d	e
e	i
i	t
t	a
a	a
m	m
o	e
n	n
d	t
e	o
o	d
d	o
s	s
o	r
r	m
m	e
e	s
s	í
í	d
d	d
d	o
o	u
u	o
o	s
s	d
d	e
e	v
v	n
n	e

'	s
d	e
o	r
s	u
	n
r	i
e	f
s	o
í	r
d	m
u	i
o	z
s	a
	d
o	o
r	g
	à
n	n
e	,
	a
c	g
o	e
s	n
	t
p	e
a	r
a	a
	q
f	u
a	i
z	t
e	e
r	m
	i
a	s
d	s
u	o
b	p
o	a
	q
p	u
a	i
	a
c	l
a	i
d	m
a	e
n	u
t	t
m	a
	r
e	m
m	o
s	s
	s

u p
a l
i n
d i
v i
d u
a l
h o
r d
a t
d a
d e
d a
e l
n g
t r
o s
d o
ú c
c l
e o
n s
j u
n t
o .
E n
t ã
o r
o t
a
q u
e c
o m
e u
p l
v a
n t
j i
o

e	d
q	u
e	h
a	r
s	t
s	a
i	l
m	i
n	ç
a	a
s	s
u	s
n	e
i	m
ã	a
o	g
a	r
g	o
e	t
n	ó
t	x
e	i
p	c
r	o
o	,
c	o
u	r
r	a
a	r
s	o
s	s
e	j
g	á
u	i
i	r
r	t
t	e
o	m
r	a
i	s
t	c
m	o
o	m
d	p
a	o
n	t
a	e
t	a
u	r
r	a
e	s

z	p
a	a
r	r
i	a
t	p
m	r
o	m
v	o
e	v
i	e
t	i
a	t
r	a
q	r
u	o
e	o
a	r
s	e
c	s
o	c
i	í
s	d
a	o
s	u
a	s
a	o
c	q
o	u
n	e
t	a
p	c
r	o
e	n
c	t
e	e
d	i
m	z
z	o
e	d
i	o
n	u
d	r
o	a
ã	n
o	t
v	e
o	n
c	o
ê	d
n	i
ã	a
o	m
d	q
t	u
i	e
a	q
m	u
q	e
u	e
e	e

i	a
n	g
t	e
e	r
r	v
v	i
i	r
,	,
v	v
o	a
c	c
ê	q
t	u
e	t
m	i
	,
q	s
u	e
e	p
p	r
o	o
b	d
s	u
e	z
r	v
v	m
a	r
r	a
e	u
	i
a	t
b	e
s	o
o	r
r	d
v	u
e	e
r	r
	o
e	r
	g
a	â
q	n
u	i
i	c
l	o
o	,
q	e
u	n
e	t
ã	o
o	
n	a

a	g
t	e
u	r
r	e
e	z
z	a
a	v
v	á
á	e
e	s
s	t
t	a
a	t
t	i
i	l
l	i
i	z
z	a
a	r
r	d
d	i
i	z
z	e
e	s
s	n
n	d
d	e
e	s
s	o
o	s
s	p
p	r
r	e
e	s
s	í
í	d
d	u
u	m
m	o
o	s
s	f
f	p
p	a
a	r
r	c
c	a
a	i
i	o
o	n
n	a
a	z
z	e
e	r
r	a
a	s
s	s
s	i
i	m
m	c
c	o
o	m
m	p
p	o
o	s
s	t
t	a
a	g
g	e
e	m
m	,
,	a

		I g u n s
		n ú c l e o s
		e s t ã o
		m a i s
		n a
		f r e n t e
		,
		o u t r o s
		e s t ã o
		c o m
		e ç a n d o
		a

		s
		q
		u
		e
		a
		g
		e
		n
		t
		e
		n
		ã
		o
		c
		o
		n
		s
		e
		g
		u
		e
		a
		c
		e
		s
		s
		a
		r
		d
		o
		i
		n
		c
		o
		n
		s
		c
		i
		e
		n
		t
		e
		d
		o
		m
		u
		n
		d
		o
		e

		s p i r i t u a l n e , m u i t a v e z e s q u a n d o e
--	--	---

		e n h o p a r a s e s s ã o , q u e e u s o z i n h a n ã o c o n s i g o m a i s q u a n d o e u
--	--	---

		b e b o o c h á m a i s l i g a d a n e , n a n a t u r e z a e n o p r ó x i m o e a í m e
--	--	--

	a j u d a a s o l u c i o n a r a l g u n s p r o b l e m a s n e , e l e s e r i a t i p o u m a p
--	--

		o r t a u m p o r t a l p a r a m i m e u v e j o d e s s a f o r m a
L I D E R 1 , F E M I N I N	e l i a s t e r e m c o n s i d	o l i a m b i t e n t e m c o n s i d

O	ç	ú
,	õ	c
6	e	l
2	s	e
A	d	o
N	e	s
O	s	e
S	s	s
,	e	t
B	u	a
E	n	t
B	r	e
E	m	d
V	a	o
E	i	t
G	s	r
E	,	a
T	s	b
A	a	h
L	b	o
À	e	s
M	p	
A	o	
I	r	
S	q	
D	u	
E	e	ú
4	o	c
0	m	l
A	e	e
N	s	s
O	t	r
S	r	e
	c	n
	o	v
	l	a
	o	c
	a	e
	n	c
	s	a
	s	n
	a	t
	o	
	p	
	a	f
	l	o
	a	i
	v	

r	f
a	e
q	i
u	t
e	o
	,
a	t
	e
U	m
n	
i	u
ã	m
o	a
é	a
	d
a	m
	i
q	n
u	i
e	s
	t
n	r
o	a
s	ç
	ã
c	o
o	s
n	ó
d	
u	z
	d
e	a
n	n
t	o
ã	v
o	a
é	e
	n
a	c
	a
u	n
n	t
i	o
ã	
o	q
	u
q	e
u	e
e	l
	v
v	a
a	s
i	
	v
n	e
o	m

s	b
c	u
o	c
n	d
d	a
u	n
z	d
i	r
r	i
e	s
s	p
p	a
a	r
r	d
a	e
i	a
s	i
s	p
o	p
p	r
a	e
r	x
a	e
t	m
e	p
r	l
m	o
o	s
s	e
u	s
n	a
i	a
ã	p
o	a
r	r
n	t
o	e
s	d
p	o
r	s
e	c
c	c
i	o
s	p
a	o
m	s
o	s
s	q
b	u
e	e
b	n
e	o

r	s
o	e
c	s
t	t
h	a
á	m
p	o
a	s
r	f
a	a
n	z
o	e
s	n
t	d
r	o
,	
a	
n	c
s	a
m	d
i	a
t	i
t	u
r	m
e	t
s	e
s	m
a	s
l	e
u	u
z	
,	c
p	p
a	o
r	a
a	p
p	a
a	r
n	a
o	s
s	e
t	v
r	i
a	t
n	a
s	r
m	o
i	s
t	i
r	d
o	e
r	s
	c

i	a
e	r
n	t
t	á
a	v
ç	e
ã	i
o	s
	p
	a
	r
	a
	e
	n
,	ã
	o
	t
	e
	n
	h
	r
	o
	q
	u
	m
	e
	a
	j
	o
	g
	a
	r
	ç
	ã
	o
	s
	s
	m
	o
	u
	n
	i
	t
	a
	o
	n
	g
	a
	r
	t
	a
	u
	r
	d
	e
	z
	a
	n
	o
	p
	s
	s
	r
	a
	q
	u
	e
	e
	o
	a
	q
	g
	u

e	n
a	t
g	n
e	ã
n	o
t	e
e	s
t	a
e	b
m	e
d	q
e	u
m	a
t	n
e	t
l	o
h	s
o	a
r	n
n	o
a	s
v	v
i	a
d	i
a	t
a	e
r	r
q	a
u	q
e	u
n	e
a	n
t	a
u	p
r	a
r	s
e	s
s	a
a	r
r	a
a	p
t	a
é	r
n	a
o	s
s	a
b	b
m	s
e	o
s	r
m	v
o	e
s	r
s	e
o	n

m	t
o	ã
s	o
d	t
a	á
n	h
a	a
t	v
u	e
r	n
e	d
z	o
a	u
s	m
e	m
m	t
a	r
n	a
a	b
t	a
u	l
r	h
e	o
z	d
a	a
n	n
ã	o
v	a
e	e
x	n
i	c
s	a
t	n
e	t
n	o
e	d
n	o
h	u
u	l
m	i
s	x
e	o
r	d
v	o
i	l
v	i
o	x
n	o
a	o

t	r
e	g
r	â
r	n
a	i
c	a
o	c
p	o
a	r
r	a
n	ã
m	o
i	m
m	o
e	r
g	g
â	â
u	n
n	i
a	c
i	o
m	e
p	s
o	t
r	a
t	h
â	a
n	v
c	e
i	n
a	d
m	o
u	m
i	u
t	m
o	t
g	r
r	a
a	b
n	a
d	h
e	o
e	s
s	e
a	m
l	t
i	o
g	d
a	o
ç	u
ã	n
o	i
	ã

c	o	m	,	a	d	e	i	m	s	p	o	r	t	â	n	c	i	a	i	m	p	p	o	r	r	a	m	i	m	é	m	u	i	t	o	g	r	a	n	d	e	m	u	i	t	o	g	r	a	n	d	e	m	e	s	m	o
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

		p o r q u e e u h o j e e s t o u c o m 6 2 a n o s d e a q u i m a i s u n s a n o s e u j á
--	--	---

		v o u e s t a r m a i s b e l i n h a p e r o e s t ã o m e u f i l h o s m e u n e t o s p o d e r
--	--	--

		á
		t
		e
		r
		m
		e
		u
		s
		b
		i
		s
		n
		e
		t
		o
		s
		q
		u
		e
		v
		ã
		o
		u
		s
		u
		f
		r
		u
		i
		r
		o
		q
		u
		e
		a
		g
		e
		n
		t
		e
		a
		i
		n
		d
		a
		t
		e

		m de bom da natureza.
L I D E R 2 , M A S C R U L I N O , 6 2 A N O S , B E B E V E G E T	e n t ã o m i n h a c r e u l i a ç ã o c o m a v e n t u r a s e g u i n	ch á ho ma s c a é u m ch á c o m a v e n t u r a s e g u i n

A	a	n
L	s	t
À	c	a
	i	s
2	d	s
1	e	a
A	n	g
N	t	r
O	r	a
S	o	d
	d	a
	e	s
	l	o
	a	m
	p	a
	o	r
	r	i
	e	r
	x	e
	e	m
	p	a
	l	c
	o	h
	v	a
	o	r
	c	o
	ê	n
	a	a
	v	o
	ê	n
	o	d
	e	e
	s	a
	p	a
	a	g
	ç	e
	o	n
	t	e
	q	u
	e	c
	o	z
	e	i
	u	n
	t	h
	e	a
	n	o
	h	o
	o	m
	a	a

q	r
u	i
t	j
e	u
m	n
t	t
5	o
0	c
0	o
0	m
m	a
e	t
t	r
r	c
s	h
d	s
e	a
n	c
a	r
t	e
u	r
r	e
e	í
z	a
a	a
p	g
r	e
e	n
s	t
e	e
r	r
v	p
a	r
d	e
a	p
p	a
a	s
s	s
a	s
s	e
u	m
m	a
a	c
g	h
u	á
a	g
s	e
s	s
q	e
u	

e	é
v	o
e	m
m	c
d	h
e	á
l	h
á	o
d	a
e	s
e	c
e	a
e	,
n	p
c	a
i	r
m	a
a	m
e	i
n	m
t	o
ã	l
o	h
m	a
i	é
n	a
h	a
a	r
r	r
e	a
l	z
a	ã
ç	o
ã	d
o	e
c	e
o	m
a	e
n	s
a	t
t	a
u	r
r	n
e	a
z	a
a	U
s	D
e	V
m	p

p	o
r	r
e	q
f	u
o	e
i	é
m	u
u	m
i	t
t	c
o	h
á	á
p	q
r	u
ó	e
x	i
i	m
a	a
b	r
r	e
U	a
m	s
g	m
a	i
n	n
h	h
o	a
d	c
e	o
n	n
s	s
u	m
a	a
i	é
v	n
i	c
d	i
a	a
m	T
a	e
i	m
s	s
s	u
a	m
u	d
d	t
á	e
v	m
e	p
l	o
u	q

m	u
g	e
a	a
n	s
h	o
p	p
e	e
d	s
e	s
u	o
m	a
a	s
v	a
i	d
d	a
a	U
m	D
a	V
v	a
i	v
s	e
c	m
p	r
o	c
m	p
p	c
a	u
r	r
r	a
t	n
i	d
l	h
h	o
a	d
d	t
a	r
c	a
o	b
m	a
h	h
o	a
s	r
o	c
u	o
t	m
r	o
o	a
s	g
e	r
m	e
e	f
s	l
s	o
e	r
e	s

s	t
s	a
s	e
s	u
t	a
e	m
a	a
a	n
g	d
r	a
o	g
f	r
l	o
o	r
r	e
e	s
s	t
t	a
a	d
i	o
s	m
t	u
e	i
m	t
o	p
p	e
b	s
s	e
s	m
o	a
a	c
s	o
q	m
u	o
e	é
p	e
l	s
a	e
n	t
t	a
a	s
m	i
a	s
l	t
i	e
m	m
e	a
n	m
t	a
a	i
ç	s
ã	h
o	

d	f
e	l
	o
	c
	r
	e
	s
	t
	a
	r
	,
	q
	u
	e
	i
	d
	a
	r
	d
	e
	m
	d
	o
	t
	r
	a
	e
	z
	i
	o
	r
	a
	m
	b
	e
	n
	e
	n
	f
	i
	c
	i
	e
	t
	r
	a
	e
	m
	f
	l
	é
	o
	m
	r
	e
	p
	s
	a
	t
	a
	r
	a
	r
	a
	p
	o
	r
	q
	u
	e
	s
	s
	e
	o
	é
	a
	s
	d
	e

e	f
u	u
a	n
c	d
h	a
o	m
u	e
q	n
u	t
e	a
e	l
e	i
e	m
u	p
p	o
r	t
f	â
a	n
l	e
i	c
i	q
q	a
u	q
a	u
n	d
d	e
o	n
e	o
u	s
d	t
i	e
s	n
s	h
e	a
a	m
i	a
m	s
p	i
o	f
r	p
t	l
â	o
n	r
c	e
i	s
a	t
p	a
d	p
e	o
c	r
u	q
l	u
t	e
i	s

v	a
a	s
r	
e	p
p	l
l	a
a	n
n	t
t	a
a	s
r	a
	g
n	r
o	a
s	d
s	a
a	s
s	
	e
p	p
l	a
a	s
n	
t	s
a	ã
s	o
s	n
a	a
g	t
r	r
a	v
d	a
a	s
s	
	d
e	a
s	
s	r
e	e
	g
é	i
	ã
o	o
b	d
j	e
e	
t	a
i	m
v	o
o	a
	z
m	o
a	n
i	a
o	s
r	
	d

a	e
g	t
e	o
n	d
d	a
t	r
e	e
e	s
s	t
t	a
a	ã
f	o
a	a
z	m
e	a
n	z
d	õ
o	n
u	i
m	c
a	a
t	u
r	n
a	s
b	a
a	m
l	a
h	i
i	s
o	s
d	u
e	n
s	s
r	e
e	m
f	e
l	n
o	o
r	s
e	s
s	m
t	a
a	i
r	s
d	t
e	o
e	d
c	a
o	r
r	e
l	g
o	g
g	i
i	ã
a	o

e	a
e	m
x	a
a	z
t	ô
a	n
m	i
e	c
n	a
t	é
e	a
a	o
i	n
m	d
p	e
o	f
r	o
t	i
â	s
n	e
c	m
i	i
a	n
d	d
e	a
s	e
a	s
e	s
g	a
e	s
n	t
t	e
e	p
r	l
a	t
t	e
r	n
a	t
u	a
s	s
m	a
a	m
m	g
b	r
i	a
e	d
n	a
t	s
e	e
o	n
n	t
d	ã
e	o
a	n

g	o
e	s
n	p
t	r
e	r
e	c
p	i
o	s
s	a
s	m
a	s
t	r
r	e
e	s
s	r
s	r
a	v
s	a
r	r
p	a
l	s
a	n
t	f
a	l
s	o
r	r
s	e
a	s
g	t
r	a
a	s
d	a
p	r
s	e
v	c
e	i
m	s
a	m
d	e
e	n
t	r
r	e
o	f
d	l
o	r
r	r
D	e
N	s
A	t
a	r
d	r
e	

l	p
a	a
s	a
b	a
e	m
m	g
f	e
o	n
r	t
t	e
a	p
l	o
e	d
c	e
i	r
d	a
a	s
s	t
t	e
p	r
a	n
r	o
a	s
q	s
u	a
e	s
a	p
l	l
g	a
e	n
n	t
t	e
e	s
p	s
o	a
s	g
s	r
a	a
t	d
e	a
r	s
u	e
m	n
ã	t
c	ã
h	o
ã	o
t	i
r	n
a	v
g	e
a	s

t	t
o	i
d	e
a	n
s	t
a	o
q	a
u	d
e	a
l	U
a	D
s	V
c	e
o	a
i	s
s	a
a	c
s	o
q	n
u	s
e	c
e	i
n	ê
u	n
c	c
i	i
a	a
j	q
á	u
f	e
a	a
l	i
e	U
i	D
E	V
l	a
a	v
v	e
e	m
é	m
f	d
u	i
n	s
d	s
a	e
m	m
e	n
n	n
t	a
a	n
l	d
p	o
a	p
r	r

a	a
e	z
u	e
s	n
a	d
b	s
e	a
r	p
d	a
e	r
q	a
u	d
a	n
d	i
o	s
e	c
x	í
i	p
s	u
t	l
e	s
a	d
n	a
c	a
e	n
c	c
s	e
s	r
r	v
i	d
d	a
a	ç
d	ã
e	o
d	d
e	a
s	n
e	a
t	t
r	u
r	r
a	e
z	z
e	a
r	r
é	é
p	p
a	a
r	r
a	a
t	t

t	e	r	r	a	u	m	a	r	e	p	r	e	g	i	ã	r	o	v	a	ç	ã	o	v	e	m	a	t	a	c	u	r	e	d	a	n	d	o	a	c	u	i	p	e	s	s	o	a	q	u	e	p	a	r	o	s	a	t	e	m	c	o	s	i	s	q
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

a	u
s	e
d	t
e	r
D	e
c	o
u	m
s	m
é	a
m	n
u	a
i	t
t	u
o	r
r	e
i	z
m	a
p	p
o	r
r	t
a	q
n	u
t	e
E	é
l	e
e	d
é	a
n	a
v	t
e	r
r	u
d	r
a	d
e	z
e	a
i	r
o	q
e	u
e	e
l	v
e	e
m	m
f	e
a	s
a	s
a	a
d	p
o	i
s	a
e	n

n	t	a
t	i	s
m	e	s
e	n	a
n	t	g
t	o	r
a	d	a
d	e	a
e	l	s
e	e	n
d	e	t
n	ã	o
t	r	o
r	o	p
o	d	e
d	e	c
e	u	s
s	a	m
a	m	o
v	s	
e	r	t
r	d	e
d	a	r
a	d	e
e	u	m
e	l	a
e	m	b
t	e	i
m	e	n
t	q	e
q	u	e
e	p	r
s	o	p
e	r	i
r	c	i
u	m	o
b	p	a
o	m	r
a	p	a

a	q
i	u
e	e
l	a
e	g
t	e
e	n
m	t
e	e
q	p
u	o
e	s
d	s
a	a
r	p
	e
	l
	x
	e
	n
	m
	t
	p
	a
	r
	o
	e
	s
	s
	a
	s
	t
	e
	m
	r
	v
	o
	q
	u
	r
	e
	s
	t
	e
	r
	u
	m
	a
	v
	p
	i
	s
	r
	a
	ã
	t
	o
	i
	c
	m
	a
	u
	i
	d
	e
	t
	o
	v
	s
	i

d	a	p
s	s	i
u	a	f
d	u	i
á	d	c
v	á	a
e	v	d
l	e	a
e	l	q
e	e	u
t	e	e
m	t	u
q	m	e
u	q	s
e	u	t
f	e	o
a	f	u
l	a	d
a	a	a
r	r	n
a	a	d
s	r	o
c	a	p
o	s	a
i	c	r
s	a	a
s	v	c
e	s	c
p	e	ê
r	p	m
a	r	a
t	i	s
i	c	e
c	a	s
a	r	s
e	a	a
l	e	e
e	a	a
t	e	i
m	m	m
q	p	o

u	r
e	t
s	â
e	n
r	c
i	r
a	e
e	d
f	u
u	n
c	d
a	d
a	m
d	e
o	n
m	c
e	o
t	m
a	l
a	p
s	o
r	r
p	q
e	u
s	e
s	o
n	a
a	s
s	e
t	e
e	m
l	e
m	o
t	s
e	m
p	l
l	q
q	a
u	n
e	t
a	s
s	e
r	s
a	u
u	g
m	r
a	a
d	p
p	a
e	s
s	q
s	u
o	e
a	f
f	s
r	ó
a	

t	v
e	i
r	n
n	e
a	,
e	e
l	m
e	f
t	l
e	o
m	r
q	e
u	s
t	t
e	a
s	a
e	r
r	g
u	e
m	n
a	t
e	e
p	t
e	e
s	m
s	o
o	a
a	U
q	D
u	V
e	v
p	e
r	m
a	d
t	i
i	f
c	u
a	n
o	d
b	i
e	n
m	d
e	m
e	e
l	n
e	t
t	r
e	e
m	o
q	s

u	n
e	ú
s	c
s	l
e	e
r	o
u	e
m	a
a	s
p	r
e	e
s	g
s	i
o	ã
a	o
p	r
r	e
e	u
o	e
c	e
u	p
p	x
a	i
d	s
a	t
e	e
c	m
o	m
d	e
a	n
n	t
a	r
t	o
n	a
t	d
u	r
r	a
e	z
a	a
	U
	D
	V
	q
	u
	e
	c
	a
	d
	a
	n
	ú
	c
	l
	e
	o

		t e m q u e t e r a s u a s u s t e n t a b i l i d a d e c o m a s p l a n t a s s a g r a d a s
--	--	---

		m a r r i r i e a c h a c r o n a e n t ã o c a d a n ú c l e o t e m q u e p l a n t a r p e l o m e
--	--	---

		n
		o
		s
		t
		r
		ê
		s
		m
		a
		r
		r
		i
		p
		o
		r
		s
		ó
		c
		i
		o
		q
		u
		e
		e
		l
		a
		t
		e
		m
		e
		p
		a
		r
		a
		f
		a
		z
		e
		r
		i
		s
		s
		o
		n
		o
		s
		p

		r e c i s a m o s d e f l o r e s t a n o s p r e c i s a m o s d e a r v o r e d e u m a m b i e n t
--	--	---

		e
		b
		e
		m
		t
		r
		a
		t
		a
		d
		o
		b
		e
		m
		c
		o
		n
		s
		e
		r
		v
		a
		d
		o
		p
		r
		e
		c
		i
		s
		a
		m
		o
		s
		d
		e
		a
		g
		u
		a
		p
		a
		r
		a
		p
		o
		d
		e
		r
		p

		l a n t a r p a r a p o d e r e n t ã o a U D V v e m f a z e n d o r e f l o r e s t a m e n t o e m
--	--	---

		m
		u
		i
		t
		o
		l
		u
		g
		a
		r
		e
		s
		n
		a
		m
		a
		i
		o
		r
		i
		a
		d
		o
		s
		l
		u
		g
		a
		r
		e
		s
		q
		u
		e
		e
		l
		a
		t
		e
		m
		n
		ú
		c
		l
		e
		o
		e
		n
		t

		ã o t e m o s m a i s m o d e r n o s p e n s a m e n t o s q u e e x i s t e a o r e s p e i t o d
--	--	--

		e e c o l o g i a a o r e s p e i t o d e p r e s e r v a ç ã o d o m e i o a m b i e n t e a U D V
--	--	--

		e s t a l á n o t o p o t e m g r a n d e s e s t u d i o s s o s d e n t r o d e s t e t r a b a l h
--	--	---

		o d e s e n v o l v e n d o t r a b a l h o s f i n í s s i m o s e d e a l t o n í v e l d e t e c n o
--	--	--

		l o g i a d e p o n t a d e s s e s i s t e m a s a g r o f l o r e s t a i s q u e a g e n t e v e m
--	--	---

	f a z e n d o · A t u a l m e n t e d e n o s s a p r e f e r e n c i a t e m o s p o u c o s n ú c l e
--	--

		a n s ã o d a s c i d a d e s m a i s n o s s e m p r e p r o c u r a m o s t e r n ú c l e o s e m
--	--	--

		l u g a r e s d e á r e a r u r a l p o r q u e n o s p r e c i s a m o s t r a b a l h a r c o m n o s
--	--	--

		s a c o n c e n t r a ç ã o m e n t a l e n ã o p r e c i s a t e r t a n t o b a r u l h o e n t ã o
--	--	---

	a
	g
	e
	n
	t
	e
	p
	r
	e
	c
	i
	s
	a
	d
	e
	e
	s
	t
	a
	r
	n
	o
	l
	u
	g
	a
	r
	m
	a
	i
	s
	s
	i
	l
	e
	n
	c
	i
	o
	s
	o
	m
	a
	i
	s
	c
	a
	l
	m
	o

		m a i s p e r t o d a n a t u r e z a o n d e a g e n t e p o s s a t e r e s s a c o n v i v ê n
--	--	---

		a s s ã o e m á r e a s r u r a i s a e x c e t u a n d o a s q u e f a l e i p o r e x e m p l o
--	--	---

		o n ú c l e o q u e e u f r e q u e n t o o l u z d o o r i e n t e e s t a m o s c o m u m e s
--	--	--

		p a ç o
		d e
		4
		m e t r o s
		f a z e n d o
		r e f l o r e s t a m e n t o
		p o r q u e
		p r e c i s a m o s
		q

		u e q u e d e u m a f l o r e s t a c o m o e m a m a z o n a s p r e c i s a m o s d e a r v o r e s
--	--	---

		d e a g u a m u i t o m a t e r i a l o r g â n i c o n o s o l o p a r a q u e a g e n t e p o s
--	--	---

		s a p l a n t a r e s s a s a r v o r e s p o r q u e c o m o é a r e g i ã o a m a z ô n i c a l á
--	--	--

L	o	A
I	c	s
D	o	e
E	n	n
R	v	s
3	i	a
,	v	ç
M	i	ã
A	o	o
S	S	e
C	n	d
U	t	e
L	r	r
I	e	i
N	r	m
O	a	a
,	s	n
4	p	d
2	e	e
A	s	e
N	s	d
O	a	e
S	s	e
,	e	u
B	n	i
E	ã	o
B	m	e
E	a	c
V	c	u
E	o	c
G	i	s
E	a	n
T	s	a
A	s	i
L	l	m
À	p	o
1	r	o
0	t	a
A	u	m
N	a	r
O	e	p
S	r	e
	l	i
	g	u
	q	u
	e	ã
	o	o

e	p
o	o
r	r
p	d
r	i
i	n
n	c
c	i
i	p
p	a
a	s
s	p
p	e
e	t
t	a
a	s
s	p
p	s
s	e
e	c
c	t
t	o
o	r
r	q
q	u
u	e
e	p
p	a
a	r
r	a
a	u
u	m
m	v
v	i
i	t
t	e
e	m
m	r
r	a
a	e
e	m
m	p
p	o
o	s
s	i
i	r
r	m
m	a
a	b
b	n
n	d
d	i
i	d
d	a
a	d
d	e
e	d
d	e
e	q
q	u
u	e
e	d
d	e
e	n
n	e
e	c
c	s
s	o
o	n
n	v
v	i
i	v
v	e
e	r
r	a
a	r
r	b

a	c
l	o
h	m
o	s
s	a
s	s
q	u
u	e
e	p
a	e
s	s
o	s
g	a
e	n
n	t
t	e
e	f
j	a
u	z
n	e
t	r
a	j
ç	u
v	r
a	a
r	s
i	d
a	e
s	a
p	m
e	i
s	z
s	a
o	d
a	e
s	d
e	e
q	i
u	r
e	m
a	a
n	d
d	a
g	d
e	e
n	t
t	e
e	e
v	e
ê	s
a	t
r	a
d	r
i	o

f	u
e	v
r	i
e	n
n	d
d	o
o	e
ç	n
a	s
	i
	p
	e
	n
	s
	a
	q
	u
	e
	n
	t
	m
	e
	v
	l
	i
	g
	a
	m
	f
	o
	r
	m
	d
	a
	e
	u
	s
	d
	e
	c
	o
	m
	h
	a
	u
	m
	e
	x
	t
	r
	s
	t
	a
	t
	e
	v
	a
	r
	i
	o
	r
	i
	a
	s
	t
	r
	o
	p
	e
	s
	p
	s
	o
	s

r	o
q	a
u	s
e	q
a	u
	e
g	f
e	a
n	z
t	e
e	m
e	a
x	t
i	i
s	v
t	e
e	d
s	a
i	d
t	e
u	a
a	p
ç	o
õ	r
e	e
s	s
e	x
a	e
s	m
s	p
i	l
m	o
v	e
e	x
m	i
i	s
n	t
t	e
e	u
r	m
e	s
s	s
s	e
a	r
n	i
t	n
e	g
s	o
q	u
u	n
e	a
a	f
s	l

v	r
e	e
z	s
e	t
s	a
a	a
g	m
e	a
n	z
t	ô
e	n
p	i
o	c
d	a
e	p
t	o
e	d
r	e
n	r
a	e
U	r
D	e
V	s
e	p
e	o
u	n
b	s
i	a
l	b
i	i
d	l
a	i
d	d
e	a
a	d
c	e
o	a
n	U
t	D
e	V
c	e
e	r
r	e
n	x
a	i
p	s
r	t
a	e
t	p
i	e
s	s

c	s
a	o
p	a
e	s
s	q
s	u
o	e
a	e
s	s
c	t
o	ã
m	o
n	c
í	o
v	m
e	p
l	r
d	a
e	n
e	d
s	o
t	á
u	r
d	e
o	s
b	d
a	e
i	f
x	l
o	o
c	r
o	e
m	s
n	t
í	a
v	m
e	n
l	t
d	o
e	s
e	ã
s	o
t	e
u	s
d	o
o	p
d	r
e	i
	n
	c

p	i
r	p
i	a
m	i
e	s
i	r
r	q
o	u
u	e
g	U
r	D
a	V
u	
d	r
e	e
e	l
p	p
e	c
s	i
s	s
o	n
a	a
s	d
a	a
q	u
u	e
e	s
n	n
ã	o
o	i
t	e
i	d
v	a
e	d
r	e
a	e
m	m
o	o
u	m
m	a
a	i
c	c
o	a
n	d
d	m
i	b
ç	i
ã	e
o	n
t	t
d	e
e	v
t	e
e	j
r	o

u	m
m	i
e	t
s	a
t	s
u	d
d	a
o	ç
o	õ
d	e
e	s
e	r
s	e
c	l
o	a
a	i
n	o
a	n
d	a
c	a
i	s
d	a
a	a
d	e
e	i
s	s
e	o
n	a
a	,
U	f
D	e
V	r
i	r
t	a
e	s
r	d
r	e
e	s
s	p
p	e
o	n
n	e
s	n
a	t
b	e
i	s
i	,
d	i
a	p
d	a
e	n

s t
d e , i o
u c
m o m
t r e
a s
b a s
a l h o p
e s e s
o r a
g s
a n v
i o l
z a t
a d a
u m p
t r a
a b á
a l r
h e o
q d
e m m
v i o
i a m
a b
t e i
n d n
e t e
a s
q e

u	e	p
l	e	r
e		e
	p	t
	e	e
	d	m
	i	
	d	a
	o	t
	a	i
	c	v
	e	i
	i	d
	t	a
	a	r
		d
	a	e
	q	
	u	e
	e	n
	l	s
	e	i
		n
	c	a
	o	r
	m	
	a	p
	n	r
	d	e
	o	s
	e	r
	v	v
	a	a
	i	ç
		ã
	f	o
	a	
	z	a
	e	
	r	á
		g
	a	u
	q	a
	u	
	i	c
	l	u
	o	i
		d
	q	a
	u	d
	e	o
	e	c
	s	o

t	a	m
p	a	
e	s	
d	c	
i	o	
n	i	
d	s	
o	a	
e	s	
u	d	
m	a	
j	n	
u	a	
i	t	
z	r	
f	e	
d	a	
e	n	
r	e	
a	s	
l	s	
e	a	
u	p	
m	a	
a	r	
t	e	
p	d	
e	a	
s	s	
o	s	
a	o	
q	c	
u	i	
e	e	
t	d	
e	e	
m	e	
u	u	
m	a	
a	v	
p	e	
ó	j	
s	o	
-	q	
g	u	
r	e	

a	u
d	n
u	i
a	ã
ç	o
ã	t
o	e
	m
	m
d	o
o	u
u	i
t	t
o	a
r	s
a	a
d	t
o	i
	v
e	n
n	t
ã	d
o	a
	d
n	e
,	s
e	b
s	e
s	n
a	e
	f
h	o
o	r
r	a
a	ê
c	n
a	c
i	a
	g
g	e
e	n
n	c
t	o
e	m
	o
v	p
ê	o
q	r
u	e
e	x
a	e
	m
g	p
e	l
n	o
t	
e	l

p	u
o	z
d	d
e	o
t	s
e	a
r	b
u	e
m	r
m	a
o	l
m	f
e	m
n	a
t	b
o	e
a	t
g	i
e	z
n	a
t	r
e	p
s	e
p	s
e	s
r	o
c	p
e	a
b	s
e	e
q	f
u	e
t	q
e	u
t	t
o	o
d	m
o	t
s	r
s	a
o	b
m	a
l	m
h	l
o	h
s	o
i	c
r	o
m	m
ã	p
o	e
q	s

u	s
e	o
e	a
	s
	o
	f
	o
	q
	r
	u
	a
	e
	d
	a
	J
	e
	s
	u
	n
	i
	s
	ã
	n
	o
	s
	q
	u
	e
	e
	n
	s
	e
	r
	a
	p
	a
	q
	u
	r
	a
	e
	t
	e
	n
	s
	o
	i
	n
	s
	a
	r
	s
	o
	m
	a
	s
	s
	p
	e
	r
	s
	s
	o
	ã
	o
	a
	s
	o
	a
	m
	e
	l
	s
	t
	r
	e
	e
	G
	e

a	s
b	c
r	r
i	e
e	v
l	e
t	r
a	e
m	t
b	r
é	a
m	b
e	a
n	l
t	h
ã	o
o	r
n	e
e	l
s	a
s	c
a	i
h	o
o	n
r	a
a	d
a	o
s	s
a	a
g	m
e	e
n	t
t	i
e	o
v	a
ê	m
q	b
u	i
e	e
n	n
t	t
p	e
e	s
s	u
o	a
v	v
a	s
s	e
j	j
c	c
o	o
n	p
d	r
i	i
ç	n

ã o p c
d e l e p a
o r s e d e
g a n d o
n i z a i s
r a s a
o s p e
t r a t o
b a l h A
h o p r e
s e s e
c n c
o m i a
e s d
s e a
t r a t
a b r e
a l z a
h o q
e u e
c a
o n u n
j u i
n t o ã
t o o

a	s
i	e
u	p
m	r
e	e
f	t
a	e
z	m
d	n
e	a
u	t
m	u
j	r
e	e
i	z
t	a
o	e
a	n
i	t
u	ã
m	o
f	a
a	g
z	e
d	n
o	t
o	e
u	d
t	o
r	d
o	e
b	r
s	e
e	n
n	r
t	v
ã	a
o	r
e	c
c	o
o	s
m	a
o	q
s	u
e	e
f	e
o	m

s	a
s	s
e	g
u	m
a	r
a	a
f	n
a	d
m	e
i	s
l	c
i	i
a	d
d	a
d	d
e	e
s	s
d	a
e	a
a	g
f	e
a	n
m	t
i	m
l	e
i	n
a	ã
o	o
q	o
u	b
e	s
e	e
a	r
r	v
g	a
e	g
n	a
t	p
e	õ
r	r
d	e
e	s
s	o
o	s
l	o
v	l
e	n
a	a
s	s
c	c
e	e
r	r
d	i
i	f
f	e
e	r
r	o

e	s
n	o
ç	l
a	u
s	a
t	a
o	c
d	h
a	e
s	i
a	a
s	a
s	s
f	a
a	m
r	v
í	o
l	r
i	e
a	s
s	s
t	o
e	s
m	p
a	a
s	s
a	s
s	a
r	d
d	i
i	n
f	h
e	o
r	s
e	n
n	e
ç	n
a	t
s	ã
n	o
e	e
m	s
s	s
a	a
s	e
e	m
p	f
r	o
e	t
c	o
o	p
n	a
c	r
a	a
o	

r	m
d	a
a	m
m	r
u	r
m	p
p	r
c	e
o	s
m	e
n	t
o	t
u	a
t	r
r	i
o	s
s	o
e	n
t	a
ã	í
o	
i	U
s	n
s	ã
o	o
f	a
a	d
c	i
i	s
l	p
i	o
t	s
a	i
s	Ç
i	ã
	o
n	E
ã	s
o	s
f	e
o	a
s	q
s	u
e	e
e	u
s	s
s	v
e	e
t	j
r	o
a	u
b	m

a	t
l	r
h	a
o	b
a	a
g	l
e	h
n	o
t	d
e	e
p	p
d	c
e	n
r	t
i	r
a	a
p	t
o	c
r	o
e	m
x	a
e	n
m	a
p	p
l	t
o	u
r	r
e	e
c	c
o	z
n	a
t	c
r	o
a	n
t	q
a	u
r	e
t	a
u	a
d	r
o	U
p	D
c	V
h	p
e	r
g	o
a	p
r	o
a	g
q	r
u	a
i	c
	i
	a

e	g
e	e
s	n
t	t
a	a
r	r
	q
	t
	u
	i
	p
	e
	s
	s
	o
	r
	g
	a
	s
	n
	i
	q
	u
	a
	e
	d
	o
	n
	e
	c
	n
	h
	h
	e
	u
	g
	m
	a
	r
	m
	o
	m
	s
	ó
	e
	n
	p
	t
	a
	r
	a
	n
	a
	h
	o
	v
	r
	i
	d
	a
	d
	a
	p
	l
	s
	a
	n
	s
	e
	s
	t
	a
	r
	ã
	r
	o
	a
	m
	e
	u
	m
	b
	e
	a
	b
	e
	a

r	r
o	v
c	o
h	r
á	e
e	o
t	e
i	t
v	a
a	s
s	r
i	a
s	m
t	i
i	u
r	m
a	t
s	r
e	a
s	b
s	a
ã	h
o	o
e	c
c	o
o	m
n	p
t	i
r	a
a	n
t	t
a	a
r	s
o	n
u	a
t	t
r	u
a	r
s	e
p	z
e	p
s	a
s	q
o	u
a	i
s	v
p	a
a	p
r	e
a	g
	a

f	n
a	d
z	o
r	a
,	t
p	pe
r	ra
q	qu
u	en
e	t
a	ã
g	o
e	pr
n	om
t	o
e	ve
q	e
u	e
e	para
f	za
a	ale
z	is
a	im
l	po
i	pe
m	ca
p	on
e	da
z	at
a	to
o	bo
d	nda
t	has
a	ir
n	ro
d	es
o	so
s	as
a	as
s	co
c	de
o	n
i	
s	

a	t
s	r
,	o
c	d
o	e
m	s
i	i
d	d
a	a
l	t
a	r
n	a
c	b
h	a
e	h
,	o
o	c
r	o
g	m
a	u
n	n
i	i
t	t
z	á
a	r
ç	i
ã	o
o	o
d	d
o	c
j	o
a	n
r	t
d	a
i	t
m	o
,	d
p	a
a	s
n	p
t	e
i	s
o	s
,	o
a	a
g	c
e	o
n	m
t	a
e	n
p	a

o	t
d	u
e	r
r	e
i	z
a	a
	c
	d
	i
	r
	t
	r
	a
	t
	a
	m
	e
	n
	t
	p
	e
	s
	p
	l
	a
	n
	s
	t
	a
	p
	s
	p
	a
	g
	e
	r
	e
	s
	e
	f
	a
	a
	z
	q
	u
	r
	i
	t
	t
	a
	m
	d
	b
	o
	é
	m
	i
	s
	u
	m
	s
	o
	,
	t
	r
	a
	b
	a
	i
	s
	h
	s
	e
	d
	e
	n
	ã

o	n
f	a
i	t
z	r
e	e
s	s
s	a
e	d
e	e
s	s
s	p
e	r
s	e
t	s
r	e
a	r
b	r
a	v
ç	a
ã	ç
h	ã
o	h
s	o
n	s
ã	d
o	a
t	n
e	ã
r	o
i	t
a	u
a	r
a	e
d	a
e	d
c	e
o	c
n	o
v	p
i	l
v	a
ê	n
n	t
c	i
i	d
a	e
q	a
u	r
e	v
e	o
r	r
e	e
u	m
m	c
a	o
i	i

c	s
o	a
i	q
s	a
a	u
q	e
u	a
e	g
e	e
a	n
t	t
e	e
m	f
a	a
i	s
s	z
i	d
m	m
p	n
o	t
r	r
t	o
a	d
n	e
d	a
e	q
t	u
e	e
d	t
o	r
t	e
r	a
a	b
b	t
a	r
l	a
h	b
o	a
a	l
l	h
d	o
o	o
m	q
e	u
s	e
t	r
r	e
e	u
G	f
a	a
b	l
r	e
i	i
e	c
l	o
	m

q	u	n	i	t
e	n	á	r	i
n	a	r	i	c
a	r	i	c	o
c	o	n	d	e
v	i	v	i	r
v	ê	n	c	a
n	c	i	a	n
a	d	a	d	a
q	u	e	e	a
a	a	g	e	n
g	e	n	t	e
t	e	t	e	t
t	r	a	v	ê
b	a	a	s	a
h	a	p	e	s
a	p	e	s	o
p	e	s	o	a
l	a	s	a	s
u	n	s	o	r
ã	o	r	i	n
o	r	i	n	d
d	a	d	a	d
s	o	p	a	s
p	e	s	s	o
s	o	n		

a	t
s	e
c	v
o	ê
m	a
a	s
u	p
n	e
i	s
ã	s
o	o
a	a
p	s
o	r
r	f
v	a
e	z
r	e
a	r
s	o
d	t
r	r
i	a
f	b
e	a
r	r
e	h
n	o
ç	c
a	o
s	m
a	d
g	i
e	s
n	p
t	o
e	s
t	i
r	ç
a	ã
b	o
a	
l	
h	
a	
p	
o	
r	
q	
u	
e	

v
ê
a
d
i
f
e
r
e
n
ç
a
d
a
s
p
e
s
s
o
a
s
e
n
t
ã
o
e
i
m
p
o
r
t
a
n
t
í
s
s
i
m
o
.
c
o
m
o
q

u
e
e
u
f
a
z
i
a
p
a
r
a
s
e
r
m
a
i
s
p
r
e
s
t
a
t
i
v
o
e
a
i
p
o
r
e
x
e
m
p
l
o
d
a
p
e
s

s
o
a
a
U
D
V
t
r
a
b
a
l
h
a
m
u
i
t
o
p
e
l
o
e
x
e
m
p
l
o
n
ã
o
e
m
u
i
t
o
p
e
l
a
f
a
l
a

e
m
a
i
s
p
e
l
o
e
x
e
m
p
l
o
c
o
m
o
u
m
a
p
e
s
s
o
a
f
a
z
p
a
r
a
t
r
a
t
a
r
a
s
p
e
s
s
o

a
p
r
i
n
c
i
p
a
l
m
e
n
t
e
n
o
s
e
n
t
i
d
o
d
e
t
r
a
t
a
r
a
s
p
e
s
s
o
a
s
o
q
u
e
e
u
v
e

n h o
a p r e n d e n d o
a s s i m
q u e
e u
v e j o
a s s i m
c o m o
i m p o r t a n t e
e
p r i

n
c
i
p
a
l
m
e
n
t
e
s
a
b
e
r
c
o
n
v
i
v
e
r
c
o
m
a
s
p
e
s
s
o
a
s
c
o
m
c
o
n
d
i
ç
ã
o
d
e
f
a

Z
e
r

i
s
s
o

e

s
e
g
u
i
n
d
o

o

e
x
e
m
p
l
o

c
o
m
o

p
a
i
s

e
u

c
o
n
s
i
d
e
r
o

a
l
g
u
m
a
s

p
e
s
s
o
a
s
c
o
m
o
m
e
u
s
p
a
i
s
q
u
e
m
e
n
s
i
n
a
r
a
m
m
u
i
t
a
s
c
o
i
s
a
s
q
u
e
m

e u p a i s n ã o t i v e r a m c o n d i ç ã o d e m e e n s i n a r e u p r e c i s o d e m

a
i
s

c
o
n
v
i
v
ê
n
c
i
a

e
m

n
ú
c
l
e
o
s

q
u
e

e

u
m

t
r
a
b
a
l
h
o

d
i
f
e
r
e
n
t
e

e

u
m

t
r
a
b
a
l
h
o
m
a
i
s
c
o
m
i
r
m
a
n
d
a
d
e
e
n
t
ã
o
e
u
p
r
e
f
e
r
e
o
c
a
l
o
r
h
u
m
a
n
o

	d a i r m a n d a d e e c o n t i n u a r t r a b a l h a n d o p e l a i r m a n d a d e	
L I D E R 4 ,	O l h a o s	o l h a e m

M	t	u
A	r	i
S	a	b
C	b	o
U	C	i
L	a	n
I	l	t
N	h	e
O	o	r
,	s	e
6	ã	s
0	o	s
A	r	a
N	e	n
O	t	e
S	e	s
,	z	s
B	a	a
E	d	a
B	o	t
E	s	r
V	c	a
E	o	n
G	n	s
E	f	f
T	a	o
A	r	r
L	d	m
À	i	a
1	s	ç
5	p	ã
A	o	o
N	s	q
O	i	u
S	ç	a
	ã	a
	n	d
	o	d
	b	o
	a	a
	p	g
	o	e
	r	n
	t	t
	p	e
	a	c
	r	h
	t	e
	d	g
	o	o
	s	u
	n	n

i	e
r	s
m	s
ã	e
o	s
s	n
	ú
	c
	c
	o
	m
	e
	o
	j
	á
	r
	a
	f
	a
	a
	s
	e
	s
	i
	m
	n
	o
	u
	m
	c
	a
	c
	o
	m
	á
	r
	e
	ç
	e
	o
	a
	h
	d
	e
	g
	r
	a
	d
	a
	n
	ú
	p
	c
	o
	r
	e
	a
	n
	o
	l
	u
	z
	e
	d
	a
	o
	n
	o
	s
	r
	i
	d
	e
	n
	t
	e
	p
	r
	o

t	d
e	u
m	ç
a	ã
s	o
s	d
i	e
m	m
p	r
r	a
a	n
t	g
i	o
c	a
a	m
m	b
e	a
n	n
t	a
e	n
a	a
a	e
m	d
e	e
l	m
h	a
o	i
r	s
i	n
n	f
f	r
r	a
a	g
e	u
s	m
t	a
r	s
u	t
t	o
u	u
r	t
a	r
f	a
í	s
s	c
i	o
c	i
a	s
a	a
m	s
a	m
t	a
e	r
r	i
i	s

a	e
l	r
e	a
n	t
t	r
r	e
e	i
n	c
o	s
s	p
n	a
ú	l
c	m
l	e
e	n
o	t
s	e
d	m
e	r
a	a
q	n
u	g
i	o
d	m
o	a
d	i
s	s
t	q
r	u
i	a
t	n
o	d
f	a
e	e
d	g
e	e
r	n
a	t
l	e
.	c
d	h
e	e
d	g
i	o
c	u
a	ç
ç	ã
ã	ã
o	o
d	e

a	s
i	t
r	a
m	v
a	m
n	a
d	m
a	n
d	d
e	p
m	a
a	n
s	t
i	m
s	a
o	s
	s
a	m
s	s
s	i
i	s
m	a
a	s
s	t
t	e
r	r
v	e
r	r
e	a
z	e
e	s
s	e
	s
a	a
c	t
o	v
v	a
a	n
n	t
t	e
e	c
c	a
e	n
	s
t	a
a	d
m	a
b	t
é	m
m	i
	n
d	h
e	a
	p
	s
	e
	r
	i
	n
	a
	l
	c
	l
	a
	r
d	

e	o
c	d
a	e
l	e
e	n
n	s
d	t
á	a
r	r
i	c
o	a
m	n
u	s
i	a
t	d
o	a
c	e
h	r
e	a
i	a
o	s
m	s
u	i
i	m
t	a
a	n
a	e
t	m
i	s
v	e
i	p
d	o
a	d
d	e
e	a
e	n
n	d
t	i
ã	s
o	s
n	e
e	r
m	q
u	e
s	e
e	m
m	e
p	r
r	a
e	u
o	m
s	

m	c
u	e
r	r
t	i
r	r
ã	ã
o	o
s	s
p	p
t	t
e	e
m	m
q	q
u	u
e	e
s	s
i	i
d	d
t	t
o	o
n	n
h	h
a	a
m	m
a	a
m	m
l	l
g	g
u	u
i	i
t	t
a	a
s	s
g	g
e	e
n	n
t	t
e	e
r	r
v	v
o	o
r	r
e	e
s	s
h	h
á	á
s	s
m	m
d	d
o	o
m	m
e	e
c	c
n	n
t	t
r	r
o	o
r	r
a	a
q	q
d	d
u	u
e	e
m	m
a	a
i	i
s	s
g	g
e	e
n	n
t	t
e	e
i	i
t	t
a	a
s	s
e	e

n	á
t	r
e	e
q	a
u	d
e	e
d	s
i	m
m	a
i	t
n	a
u	d
i	a
e	e
u	a
m	i
p	n
o	d
u	a
q	u
u	n
i	ã
n	o
h	r
o	e
a	c
i	u
a	p
g	r
e	a
n	d
t	a
e	n
t	t
e	ã
m	o
q	u
e	a
d	c
a	h
r	o
u	u
m	q
a	u
a	e
n	a
i	u
m	a

a	b
d	o
a	a
n	o
o	p
p	a
r	t
v	e
o	d
c	e
h	l
a	e
m	a
a	r
r	s
a	t
o	a
v	a
a	p
p	e
s	s
o	r
r	e
a	n
l	d
a	o
p	d
a	e
r	t
t	e
i	x
c	a
i	u
p	s
a	t
r	a
m	ç
a	ã
i	o
s	a
m	i
u	n
i	d
t	a
a	e
s	s
v	t
e	a
z	v
e	e
r	r

n	e
ã	c
o	u
e	p
r	e
a	r
p	a
n	p
d	o
o	r
q	u
u	e
m	a
a	n
n	r
ã	e
o	c
h	u
à	p
b	e
o	r
a	a
ç	ã
ã	o
v	e
o	n
n	t
t	a
a	d
d	e
e	a
n	g
ã	e
o	n
e	t
e	e
p	c
o	h
r	e
q	u
u	e
e	u
t	q
e	u
m	a
m	n
u	d
i	o
t	a
a	g
g	e
e	n
n	t
t	e

e	c
q	h
u	e
e	g
t	o
r	u
a	e
b	x
a	a
l	t
h	a
a	m
s	e
á	n
b	t
a	e
d	n
o	o
e	m
n	o
t	m
e	e
n	n
d	t
e	o
u	q
e	e
o	s
s	a
m	q
u	u
t	e
i	l
r	a
õ	t
e	e
s	r
s	r
ã	a
o	t
o	a
s	v
s	a
s	q
á	u
b	e
a	r
d	e
o	n
s	d
	o

t	s
e	m
m	r
o	r
u	r
r	e
t	r
r	c
o	u
s	p
e	q
q	r
u	a
e	d
a	a
a	s
s	e
v	f
e	o
z	i
e	o
s	q
r	u
e	e
s	e
e	a
r	v
v	g
a	e
n	o
t	s
e	s
s	f
á	e
b	z
a	d
d	d
o	e
s	s
s	d
p	e
a	r
r	o
a	i
a	n
l	i
g	c
u	i
m	o
a	s
s	a
t	g
a	e
r	n
e	t

f	a	e
s	p	r
e	r	e
c	e	f
o	r	e
m	i	c
r	o	r
o	n	m
m	ã	o
i	s	s
s	o	p
s	a	l
f	a	n
a	m	t
i	l	a
l	i	a
a	r	e
r	e	s
s	,	m
d	i	a
e	r	r
e	s	i
s	t	e
t	u	c
d	a	h
o	c	d
r	e	a
e	o	c
n	a	r
a	s	e
q	u	a
v	e	s
z	e	s
s	p	r
a	r	i
m	g	e
g	e	n
n	t	r
t	e	o
c		c

e	u
s	i
t	d
a	a
r	r
o	o
c	c
u	u
p	p
a	a
n	n
d	d
o	o
d	d
e	e
i	i
s	s
a	a
t	t
r	r
ê	ê
s	s
s	s
à	à
b	b
a	a
d	d
o	o
s	s
s	s
e	e
ç	ç
õ	õ
g	g
u	u
i	i
d	d
o	o
s	s
e	e
u	u
n	n
t	t
ã	ã
o	o
a	a
g	g
a	a
r	r
s	s
o	o
f	f
v	v
l	l
e	e
r	r
z	z
e	e
s	s
s	s
t	t
a	a
q	q
u	u

a	b
n	o
d	a
o	p
c	a
h	r
e	a
g	p
a	o
n	d
o	e
r	r
m	u
u	r
t	e
i	c
r	e
ã	b
o	e
r	r
a	o
p	m
e	s
s	r
o	i
a	r
i	e
t	e
m	a
q	c
u	h
e	a
c	c
u	r
t	o
i	n
l	a
i	z
z	p
a	o
r	r
q	u
a	e
q	e
u	d
e	o
l	e
e	j
d	e
i	i
a	t
p	o

a	q
r	u
a	e
u	e
m	s
a	t
t	a
a	v
r	a
e	l
f	á
a	n
a	e
m	m
g	s
e	e
n	i
t	e
e	s
c	e
o	c
m	a
p	g
r	e
e	n
n	e
d	e
e	t
m	e
u	r
i	i
t	a
o	m
a	r
r	i
s	s
o	r
i	e
m	e
a	c
i	h
s	a
s	c
r	r
e	o
m	n
p	a
r	e
e	t
s	a
t	n
	t
	o

a	q
m	u
o	e
s	
m	m
o	s
t	p
i	r
v	i
a	n
n	d
d	e
o	i
r	o
a	s
s	p
p	é
e	s
s	d
s	e
o	m
a	m
s	a
s	r
p	i
a	r
r	a
a	q
u	e
s	e
o	m
a	g
r	e
n	e
n	t
e	n
t	e
p	l
n	d
a	n
e	o
u	t
o	
s	f
e	o
u	i
a	e
p	x
o	a
i	t
o	a
.	m
	e
O	n
l	t
h	e

a	o
é	n
m	d
u	e
i	e
t	x
o	i
b	s
o	t
a	i
a	a
e	a
u	r
a	v
c	o
h	r
o	e
u	s
m	e
u	r
i	a
t	p
o	ú
b	n
o	i
a	c
,	o
e	l
u	u
s	g
o	a
r	s
u	o
q	r
a	u
s	e
s	s
i	e
m	x
n	i
ã	s
o	t
i	a
a	v
v	o
o	r
u	v
d	o
i	r
s	e
s	e
e	e

r	l
a	e
p	a
a	q
i	u
x	e
o	l
n	e
a	a
d	b
o	a
p	c
o	r
r	t
q	e
u	r
e	o
é	a
d	q
e	u
m	e
a	l
i	e
s	s
m	u
a	m
i	s
s	d
a	o
s	i
s	s
i	p
m	é
e	d
u	e
t	m
e	a
n	n
h	g
o	a
u	a
m	m
a	e
m	x
o	r
r	r
a	a
m	e
u	r
i	r

t	a
o	m
e	u
s	m
p	a
e	s
c	a
i	r
a	v
l	o
p	r
e	s
l	a
a	B
i	o
r	m
m	e
a	n
d	e
a	s
d	e
e	e
t	a
o	q
d	u
a	i
e	e
a	s
s	o
i	t
m	r
e	a
u	b
m	a
h	l
o	h
s	o
e	d
n	a
t	e
i	q
m	u
e	n
n	i
t	p
o	e
q	d
u	o
e	p
e	l
u	a

a	n
c	t
h	i
o	o
u	t
r	r
q	a
u	b
e	a
o	l
m	h
e	a
s	m
t	e
r	d
e	s
G	o
a	c
b	r
r	i
i	e
e	l
e	e
t	s
r	t
a	r
n	c
s	o
m	s
i	c
t	h
i	e
u	g
e	o
m	u
q	e
u	s
a	t
l	a
q	v
u	a
e	m
r	e
l	v
u	a
g	n
a	d
r	o

	q	e	s
	u	e	s
	e	e	e
	u	s	t
	v	e	r
	á	r	c
	v	i	s
	s	p	a
	t	r	a
	a	r	a
	q	s	a
	u	a	r
	a	r	v
	l	q	u
	q	u	e
	r	e	r
	e	s	s
	l	a	g
	u	g	a
	g	a	r
	r	a	a
	q	i	n
	u	e	t
	v	e	r
	á	r	e
	a	s	s
	a	s	s
	g	a	n
	e	n	t
	e	e	e
	p	s	e
	e	s	e
	r	e	e
	c	e	e
	b	e	u
	e	m	m
	q	p	
	u	o	
	e		

t	v
e	o
m	q
a	u
s	e
s	g
i	o
m	s
e	t
s	a
s	d
e	e
c	t
o	r
n	a
v	b
i	a
v	l
i	h
o	a
r	r
a	s
s	v
p	o
e	c
s	ê
s	v
s	ê
o	a
a	s
s	q
s	u
ã	e
o	l
s	e
i	s
m	p
p	á
á	s
t	t
i	ã
c	o
a	c
s	c
p	o
n	v
o	d
d	e
e	r
s	s
e	a
r	n
	d
	o

u	n	p
s	a	r
m	a	a
a	i	s
s	g	e
o	u	n
t	r	t
r	o	r
s	s	t
m	a	b
e	n	a
n	o	l
s	s	h
o	m	e
a	i	s
s	u	m
e	m	m
m	o	t
g	t	i
e	r	v
r	a	o
l	d	e
s	ä	e
o	n	c
s	i	o
m	n	t
p	ä	r
t	i	o
i	c	d
c	o	e
s	a	m
r	e	i
z	c	e
e	p	d
p	t	e
t	i	v
i	v	d
v	o	e

s	c
e	o
a	n
t	h
e	e
n	c
d	i
e	m
b	e
t	n
e	t
m	o
a	m
g	o
e	s
n	t
t	e
e	r
e	a
n	b
t	e
ã	e
o	m
i	q
s	u
s	e
o	a
j	i
á	s
e	t
g	o
o	r
u	m
s	a
m	a
a	d
c	e
a	r
r	a
a	t
c	r
t	a
e	b
r	a
r	l
í	s
s	t
t	i
i	c
c	a
a	m
d	a
a	s

u	t
n	a
i	m
ã	b
o	é
d	m
o	t
v	e
e	m
g	u
e	m
t	a
a	s
l	e
t	n
o	t
d	o
a	d
,	a
m	n
a	a
i	e
s	s
a	p
i	i
n	r
o	i
n	t
ú	o
c	a
l	l
e	d
e	e
e	e
u	m
s	n
i	o
n	s
t	s
o	o
a	a
s	c
s	r
i	e
m	s
i	m
p	c
e	i
s	m
	e
	n

s	t
o	o
a	A
l	q
m	u
u	i
i	e
t	o
o	u
r	m
e	a
c	c
c	e
e	p
p	i
t	s
i	a
v	o
o	m
m	a
r	r
u	a
i	v
t	i
o	l
a	h
l	o
e	s
g	a
r	q
e	u
,	e
m	m
u	e
i	t
t	e
o	m
m	o
c	c
u	i
s	o
i	n
c	a
a	e
l	s
,	s
q	e
u	e
e	a
t	m
e	a
m	r
a	e
s	l
s	o

s	e
i	m
m	u
a	i
t	t
g	o
e	n
t	b
e	n
p	i
a	t
r	o
a	e
s	s
p	r
r	a
a	c
c	o
o	r
n	v
v	t
e	e
r	r
r	r
s	r
a	a
r	c
c	o
t	c
o	t
m	a
m	m
a	e
s	s
i	o
p	p
e	e
s	c
r	r
o	e
a	e
s	e
e	m
a	u
s	i
t	t
o	o
p	b
e	s
s	o
o	n
a	i
t	t
o	o
c	p

o n v c a
e r s a g e n t e
t r e d a
s i t e n ç ã o
o p e r a
s e s a b e a
u m a n d o
p o u l q u a
i n m h a o s
d a e u v i d a
d e h o d e
c l a e
a d a
a m

u	i
m	t
	o
i	b
s	s
o	n
f	i
a	t
z	a
	e
c	c
o	e
m	s
	s
q	e
u	c
e	o
	n
a	t
	g
r	a
e	s
n	t
t	e
e	
	d
t	e
e	n
	h
a	a
	z
u	u
l	l
a	a
m	m
a	a
	p
p	r
r	e
o	
x	l
i	o
m	
	m
i	e
d	
a	v
d	e
e	r
	d
e	e
u	u
m	s
	a
c	b
a	e
r	
i	,
n	
h	a

o	s
t	s
a	i
m	m
b	e
é	s
m	s
	a
g	c
r	r
a	d
n	r
d	e
e	s
	p
p	p
e	o
l	n
a	d
s	ê
	n
p	c
e	s
s	a
s	d
o	a
a	a
s	l
	u
	a
	q
	u
	e
	c
	l
	a
	r
	e
	i
	a
	n
	o
	s
	s
	o
	j
	a
	r
	d
	i
	m
	d
	o

		c a n e d e e d a i v e t t e n o s s a c o i s a m u i t o b o n i t a á r e a d e a g r o f l
--	--	--

		o r e s t a l a i n d a p l a n t a d a p e l o m a u r i c i o h o s f f m a n c o m o m a u r i c i o
--	--	--

		t o d o m u n d o j u n t o c o m m a u r i c i o e n t ã o a q u i e u m a p a r t e d e h i s t o
--	--	--

		r i a d o n ú c l e o e a s s i m e s s e e n v o l v i m e n t o d e t o d o s d a h i e r a r q u
--	--	--

		i	a
		m	a
		i	s
		a	l
		t	a
		v	a
		m	o
		s	d
		i	s
		s	e
		r	a
		t	e
		a	d
		v	e
		n	t
		í	c
		i	o
		q	u
		e	c
		h	e
		g	a
		q	u
		e	g
		o	s
		t	a

		j á s e e n v o l v e r e a í u m a d a s p e s s o a q u e e s t a s e d e d i c a n d o m u
--	--	---

		i t o e o l e o q u e e u m t r a b a l h a r a s v e z e s a t e s i l e n c i o s o , m a i s
--	--	--

		trabalha muito conhece muito
LIDER 5, MAS CULINO , 45 ANOS ,	ON despre voici mas mes do da sa pa da	

B	d	e
E	e	a
B	s	g
E	t	u
V	e	a
E	m	d
V	e	e
G	s	i
E	i	d
T	o	m
A	a	a
L		
À	p	r
2	r	t
0	o	e
A	d	r
N	u	r
O	r	a
S	t	i
	v	f
	a	é
	s	r
	,	t
	v	i
	e	l
	m	p
	a	a
	r	a
	t	e
	n	p
	d	o
	o	d
	e	r
	u	m
	a	a
	a	g
	s	e
	c	n
	e	t
	n	e
	s	ã
	o	l
	a	n
	b	t
	o	a
	r	a
	p	p
	o	r
	q	u
	u	e
	e	e
	a	

f	n
o	o
r	s
m	a
a	r
q	q
u	e
e	i
a	g
g	ã
e	o
n	d
t	e
e	p
d	e
e	d
s	e
e	n
n	t
v	a
o	m
l	b
v	é
e	m
d	d
e	e
u	a
m	s
a	p
f	l
o	a
r	n
m	t
a	a
s	s
p	d
a	e
r	p
t	e
i	c
c	n
i	d
p	e
a	d
t	e
i	v
v	a
a	l
o	e
n	h
d	a

e	p
t	a
d	r
o	a
s	s
p	r
o	p
d	e
e	a
m	r
p	p
a	o
r	v
t	e
i	c
c	g
i	e
p	t
a	a
r	l
o	e
n	t
t	ã
d	e
e	o
t	n
o	o
d	s
o	s
s	p
p	r
o	e
d	c
e	i
m	s
c	a
o	m
n	c
t	o
r	d
i	e
b	r
e	e
u	s
s	i
i	r
r	a
c	e
o	s
m	t
a	r
c	u
c	u

o r
n t r a
t r i f
b i s
u i c
i ç a
ã o e
d t n
e ã t
t o p
d r o d
s c i
a s a
g m
e n s
t e e
c h s
h e i
g a n
a t e
a s e
u s e
m e
d e i
n s o
m o s
i n d
a a o
d o t
o r e
c p
o l o
m o d
u m e
n e u

o	a
u	t
s	e
e	r
j	r
a	a
e	f
s	é
s	r
e	t
t	i
r	d
a	e
b	u
a	m
l	
h	e
o	s
p	p
a	a
r	ç
a	o
s	d
e	e
r	c
r	o
e	n
a	v
l	i
i	v
z	ê
a	n
d	c
o	i
a	a
d	e
e	p
n	d
d	e
e	a
s	s
d	a
a	p
p	e
a	s
r	s
t	o
i	a
c	s
i	c
	i
	p

p	o
a	s
ç	a
ã	a
o	m
d	c
e	h
c	e
a	g
d	a
a	r
e	e
u	m
r	r
e	e
p	c
a	e
r	b
a	r
a	u
g	m
e	n
n	c
t	o
e	n
c	f
h	o
r	r
e	t
g	o
a	r
r	m
n	í
o	n
i	m
t	o
d	q
o	u
e	e
u	s
m	e
t	j
r	a
a	n
b	o
a	s
l	e
h	n
o	t
q	i
	d

u	e	o
a	a	m
g	t	
e	r	
n	i	
t	a	
e	l	O
t	h	a
r	a	
a	b	e
a	l	u
h	a	m
a		e
s	s	
s	i	
i	n	
m	t	o
i	r	b
r	m	e
a	n	m
a	a	
d	i	
o	p	
e	o	
u	r	
q	u	
m	e	
t	r	e
r	a	
b	u	
a	m	
l	t	
h	e	
o	r	
f	r	
r	e	
a	n	
t	o	
e	q	
r	u	
n	e	
o		
e	j	
	á	

u	f
m	a
a	z
t	r
r	a
a	p
b	a
a	r
l	t
h	e
o	d
g	a
r	m
a	i
t	n
i	h
f	a
i	v
c	i
a	d
n	a
t	e
e	n
e	e
u	e
m	u
t	r
r	e
a	q
b	u
a	e
l	n
h	o
o	t
v	o
o	e
l	u
u	n
n	b
t	e
a	b
r	o
i	v
o	e
m	g
a	e
i	t
s	a
e	l
u	j
m	á

t	v
r	i
a	n
b	t
a	e
l	h
h	u
o	m
q	p
u	o
e	u
n	c
o	n
s	m
d	a
a	s
u	d
m	e
a	2
c	3
o	n
n	a
s	n
c	o
i	s
è	m
n	a
c	i
i	s
a	s
d	n
a	a
i	q
m	u
p	m
o	e
r	t
t	t
â	e
n	r
c	r
i	e
a	n
o	o
d	a
e	s
s	i
e	e
u	u
t	t
r	c

a	h
b	e
a	g
l	u
h	e
o	i
q	e
u	m
e	2
a	0
	2
g	e
e	n
t	t
e	ã
	o
p	j
a	á
s	a
s	t
a	e
c	m
h	1
e	3
g	a
a	a
n	n
o	o
s	s
u	m
m	e
d	n
e	t
t	ã
e	o
r	m
m	j
i	á
n	a
a	f
d	a
o	z
m	p
o	a
m	r
e	t
n	e
t	o
o	d
q	e
u	m
e	i
	n

e	h
l	a
e	a
d	q
e	u
i	e
x	l
a	e
d	t
e	e
r	r
s	e
e	n
r	o
v	v
o	e
l	n
u	t
n	ã
t	o
a	a
r	s
i	o
o	s
s	i
p	m
a	r
r	e
a	u
n	g
ó	o
s	s
t	t
p	o
a	d
s	e
s	a
a	e
a	s
s	t
r	a
r	r
u	a
m	l
a	m
n	a
e	i
c	s
e	e
s	m
s	i
i	

d	e
a	s
d	p
e	e
r	c
r	i
e	a
a	l
l	s
	ã
p	o
a	s
s	s
a	p
s	e
e	s
r	s
u	o
m	a
	m
a	p
	o
g	r
e	q
n	u
t	e
e	s
	c
c	o
m	o
e	p
ç	e
a	l
a	o
	s
s	e
e	r
n	r
t	e
i	n
r	o
	q
q	u
u	e
e	t
	a
c	m
o	b
m	é
o	m
	u
u	n
m	ã

g	t
e	e
n	r
t	r
e	e
v	n
e	o
m	n
r	a
e	q
c	u
e	e
b	e
e	i
n	l
d	u
o	g
a	a
r	e
o	m
l	o
o	n
g	q
o	u
d	a
o	l
u	d
e	q
t	u
e	e
m	r
p	e
o	n
o	ú
E	c
u	i
a	e
c	o
o	n
n	v
v	e
è	u
n	s
c	i
i	n
a	t
h	o
a	a
r	s

m	i
ô	m
n	q
i	u
c	e
a	e
n	a
ã	a
o	e
e	c
u	a
m	a
a	d
c	o
o	m
n	v
v	i
i	s
v	t
ê	r
n	e
c	i
i	a
a	G
p	a
r	b
e	p
r	r
f	e
i	t
t	a
a	m
p	a
o	l
r	g
q	u
u	n
e	s
o	e
s	l
e	m
r	e
n	t
h	u
u	m
m	s
a	p
n	ó
o	p
n	ó
o	r

o	a
d	l
o	m
s	e
n	n
t	t
e	e
s	s
n	n
ã	ã
o	o
m	m
e	e
s	s
u	u
h	h
m	m
a	a
b	b
n	n
o	o
s	s
i	i
d	d
e	e
a	a
n	n
o	o
s	s
a	a
d	d
e	e
s	s
t	t
a	a
m	m
o	o
s	s
q	q
u	u
r	r
a	a
b	b
q	q
u	u
e	e
r	r
a	a
n	n
d	d
o	o
t	t
r	r
e	e
x	x
a	a
b	b
t	t
a	a
m	m
e	e
n	n
t	t
e	e

p	a
a	e
r	u
a	m
t	a
e	b
r	e
u	m
m	a
a	i
c	d
o	a
n	u
s	t
c	i
i	l
è	i
n	z
c	a
i	d
a	a
m	n
a	o
i	r
s	m
c	a
l	m
a	e
r	n
a	t
t	e
r	a
p	d
a	r
r	e
a	n
t	t
r	r
e	o
r	d
a	e
t	u
i	m
t	u
u	d
d	c
e	o
n	n
m	t
a	e
i	x
s	t
t	o
c	c
o	r

r	e
r	l
e	i
t	g
a	i
s	o
	s
	d
	e
	c
	o
	n
	d
	e
	õ
	e
	s
	a
	m
	g
	e
	n
	t
	e
	a
	c
	i
	n
	g
	r
	t
	a
	r
	d
	e
	a
	s
	o
	m
	c
	h
	á
	s
	p
	a
	r
	a
	s
	s
	a
	m
	e
	f
	a
	e
	i
	t
	o
	g
	e
	n
	t
	e
	d
	e
	v
	c
	o
	n
	c
	e
	n
	c
	o
	n
	t
	r
	a
	ç

u	i	ã	o
n	d	m	
d	o	e	n
d	e	n	t
e	n	t	a
r	a	r	p
a	r	a	r
a	r	a	a
d	e	t	e
e	r	u	r
m	a	u	m
a	u	m	
h	a	c	
a	r	o	n
m	o	n	t
n	i	a	t
i	a	t	o
a	o		
b	c		
o	o		
a	m		
e	s		
a	g		
j	r		
u	a		
s	d		
t	a		
a	n		
d	o		
d	o		
o	u		
t	q		
r	u		
e	n		
a	e		
p	m		
r	u		
e	i		
c	t		
i	o		
s			
o	b		

e	n
v	i
e	t
m	a
	a
t	m
a	m
b	a
é	g
m	e
	m
f	i
a	s
z	s
e	n
n	d
d	o
n	n
s	o
	s
o	m
s	o
	s
c	r
r	t
e	r
s	a
c	e
e	q
r	u
	e
c	a
o	m
m	s
	p
o	p
	e
p	s
e	s
s	s
s	o
o	a
a	s
	e
c	o
a	n
t	t
	c
c	a
n	p
	u
p	a
a	a
c	m
	i
d	t
a	r
d	a
e	b

	a
d	h
e	a
	n
a	d
	e
g	n
	t
e	e
	p
a	e
	l
n	p
	e
d	d
	e
e	s
	b
b	e
	n
e	v
	o
r	n
	l
v	v
	o
s	s
	m
a	e
	n
f	t
	a
l	h
	i
h	a
	n
a	v
	e
s	s
	t
e	i
	n
t	d
	a
r	n
	o
a	s
	f
d	e
	m
m	o
	u
a	t
	-
l	r
	a
a	s
	á
	p
r	r
	a
a	d
	e
	e
g	t
	e
n	r

t	r
e	a
s	u
e	m
t	a
o	f
r	o
n	r
a	ç
r	a
u	d
m	o
a	t
p	r
e	a
s	b
s	a
o	h
a	o
m	e
e	d
l	o
h	p
o	r
r	l
c	a
a	n
d	t
a	d
d	i
i	q
a	u
e	e
f	v
o	e
r	m
t	s
a	e
l	n
e	d
c	o
i	c
m	i
e	f
n	e
t	n
o	i
d	t
e	o
n	d
	e
	n
	a

o	t
s	u
s	r
a	e
a	z
m	a
i	b
z	e
a	l
d	í
e	s
e	s
u	i
m	m
a	a
a	a
f	n
o	a
r	t
m	u
a	r
d	e
e	z
a	a
a	e
g	u
e	m
n	a
t	e
c	c
o	i
l	s
o	a
c	a
a	s
r	u
e	b
m	e
i	m
p	e
r	a
a	m
t	u
i	i
c	t
a	o
o	a
s	g
e	e
n	n
s	t

i	n	e
a	m	o
e	n	h
n	t	a
t	o	e
s	s	v
q	u	ê
e	a	m
a	i	u
g	t	a
e	n	b
t	e	e
r	z	e
e	a	r
c	e	c
b	e	h
e	e	e
n	a	g
a	m	a
s	p	e
e	s	s
s	s	s
õ	o	a
e	s	s
e	a	s
n	t	s
ã	v	e
o	e	z
p	e	s
e	l	e
c	d	e
o	n	s
n	v	t
i	v	r
o	ó	i
n	c	c
n	o	o

o	n
d	t
a	a
a	m
a	a
a	a
d	d
i	o
a	l
a	h
p	a
e	p
l	q
o	u
e	e
d	d
i	a
a	g
l	u
o	a
g	n
o	ó
p	t
e	p
l	e
a	d
,	a
m	p
a	a
n	r
e	e
i	c
r	e
a	a
d	u
e	m
e	m
s	a
e	r
t	u
r	m
a	a
t	a
a	p
r	r
r	a
d	i
e	a
r	e
e	s
s	a
p	q
e	u
i	i

t	u
a	m
r	
	r
d	i
e	o
	a
u	u
x	e
i	s
l	e
a	j
r	a
	u
m	r
	e
a	s
o	r
s	v
	a
o	d
u	a
t	r
r	e
o	s
s	s
	p
a	e
s	r
	o
v	q
e	u
z	e
e	s
	a
a	i
	n
g	d
e	a
n	t
t	e
e	x
	i
p	s
r	t
e	a
c	n
i	s
s	e
a	s
	s
d	e
e	l
	o
a	c
u	

x	a
i	l
l	l
i	q
o	u
a	a
t	n
s	t
o	s
v	m
e	a
z	i
e	s
s	p
o	e
u	s
t	s
r	o
a	a
s	c
p	p
e	n
s	s
s	c
o	i
a	e
s	n
t	t
p	e
r	a
e	c
c	i
i	s
s	a
a	n
m	t
e	e
d	m
e	a
m	n
a	i
n	s
o	s
s	p
s	o
o	d
a	e
u	x
x	p
p	r
r	e
i	s
l	e
i	r
o	v
,	a
e	n
n	t

ã	a
o	n
a	a
g	t
e	u
n	r
t	e
e	z
a	a
t	a
e	m
U	D
D	V
e	s
s	e
a	u
o	m
p	a
o	r
r	r
t	e
u	l
n	i
i	g
d	i
a	ã
d	o
e	q
d	u
e	e
c	n
r	a
e	s
s	c
c	e
e	u
r	n
d	a
e	f
f	l
o	r
r	r
t	e
a	s
l	t
e	a
c	e
e	r
r	q
n	u
o	e

s	t
s	e
a	m
a	m
m	u
i	m
z	a
a	c
d	o
e	m
p	r
c	o
r	m
e	s
s	i
c	s
e	s
r	o
c	c
o	m
m	a
o	s
a	n
s	a
r	t
h	u
u	r
m	e
a	z
n	a
o	.
t	
a	
m	
b	
é	
m	
e	
u	
m	
a	
o	
p	
o	
r	
t	
u	
n	
i	
d	
a	
d	

e
a
m
a
i
s
e
m
n
o
s
s
a
v
i
d
a
a
s
s
i
m
c
o
m
o
c
o
m
o
u
t
r
a
s
p
e
s
s
o
a
t
a
m
b
é
m
n

ã
o
s
ã
o
d
o
c
e
n
t
r
o
o
q
u
e
a
p
r
a
t
i
c
a
d
o
a
m
o
r
d
a
f
r
a
t
e
r
n
i
d
a
d
e
e
p

	r	N
	a	f
	t	e
	o	s
	d	s
	o	a
	s	b
L	f	m
I	e	d
D	s	a
E	t	s
R	r	a
6	v	b
,	a	e
F	l	m
E	d	o
M	a	s
I	q	
N	u	
I	e	
N	a	
O	o	
,	d	
5	o	
7	v	
A	e	
N	g	
O	e	
S	t	
,	e	
B	r	
E	t	
B	a	
E	m	
V	d	
E	e	
G	n	
E	t	
T	r	
A	o	
L	d	
À	e	
3	u	
2	m	
A	i	
N	s	
O	o	
S	t	
S	e	
S	x	
S	t	

e	o
m	a
g	g
u	r
i	o
t	f
o	l
i	o
n	r
t	e
e	s
r	t
e	a
s	l
s	e
a	s
n	l
t	e
e	ã
p	o
o	s
r	o
q	b
u	r
e	e
f	v
o	i
i	e
s	o
e	n
d	d
e	e
s	e
e	l
n	e
v	o
o	e
l	f
v	a
e	v
n	d
d	o
o	r
e	e
c	c
i	i
o	d
s	o
n	e
ú	ú
c	c
l	l
e	e

o	f
s	a
f	v
o	r
r	r
a	e
m	c
e	e
s	a
e	o
n	u
v	t
o	r
r	a
a	s
v	e
e	n
n	d
d	o
o	a
e	n
n	t
t	s
ã	e
o	l
n	e
o	s
s	n
l	ã
á	o
d	t
o	e
l	m
l	t
u	o
z	d
d	o
o	e
s	s
o	r
r	e
i	d
e	n
n	t
e	s
n	e
n	n
o	v
s	o
e	l
n	v
i	i
m	m

v	e
o	n
l	t
v	i
i	m
m	o
o	s
s	s
u	e
m	n
a	t
v	i
e	d
z	e
q	d
u	e
e	d
f	r
o	i
v	p
e	a
m	r
l	a
e	s
g	o
a	s
l	e
f	i
o	b
i	a
u	m
m	q
o	u
m	e
e	n
n	s
t	o
o	n
q	e
u	c
e	s
f	s
o	i
i	t
f	a
e	m
e	o
s	s

i	p
t	a
o	r
u	a
m	n
t	o
r	s
a	b
b	a
a	r
l	i
h	t
o	u
q	a
u	l
e	n
n	o
ú	s
c	e
l	n
e	t
o	i
s	d
i	s
r	v
v	a
i	g
o	r
d	a
e	d
u	e
m	n
l	t
u	ã
g	o
a	n
r	o
s	s
p	a
a	s
a	a
b	b
e	e
q	m
u	o
e	s
f	q
o	u
s	e
s	e
e	t

v	i	s	i	t	a	d	e	p	a	r	a	c	o	n	v	e	r	n	d	e	s	s	a	ã	o	a	g	r	e	i	f	l	o	r	e	s	t	a	l	o	r	á	e	s	t	a	s	f	o	m	a	c	a	b	u	m	e	s	p	a	ç	o
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

u	e
m	s
l	e
a	m
b	o
b	v
r	i
a	m
t	e
ó	n
r	t
i	o
o	d
n	e
s	e
f	s
i	t
z	a
e	r
m	f
o	a
s	z
p	e
a	n
r	d
t	o
e	e
d	n
e	t
s	ã
s	o
e	s
f	e
e	s
s	e
t	e
i	u
v	a
a	m
l	p
d	o
e	n
a	t
g	o
u	d
a	o
n	c
o	h
s	a

f	e
i	m
z	
e	s
m	i
o	e
s	
p	d
a	a
r	s
t	p
e	r
d	a
e	n
u	t
m	a
d	s
o	d
s	a
e	g
v	r
e	a
n	d
t	a
o	s
s	j
q	u
u	n
e	t
a	o
c	q
o	u
n	e
t	c
e	o
c	m
r	a
a	c
m	t
o	n
n	d
d	s
e	
s	s
n	a
o	b
s	e
t	m
r	o
	s

a	s
b	i
a	m
h	a
a	d
m	e
o	s
s	s
a	a
c	r
o	m
a	s
s	o
n	s
c	r
r	i
a	n
ç	i
a	d
a	d
s	e
t	o
d	c
o	m
o	a
a	n
t	e
o	m
e	á
s	t
s	i
a	c
a	a
q	u
d	e
a	s
t	e
ã	c
o	l
d	o
a	g
i	c
c	a
o	n
s	e
c	i
i	a
e	e

n	t	u
i	i	m
z	a	
a	ç	c
ç	ã	a
ã	r	r
r	o	a
o	r	a
	e	c
	c	t
	t	e
	ó	r
	g	í
	i	s
	c	t
	a	i
	c	c
	a	a
	a	n
	q	o
	u	s
	e	s
	s	a
	t	
	ã	t
	o	a
	a	m
	a	m
	b	é
	m	m
	b	m
	i	e
	e	e
	n	u
	t	a
	a	m
	l	a
	r	c
	e	o
	c	i
	i	s
	c	a
	l	a
	a	q
	g	u
	e	e
	m	n
	d	o
	e	s
	l	s
	i	u
	x	r
	o	g
	a	i
	s	m
	s	o

	s
c	d
r	e
i	l
a	a
n	a
ç	d
a	e
s	s
	f
	d
	e
	n
	t
	r
	a
	r
	o
m	m
	d
	e
	l
	a
	e
	n
	t
	ã
	v
	o
	l
	n
	o
	s
	d
	a
	t
	e
	m
	f
	o
	s
	f
	i
	z
	e
	q
	u
	e
	s
	d
	a
	r
	e
	c
	c
	o
	n
	t
	a
	g
	e
m	d
	i
	s
	e
	s
	o
	b
	r
	i
	o

n	a
q	c
u	r
e	e
d	o
d	s
o	n
s	o
a	s
s	t
c	e
r	m
i	o
a	s
n	ç
ç	o
a	s
s	s
t	i
a	r
m	i
b	n
é	g
m	a
	o
p	p
a	o
r	v
t	o
i	e
c	n
i	c
p	a
a	n
r	t
a	m
m	o
	d
	n
	e
	e
t	q
o	u
d	e
a	e
a	u
v	m
i	s
s	t
i	r
t	a
a	b
ç	a
ã	l
o	h
	o

e	m
d	u
a	i
e	t
x	o
p	i
l	n
i	t
c	e
a	r
ç	e
ã	s
o	a
q	n
u	t
e	e
e	r
r	a
d	ã
a	o
d	h
a	a
j	o
s	j
e	s
s	o
b	b
r	e
e	s
a	t
a	a
m	m
o	s
á	r
r	e
e	f
a	a
z	a
d	z
e	e
n	n
d	d
a	o
g	r
r	e
o	s
s	e
f	f
l	l
o	o
r	r
e	t
s	e
t	s
a	t
l	a
d	l
	h
	o

e	l
p	á
o	
i	s
s	e
d	s
i	o
s	m
s	
o	r
t	e
a	c
m	o
b	n
é	h
m	e
s	c
e	i
d	d
e	o
s	p
e	e
r	r
n	e
v	s
e	v
v	o
o	s
s	e
l	v
v	e
e	t
u	r
t	a
r	b
a	a
b	l
a	h
l	o
h	e
o	n
c	t
o	ã
m	o
a	o
e	f
c	a
o	t
t	o
f	d
o	s
s	a
s	s
a	a
q	u

u t e r i o
e é r i d
é u d a
m m d e
t r a b o s
a a l h o l h
h o l h a
q u e r e m
e é c o m
é l e g a l s
l g a l s a
q u e r e n s
n o p o n s
s o n s a
t e a m b o i
s i l i d a
l á d e
n e q u e
s s e a n
r o s
l a t e m
ç ã o

	n	s
	a	c
	t	o
	u	m
	r	e
	e	o
	z	a
	a	m
	e	e
	i	o
	s	a
	r	m
	m	b
	b	i
	o	s
	s	e
	c	n
	a	t
	i	e
	a	a
	n	t
	i	a
	n	n
	t	o
	o	o
	e	t
	l	r
	a	a
	z	e
	e	p
	m	a
	u	r
	i	a
	t	o
	o	n
	f	o
	o	s
	r	e
	t	s
	e	e
	p	e
	o	c
	r	u
	q	m
	u	p
	e	r
	i	m
	o	n
	n	e
	d	t
	e	o
	n	o
	o	c

s	o
f	m
o	q
r	u
e	e
n	o
o	s
s	s
l	e
e	r
v	a
a	h
m	u
o	m
s	a
n	d
o	e
d	e
n	p
t	r
r	e
o	c
i	d
d	s
e	a
n	d
o	e
s	u
e	m
s	m
s	a
a	d
r	o
a	i
g	e
r	e
r	a
e	l
q	n
u	ã
e	o
m	s
n	ó
ã	p
o	p
n	r
a	a
s	c
c	a
e	u
u	s
a	a

d	d
e	e
n	n
t	t
r	r
o	o
h	h
á	á
d	d
a	a
c	c
o	o
m	m
f	f
l	l
o	o
r	r
e	e
s	s
t	t
a	a
l	l
i	i
q	q
u	u
a	a
n	n
d	d
s	s
o	o
p	p
u	u
b	b
e	e
l	l
i	i
c	c
a	a
s	s
c	c
o	o
n	n
t	t
r	r
a	a
c	c
o	o
m	m
c	c
o	o
m	m
a	a
s	s
v	v
e	e
l	l
g	g
e	e
i	i
s	s
t	t
a	a
l	l
a	a
m	m
t	t
e	e
m	m
e	e
n	n
e	e
s	s
a	a
s	s
i	i
s	s
a	a
n	n
q	q

u
e
c
e
s
s
i
d
a
d
e
d
e
l
á
n
s
e
s
a
p
o
s
r
i
ç
ã
o
m
t
e
n
t
ã
o
u
e
s
s
e
r
o
c
r
i
m
e
m
u
i
t
a
c
o
r
m
e
s
p
o
s
e
n
s
a
f
o
b

s	i
s	l
e	d
u	a
m	d
	e
	i
	m
	ã
	o
	m
p	p
a	a
r	r
a	a
s	s
	o
n	n
o	o
s	s
	o
e	r
l	q
a	u
	e
n	n
o	o
s	s
	l
	e
	v
	a
	s
	u
	m
p	p
a	a
r	r
a	a
s	s
	l
	á
	u
	m
p	p
a	a
r	r
a	a
	q
	u
	e
	g
	e
	n
	v
	e
	m
	t
	e
	m
	p
	d
	e
	d
	e
	r
	u
	a

s	s
e	p
d	l
e	a
s	n
e	t
n	a
v	s
o	v
l	e
v	e
e	r
r	á
e	u
n	m
t	o
ã	l
o	h
a	a
s	r
n	d
o	a
s	s
s	a
a	u
v	t
i	o
n	r
c	i
u	d
l	a
a	d
ç	e
ã	s
o	p
e	a
l	a
e	n
m	ó
u	s
i	t
t	a
o	m
f	b
o	é
r	m
t	,
e	n
n	t
c	t

o	ã	o
m	a	n
	n	s
	a	t
	t	e
	u	r
	r	e
	e	s
	z	
	a	t
		o
		d
		o
		e
		s
		s
		e
		t
		r
		a
		b
		a
		l
		h
		o
		d
		e
		f
		a
		z
		e
		r
		i
		s
		s
		o
		e
		l
		á
		n
		o
		s
		i
		r
		e
		n
		g

		a
		o
		n
		o
		v
		o

ANEXO A

BOLETIM REGULAMENTAR DE CRIAÇÃO DE NÚCLEOS E DISTRIBUIÇÕES AUTORIZADAS DE VEGETAL

Artigo 1º - A abertura de Núcleo será autorizada pela Representação Geral, juntamente com o Quadro de Mestres da Sede Geral, mediante requerimento do Mestre Central da Região, de acordo com os seguintes critérios:

- a) existência de no mínimo 3 (três) mestres, sendo que pelo menos um deverá ter sido Mestre Representante, e 5 (cinco) conselheiros ou conselheiras, totalizando, no mínimo, 50 (cinquenta) sócios;
- b) o Núcleo de origem, em caso de desmembramento, deve estar: em dia com os compromissos perante os Órgãos da Direção Geral, dispondo, este de, no mínimo, 120 (cento e vinte) sócios;

- c) aquisição prévia de imóvel, para formação do novo Núcleo, em nome do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, Sede Geral, com documentação previamente aprovada pelo Departamento Jurídico e construção adequada aos trabalhos religiosos, ressalvado o direito de manter casa de preparo de uso compartilhado;
- d) o imóvel a ser adquirido deverá ter sua localização e instalação atendendo à legislação ambiental;
- e) o Núcleo de origem deve possuir área de plantio de Mariri e Chacrona para atender suas necessidades, considerando ainda sua responsabilidade com a manutenção do futuro Núcleo, até sua autonomia neste aspecto;
- f) o Mestre Central da Região deve fazer uma avaliação do Quadro de Mestres e do Corpo do Conselho do Núcleo em formação, inclusive quanto à estabilidade familiar e profissional, especialmente do Mestre Representante.

Parágrafo único - No requerimento do Mestre Central solicitando a abertura de Núcleo deverá conter a relação de sócios que o comporá, o nome do Mestre Representante indicado, a data de abertura, endereço completo da localização, as condições de plantio de Mariri e Chacrona do Núcleo de origem e o parecer do Coordenador Regional do Departamento Jurídico confirmando o atendimento aos critérios presentes neste Boletim.

Artigo 2º - O nome do Núcleo será escolhido pelo Quadro de Mestres da Sede Geral a partir de lista com 3 (três) nomes, relacionados na ordem de preferência da direção do Núcleo a ser desmembrado.

Parágrafo Único - A indicação de nomes deve ser encaminhada para a Sede Geral e comporá o requerimento a ser encaminhado pelo Mestre Central da Região.

Artigo 3º - Os nomes "Hoasca", "Caiano", "Minguarana", "Virgem da Conceição", "Supairunã", "Natureza Divina", "Sol", "Lua", "Jesus", "Adão" e "Eva" não serão colocados em Núcleos.